

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

ANA ALICE TEIXEIRA DE LIMA COELHO

ACONSELHAMENTO PASTORAL EM CASOS DE ABUSO SEXUAL

São Leopoldo

2010

ANA ALICE TEIXEIRA DE LIMA COELHO

ACONSELHAMENTO PASTORAL EM CASOS DE ABUSO SEXUAL

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa:
Aconselhamento Pastoral

Orientador: Enio R. Mueller

São Leopoldo
2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C672a Coelho, Ana Alice Teixeira de Lima
Aconselhamento pastoral em casos de abuso sexual / Ana Alice Teixeira de Lima Coelho ; orientador Enio R. Mueller. – São Leopoldo : EST/PPG, 2010.
96 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2010.

1. Crime sexual. 2. Adultos vítimas de crime sexual na infância – Aconselhamento pastoral. I. Mueller, Enio Ronald. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

RESUMO

O abuso sexual além de ser considerado pela lei como crime é também um problema de saúde pública, cujos resultados imediatos e tardios para as vítimas englobam problemas físicos, emocionais, comportamentais e espirituais. O número de casos é subestimado nas pesquisas, pois na grande maioria não há uma denúncia oficial. A sociedade como um todo precisa se unir num esforço comum para diminuição da violência, e este tipo de problema deve ser abordado por diversos profissionais, de uma maneira interdisciplinar. A igreja cristã como instituição social não pode se abster desta responsabilidade. Seu papel vai desde a conscientização dos fieis em relação ao tema da violência até a recuperação espiritual e emocional das vítimas, através do aconselhamento pastoral. A redescoberta contemporânea do poder dos pequenos grupos é um desenvolvimento interessantíssimo nas igrejas, e o uso criativo destes grupos é uma das áreas mais promissoras do aconselhamento pastoral. Envolve não somente o pastor, mas também líderes leigos comprometidos e treinados e ainda, a comunidade como um todo, fazendo da igreja inteira um agente transformador das realidades sociais vigentes. Na experiência da Comunidade Evangélica Batista Ágape, o aconselhamento em grupo tem sido uma excelente ferramenta para ajudar vítimas adultas de abuso sexual na infância. Os grupos aplicam o método do Ministério REVER, que utiliza os Doze Passos dos Alcoólicos Anônimos com estudo bíblico e os Nove Passos do GAVS (Grupos de Apoio a vitimas de Abuso Sexual) traduzidos e organizados por Débora Kornfield, associados às ferramentas da *imaginação pela fé* e *aconselhamento pela oração*. Para o aconselhamento pastoral das famílias a Comunidade Ágape tem adaptado o método da terapeuta Cloé Madanes, que consiste em vinte passos que podem aplicar-se a uma grande variedade de casos, proporcionando apoio à vítima, aos familiares e ao abusador. Sem dúvida estas ferramentas não são as únicas que funcionam, e seria interessante que as comunidades disponibilizassem seus recursos para que houvesse uma troca de experiências, aumentando ainda mais a eficiência de suas abordagens na tentativa de diminuir o impacto negativo do abuso sexual na sociedade.

Palavras-chave: abuso sexual, aconselhamento pastoral, grupos.

ABSTRACT

Sexual abuse is not only considered a crime before the law, is also a public-health problem, with both immediate and later-appearing effects on the victims which include physical, emotional, behavioral and spiritual problems. Society as a whole needs to join in a common effort to reduce the incidence of violence, and this type of problem needs to be addressed by people from several professions, in an interdisciplinary manner. The Christian church, as a social institution, must not abdicate this responsibility. Its role ranges all the way from raising the awareness of its members concerning the issue of violence, to the vitally important spiritual and emotional recovering of the victims across counseling pastoral. The present-day rediscovery of the power of small groups is one of the most promising areas of pastoral counseling. This approach involves not only the pastor but also committed and trained lay leaders, and also the entire congregation, thus making the whole church into an agent of change with regard to what is happening in society. In the experience of the Ágape Evangelical Baptist Community, group counseling has been an excellent tool for helping adults who in childhood were victims of sexual abuse. These groups apply the method of REVER Ministry, which uses the Twelve Steps of Alcoholics Anonymous, along with Bible study and the Nine Steps of Support Groups for Victims of Sexual Abuse, translated and organized by Deborah Kornfield, linked with the tools of *faith imagination* and *prayer counseling*. For the pastoral counseling of families, the Ágape Community has adapted the method of therapist Cloé Madanes, consisting of twenty steps which can be applied in a great variety of cases, providing support for the victim, his/her family members and the abuser. Doubtless these tools are not the only ones that produce results, so it would be helpful if the communities would make available their resources so that there could be an exchange of experiences, thus increasing even more the efficiency of their approaches that seek to diminish the negative impact of sexual abuse on society.

Key words: sexual abuse, pastoral counseling, groups

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1 ABUSO SEXUAL – REVELANDO O PROBLEMA	09
1.1 Definição	09
1.1.1 Abuso Sexual como crime	09
1.1.2 Categorias de abuso sexual.....	11
1.2 Características do abuso sexual	12
1.2.1 O impacto do abuso	13
1.2.2 Sobre o abusador	14
1.2.3 Sobre as vítimas e suas famílias	15
1.3 Dados Estatísticos	16
1.4 Complicações clínicas, emocionais, comportamentais e espirituais	20
1.4.1 Resultados imediatos	20
1.4.2 Resultados intermediários.....	22
1.4.3 Resultados Tardios	25
1.4.4 Seqüelas espirituais nas vítimas de abuso sexual.....	28
2 UMA IGREJA TERAPÊUTICA INTERVINDO NAS SEQUELAS ESPIRITUAIS DO ABUSO SEXUAL	30
2.1 O sofrimento intenso e a crise de fé.....	31
2.2 Quebrar as muralhas da rejeição: da cruz ao perdão	37
2.3 Conscientização da comunidade e promoção da saúde.....	39
2.4 A suspeita de abuso na criança e no adolescente	42
2.5 Abordagem de vítimas adultas de abuso sexual.....	43
2.6 Cerimônias de sanidade.....	44
2.7 Quando a igreja favorece o abuso	45
2.8 Intervenções espirituais dramáticas	46
3 EXPERIÊNCIA DA COMUNIDADE EVANGÉLICA BATISTA ÁGAPE EM CAMPO GRANDE-MS NO ACOMPANHAMENTO DE VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL	49
3.1 Aconselhamento em grupos.....	49
3.1.1 Uso de subsídios religiosos como oração, intercessão e leitura bíblica no aconselhamento em grupos.....	50

3.2 Modelos de aconselhamento em grupos utilizados na Comunidade Evangélica Batista Ágape.....	52
3.2.1 Modelo do REVER – Restaurando Vidas e Equipando Restauradores ...	53
3.2.2 Grupos de Apoio a Vítimas de Abuso Sexual (GAVS).....	54
3.2.3 A Imaginação pela fé e o Aconselhamento pela oração	56
3.3 A família como grupo de ajuda: Uma ferramenta de intervenção para o aconselhamento familiar em casos de abuso sexual incestuoso	62
4 CONCLUSÃO	70
5 REFERÊNCIAS.....	75
6 ANEXO I.....	79
7 ANEXO II.....	82
8 ANEXO III.....	99

INTRODUÇÃO

Um dos importantes desafios da igreja cristã de hoje é ter uma compreensão do Evangelho que seja simples e ao mesmo tempo contundente, para penetrar com poder no íntimo de almas arruinadas pelo pecado. Certamente que parte desse desafio exige um trabalho voltado às questões contemporâneas que causam perplexidade à sociedade, como no caso de abuso sexual.

A violência sexual é um fenômeno universal que atinge crianças, adolescentes, mulheres e homens, independente da religião e classe social. Constitui-se em uma das mais amargas expressões de violência de gênero e numa brutal violação dos direitos humanos.

A proposta deste trabalho não é esgotar o assunto em todas as suas nuances, mas revelá-lo na intensidade e gravidade que merece, especialmente para o público cristão, para provocar o interesse e, sobretudo, para despertar a construção de ações específicas no sentido de minimizar os efeitos negativos desta ocorrência às suas vítimas.

O primeiro capítulo trata sobre a definição de abuso, suas categorias e características principais. Trata também sobre o impacto nas diversas etapas da vida da vítima e sobre seu contexto familiar. Traz uma extensa gama de sinais e sintomas físicos, emocionais e comportamentais precoces e tardios e suas sequelas espirituais. O abuso sexual é um dos poucos crimes em que a vítima se sente mais sozinha e rejeitada do que o próprio criminoso.

Vários profissionais de diversos segmentos da sociedade devem se envolver no combate à violência e especificamente à violência sexual. Pastores e conselheiros pastorais também têm sua contribuição e seu espaço e é esta a temática do segundo capítulo, para estimular o potencial terapêutico das comunidades cristãs.

No terceiro capítulo será descrita a experiência atual da Comunidade Evangélica Batista Ágape em Campo Grande – Mato Grosso do Sul, na abordagem do assunto, dando assistência não somente às vítimas adultas de abuso sexual na infância, mas também oferecendo apoio e recuperação aos abusadores e às famílias envolvidas na questão.

Existe uma crescente necessidade do ser humano de ter um espaço onde possa ser ouvido e aceito incondicionalmente. O sofrimento humano nunca esteve

tão evidente e ao mesmo tempo tão sufocado. A igreja pode ser este espaço. E ela pode influenciar a sociedade à proporção que seus membros venham a ser pessoas saudáveis e funcionais, que consigam viver o cristianismo no dia-a-dia, num ambiente de graça e empatia, curando vínculos machucados e revigorando relacionamentos.

O objetivo do trabalho é também despertar o interesse de outras comunidades que tenham experiência no assunto para um diálogo em torno do mesmo, pois a troca de experiências bem-sucedidas promove o crescimento e aperfeiçoamento do trabalho de assistência pastoral.

1 ABUSO SEXUAL – REVELANDO O PROBLEMA

A vida da gente não é uma planura
linear com tudo nos seus devidos lugares.
A gente nunca está plenamente no lugar.
Somos peregrinos da utopia
Roberto Zwetsch

1.1 Definição

O abuso sexual contra crianças e adolescentes deve ser considerado um problema de saúde pública, devido aos altos índices de incidência e prevalência e às sérias consequências para o desenvolvimento cognitivo, afetivo, social, e espiritual da vítima e de sua família. Os danos vão muito além dos problemas físicos, repercutindo de várias formas ao longo da vida da vítima, muitas vezes configurando-se como grave problema de saúde mental. Violência sexual é algo que não acaba quando termina.¹

Entende-se o abuso sexual como sendo o envolvimento de crianças e adolescentes, por adultos, mediante a força física e/ou sedução, objetivando a satisfação e o prazer destes, em atos ou jogos e práticas sexuais que vão do voyeurismo, passando pela participação em situações que causem constrangimento e deixem-nas em situação vexatória, ao intercurso sexual oral, anal ou genital, seja em relacionamentos hétero ou homossexuais, seja com a utilização para produção de fotos e vídeos pornográficos, com ou sem o consentimento/conhecimento das crianças e adolescentes na medida em que estes ainda não se encontram suficientemente maduros física e emocionalmente para participar deles com plenitude².

1.1.1 Abuso sexual como crime

O abuso sexual de crianças e adolescentes também é crime, conforme previsto no Código Penal (CP), desde 1940 , e no Estatuto da Criança e do

¹ BLASI, Marcia – *Violência sexual na Infância: rumo a um aconselhamento pastoral*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Teologia) - Faculdades EST, São Leopoldo, 1997.

² SANTOS, Beatriz Camargo dos. PROGRAMA DE APOIO A MENINOS E MENINAS. CENTRO DE DEFESA DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE BERTHOLDO WEBER. *Maus tratos e abuso sexual contra crianças e adolescentes: perfil da situação no Estado do Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: 1998.

Adolescente (ECA), desde 2000. O abuso poderia ser quantificado por meio de análise de inquéritos baseados nos artigos 213 a 218 e 226 a 228 e 234 do CP³:

(...) Estupro

Art. 213. Constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso:

Pena - reclusão, de 6 (seis) a 10 (dez) anos.

§ 1º Se da conduta resulta lesão corporal de natureza grave ou se a vítima é menor de 18 (dezoito) ou maior de 14 (catorze) anos:

Pena - reclusão, de 8 (oito) a 12 (doze) anos (...)

Assédio sexual

Art. 216-A. Constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função.

Pena – detenção, de 1 (um) a 2 (dois) anos. (...)

§ 2º A pena é aumentada em até um terço se a vítima é menor de 18 (dezoito) anos.

Art. 217-A. Ter conjunção carnal ou praticar outro ato libidinoso com menor de 14 (catorze) anos:

Pena - reclusão, de 8 (oito) a 15 (quinze) anos. (...)

§ 3º Se da conduta resulta lesão corporal de natureza grave

Pena - reclusão, de 10 (dez) a 20 (vinte) anos (...)

Corrupção de menores

Art. 218. Induzir alguém menor de 14 (catorze) anos a satisfazer a lascívia de outrem:

Pena - reclusão, de 2 (dois) a 5 (cinco) anos

Satisfação de lascívia mediante presença de criança ou adolescente

Art. 218-A. Praticar, na presença de alguém menor de 14 (catorze) anos, ou induzi-lo a presenciar, conjunção carnal ou outro ato libidinoso, a fim de satisfazer lascívia própria ou de outrem:

Pena - reclusão, de 2 (dois) a 4 (quatro) anos.

Ocorre aumento da pena quando o agressor é o pai, padrasto, parente, ou de alguma maneira exerce alguma autoridade sobre a criança ou adolescente; e também se o crime resultar em gravidez ou levar a vítima a contrair algum tipo de doença sexualmente transmissível.

Art. 226. A pena é aumentada:

I – de quarta parte, se o crime é cometido com o concurso de 2 (duas) ou mais pessoas;

II – de metade, se o agente é ascendente, padrasto ou madrasta, tio, irmão, cônjuge, companheiro, tutor, curador, preceptor ou empregador da vítima ou por qualquer outro título tem autoridade sobre ela;

Mediação para servir a lascívia de outrem

Art. 227 - Induzir alguém a satisfazer a lascívia de outrem:

Pena - reclusão, de um a três anos.

§ 1º Se a vítima é maior de 14 (catorze) e menor de 18 (dezoito) anos, ou se o agente é seu ascendente, descendente, cônjuge ou companheiro, irmão,

³ CÓDIGO PENAL BRASILEIRO – Disponível em <<http://www.codigopenal.adv.br/#a213>> Acesso em 22 de abril de 2010.

tutor ou curador ou pessoa a quem esteja confiada para fins de educação, de tratamento ou de guarda:

Pena - reclusão, de dois a cinco anos.

§ 2º - Se o crime é cometido com emprego de violência, grave ameaça ou fraude:

Pena - reclusão, de dois a oito anos, além da pena correspondente à violência.

§ 3º - Se o crime é cometido com o fim de lucro, aplica-se também multa. (...)

Favorecimento da prostituição ou outra forma de exploração sexual

Art. 228. Induzir ou atrair alguém à prostituição ou outra forma de exploração sexual, facilitá-la, impedir ou dificultar que alguém a abandone

Pena - reclusão, de 2 (dois) a 5 (cinco) anos, e multa

§ 1º Se o agente é ascendente, padrasto, madrasta, irmão, enteado, cônjuge, companheiro, tutor ou curador, preceptor ou empregador da vítima, ou se assumiu, por lei ou outra forma, obrigação de cuidado, proteção ou vigilância:

Pena - reclusão, de 3 (três) a 8 (oito) anos. (...)

Art. 234-A. Nos crimes previstos neste Título a pena é aumentada (...)

III - de metade, se do crime resultar gravidez; e

IV - de um sexto até a metade, se o agente transmite à vítima doença sexualmente transmissível de que sabe ou deveria saber ser portador

Quando os abusos sexuais cometidos contra crianças e adolescentes ocorrem dentro de casa e são perpetrados por parentes (laços de consanguinidade) ou um adulto próximo que desempenhe papel de cuidador (tutor, membro da família, ou familiar à criança) são denominados intrafamiliares ou incestuosos.

Os Conselhos Tutelares são órgãos não jurisdicionais, autônomos e que têm como finalidade garantir o cumprimento dos direitos da infância e da juventude, aplicando inclusive medidas de proteção quando necessárias, entre outras instâncias, propostas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. A implantação e implementação deles nos municípios têm possibilitado uma maior visibilidade para as situações de abuso sexual e de maus-tratos em nossa sociedade.

Porém, diversos serviços são necessários para montar uma rede de cuidado e proteção às crianças e adolescentes numa cidade: unidades de saúde, hospitais, escolas, conselhos tutelares, SOS - criança, Delegacia da Criança e do Adolescente, Secretaria de Assistência Social, Conselho de Direito da Criança e do Adolescente, Promotoria e Juizado da Infância e Juventude, igrejas e ONGs trabalhando de maneira integrada com a sociedade.

1.1.2 Categorias de abuso sexual

Dan B. Allender define duas grandes categorias de abuso sexual: contato sexual e interação sexual⁴. *Contato sexual* envolve qualquer tipo de toque físico que objetiva o despertar de desejo sexual (físico ou psicológico) na vítima ou naquele que comete o abuso. Contato físico pode abranger, em nível muito severo, relações sexuais forçadas ou não, sexo anal ou oral; em nível severo, encontram-se a estimulação forçada ou não da vagina (incluindo penetração), carícias nos seios ou qualquer forma de simulação de uma relação; em nível menos severo, encontram-se beijos sensuais forçados ou não, toque nos seios, nádegas, coxas ou genitais por cima da roupa. As categorias implicam uma graduação de severidade, mas todo contato sexual não apropriado é perverso e danoso à alma.

Interações sexuais são mais difíceis de serem reconhecidas pelo fato de não envolverem contato físico e, portanto, não parecerem tão severas. Podem ser qualificadas como visuais, verbais ou psicológicas. Abuso sexual visual envolve interações em que crianças são forçadas ou convidadas a assistir a cenas ou imagens que despertem desejos sexuais ou quando são observadas nuas pelo agressor, de forma que excite um adulto. O abuso sexual verbal envolve comentários sobre o corpo da criança ou adolescente por parte do adulto, sugestões ou abordagens sedutoras. Palavras abusivas relacionadas ao sexo causam o mesmo dano de um contato sexual abusivo. O abuso sexual psicológico ocorre através de meios visuais ou verbais (normalmente ambos) e vai envolver um tipo de comunicação mais sutil, não específica, rompendo a barreira entre adultos e crianças. Como por exemplo, interesse excessivo em menstruação, roupas, maturidade sexual ou violação de limites como, por exemplo, uma mãe que busca conselhos ou conforto com um filho adolescente sobre os problemas sexuais que ela tem com o pai dele.

1.2 Características do abuso sexual

Cada pessoa sofre o abuso de um modo único, portanto pensar nas causas da violência que vitimiza crianças e adolescentes, implica a necessidade de compreendê-las como resultado de interações de fatores individuais (biológicos e

⁴ ALLENDER, Dan B. - *Lágrimas Secretas* - cura para vítimas de abuso sexual na infância. Mundo Cristão, São Paulo, 1999.

psicológicos) e sociais (culturais, econômicos e políticos), o que em cada situação particular deverá ser avaliado e servir com base para as intervenções possíveis e necessárias.

Muitos estudos têm comprovado a alta prevalência desse fenômeno que é de distribuição global, endêmica e epidêmica em determinadas regiões, afetando crianças e adolescentes em todas as sociedades e grupos socioeconômicos. Embora o desemprego e as dificuldades econômicas sejam fatores de risco para a violência, é importante salientar que o abuso sexual é um fenômeno que ocorre em todos os níveis sociais. Famílias de classe média e alta podem ter condições melhores de encobrir o abuso, pois geralmente as crianças são levadas para clínicas particulares, podendo-se abafar a situação.

No Brasil, o abuso sexual, entre outros fatores, pode estar relacionado à pobreza, ao desemprego, à falta de perspectiva educacional e profissional dos pais, à forma de organização e a distribuição de poder e dos papéis no interior da família e às relações de dominação-exploração entre homens e mulheres e entre adultos e crianças estabelecidas historicamente.

1.2.1 O impacto do abuso sexual

O impacto do abuso sexual depende de diversos fatores tais como: a familiaridade entre a criança e o abusador (relações sexuais incestuosas), a saúde emocional prévia da vítima, o tipo de atividade sexual, a duração e frequência dos episódios abusivos, a reação dos outros familiares à descoberta do abuso, a atribuição de responsabilidade à criança diante do abuso, o desfecho familiar após sua descoberta, se a vítima recebe recompensa pelo abuso e se o perpetrador nega que o abuso aconteceu.

Também deve ser levada em conta a idade da criança quando se iniciou o abuso, a presença de outros tipos de violência na família (física ou psicológica), a negligência dos pais às necessidades básicas de sobrevivência da criança, a situação socioeconômica da família, o acesso à educação e o respeito à fala da criança, geralmente desconsiderada.

Há também a falta de suporte interdisciplinar e o despreparo dos profissionais de saúde e educação para atuar nestas situações, fazendo com que muitos casos não sejam notificados, registrados e encaminhados para as entidades

responsáveis. Ou mesmo quando encaminhados adequadamente, emperram em alguma parte do sistema. Há também situações em que o profissional que nomeia o abuso, passa a ser visto como a pessoa que na realidade criou o abuso, recebendo por isso a culpa pela crise familiar.⁵

Não é incomum encontrar vítimas que tenham sofrido abuso por vários membros da família, vizinhos, professores, namorados, conselheiros ou patrões⁶. O encobrimento das relações incestuosas e de outros tipos de abuso sexual contribui para que estes se perpetuem por longos períodos, agravando seus efeitos deletérios. Isso acaba comprometendo o desenvolvimento psicosssexual da criança ou adolescente, cujas conseqüências são carregadas para sua vida adulta, e ainda mais, impossibilitando o tratamento do agressor.

1.2.2 Sobre o abusador

O agressor é, na maioria dos casos, do sexo masculino, e deve ser considerado como uma pessoa com dificuldades psicoemocionais, incapaz de colocar limites e de estabelecer relacionamentos maduros e independentes com pessoas de sua faixa etária. Frequentemente apresentam patologias graves do ponto de vista do desenvolvimento psicosssexual; alguns traços de personalidade incluem estados psicóticos ou perversos, depressão, baixo controle dos impulsos, problemas neurológicos, baixa tolerância ao *stress*, bem como uso de álcool e outras drogas. Deve ser visto como alguém que está perturbado e precisa de ajuda profissional.

O abusador sexual de crianças é geralmente uma pessoa de inteligência normal; está presente em qualquer grupo socioeconômico, sendo tratado de forma clandestina, principalmente em famílias de classe média ou rica. No Brasil, o perfil do abusador com base em 1565 denúncias feitas entre os anos de 2000 e 2003, pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (ABRAPIA) é o seguinte: 90% dos abusadores são do sexo masculino; 58% estavam na faixa etária que se estende desde os 18 aos 45 anos; e 21% tinham mais de 45

⁵ NUNES, Cristina Brandt. *A violência intrafamiliar contra a criança e o adolescente na perspectiva de profissionais de saúde*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em Ciências, Universidade Federal de São Paulo, Escola Paulista de Medicina, São Paulo, 2007.

⁶ ALLENDER, 1999, p. 63

anos; 59% possuíam vínculo biológico ou de responsabilidade com a vítima, enquanto 41% não possuíam tal vínculo⁷.

Alguns estudos demonstram que uma parcela significativa de abusadores foi abusada durante a infância. Aqui a vitimização do próprio abusador quando criança pode ser um fator chave, já que os modos como ele foi tratado (abusado) podem ser um fator que predispõe a atos de abuso e ao modo como vê as crianças. Contudo, é válido destacar que os abusos sofridos pelos abusadores não são necessariamente apenas de ordem sexual. Os abusos podem ser físicos e psicológicos. Pesquisas que utilizam apenas uma entrevista do abusador podem subestimar o índice daqueles que foram vitimizados na infância⁸.

1.2.3 Sobre as vítimas e suas famílias

O perfil das vítimas escolhidas é preferencialmente meninas pequenas (menos de 8 anos, o que aumenta a chance de os abusos não serem denunciados), da família ou próximas ao abusador. Abusadores escolhem crianças bonitas, amigáveis, que têm confiança neles. Em geral, optam por crianças “vulneráveis”, por exemplo: a mais nova, para que não fale; aquela da qual as pessoas zombam; a que parece mais carente. Inicialmente ganham a confiança da criança brincando ou presenteando, tocando com carinho para depois investirem num contato sexual.^{9,10}

Se o abusador for o pai ou padrasto, na maioria dos casos a mãe fica sabendo. E ela na maioria dos casos, não faz nada. E por quê? Porque tem medo: medo de perder o sustento, medo da violência, do escândalo na comunidade, medo de perder o filho, e até mesmo medo de enfrentar sua incapacidade de proteger os filhos, etc. Talvez possa ser ela mesma, uma vítima no passado de abuso sexual, que nunca recebeu para si o apoio que precisava. A falta de estrutura emocional e a baixa autoimagem fazem com que se sinta impotente e tolere este tipo de situação. O pacto do silêncio faz parte de uma doença familiar.

⁷ MOURA, Andreína S; KOLLER, Silvia H. *A criança na perspectiva do abusador sexual*. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007, p. 33

⁸ MOURA, 2007, p. 40

⁹ MOURA, 2007, p. 35

¹⁰ GABEL, Marceline. *Crianças vítimas de abuso sexual* – São Paulo: Summus, 1997

A família incestuosa tem muito em comum com outras famílias disfuncionais, quer sejam famílias alcoólatras ou viciadas em drogas, famílias de filhos de alcoólatras que nunca receberam ajuda para substituir padrões de relacionamento doentios com práticas saudáveis, ou famílias extremamente rígidas e legalistas. Em todas as famílias em questão, o clima predominante é de tensão emocional, pois nunca se sabe quando acontecerá uma crise de perda de controle emocional, de punição severa e imerecida, de explosões de raiva ou de abuso emocional ou físico. Segurança, respeito, amor, carinho e confiabilidade são recursos escassos.

Diane Langberg identifica cinco tipos de famílias abusivas¹¹;

1. Pai ou padrasto dominante, autoritário, misoginista, machista, frequentemente alcoólatra; mãe quieta, passiva, medrosa, também vítima;
2. Mãe dominante: os filhos existem para satisfazer os desejos e necessidades dela. Pai passivo, com baixa autoestima;
3. Família caótica e desorganizada, os dois pais viciados. Os filhos cuidam de si mesmos;
4. Pai dominante, estilo machista, tradicional. Mãe egoísta, narcisista, manipuladora. Às vezes estas mães abusam de seus filhos;
5. Família vacila entre mãe-dominante e caótica (quando ela perde o controle) e pai ausente

Independente de ser um desses tipos, ou outra variação, existem quatro características que definem, basicamente, uma família abusiva: despotismo, falta de limites, confusão de papéis e “toxicidade” (do ponto de vista de que os pais são os exemplos que as crianças possuem e aos quais seguem). Além dessas características, a família também tem que lidar com o “segredo” que, comumente, todos os componentes ficam sabendo, mas não têm coragem, nem conhecimento do que fazer a respeito ou recursos para realizar alguma intervenção efetiva.

1.3 Dados estatísticos

¹¹ LANGBERG, Diane M. *Abuso Sexual: aconselhando vítimas*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002, p. 66

Quantos crimes de abuso e exploração sexual contra crianças e adolescentes aconteceram em nosso país no último ano? Qual é o estado ou a capital com maior incidência desse delito? Qual a idade média das vítimas? Pelo menos por enquanto, ninguém pode responder essas questões com dados precisos. Aqui no Brasil não existe uma estatística real sobre a ocorrência do abuso sexual. Segundo dados da ONU, uma em cada cinco mulheres brasileiras sofre violência sexual.^{12, 13}

Alguns estudos epidemiológicos têm sido desenvolvidos com o objetivo de investigar a incidência e a prevalência do abuso sexual, bem como analisar indicadores psicológicos e sociais associados a este fenômeno. Infelizmente, as variadas formas de definição e categorização, as diferentes metodologias e o tratamento aos quais os dados são submetidos impossibilitam uma melhor compreensão do fenômeno, e o que é mais grave, fornecem às vezes um quadro distorcido do problema, tornando-se urgente um amplo debate sobre este tema.

Deve-se destacar que nesse tipo de levantamento, sabidamente há um sub-registro dos delitos. Estima-se que apenas 2 em cada 10 casos são denunciados. A maioria dos casos nunca é revelada devido aos sentimentos de culpa, vergonha, ignorância e tolerância da vítima. Ocorre também a dificuldade de alguns em perceber certo ato como violência ou delito.

Esta dificuldade em ter estatísticas sobre os casos de abuso ocorre também em outros países. Na maioria, o que há, então, são estimativas para a prevalência dos casos de abuso. Pesquisas feitas nos Estados Unidos, Europa, África e Ásia mostram dados assustadores, não muito diferentes dos nossos. Um estudo realizado nos Estados Unidos entre 2003 e 2005 com 3429 mulheres apontou que 27,5% delas sofreram abuso quando crianças, e 33% declararam ter sofrido violência sexual e física na infância¹⁴.

O Centro Nacional de Crianças Abusadas e Negligenciadas, também nos Estados Unidos, registra por ano cerca de 100.000 casos de abuso sexual, sendo o

¹² Panfleto elaborado pela secretaria da Justiça e Segurança/RS. Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente – CEDICA. Comissão Estadual de Conselhos Tutelares/RS

¹³ BLASI, 1997, p. 9

¹⁴ THOMPSON R.S., BONONI A.E., ANDERSON M., REID R.J., DIMER J.A., CARREL D., et al. Intimate partner violence prevalence, types, and chronicity in adult women. *Am J Prev Med* 2006;30 (6): 447-57 *apud* MOURA, Leides B A. *Empoderamento Comunitário* – uma proposta de enfrentamento de vulnerabilidades. Brasília: Letras Livres, 2008.

número estimado algo entre 200.000 a 500.000 casos, significando que somente 20% a 50% dos casos são notificados.¹⁵

A violência sexual contra crianças e mulheres não é um fenômeno contemporâneo, ele faz parte de diferentes culturas e épocas onde pouco se valorizava a figura feminina e a infância. É a expressão mais cruel do abuso de poder. A violência sexual é uma manifestação das relações de poder historicamente desiguais entre homens e mulheres.¹⁶

A falta de dados uniformes é um obstáculo tanto para a realização de pesquisas que se aproximem da realidade quanto para formulação de políticas nacionais voltadas à resolução deste problema, promovendo intervenções preventivas e terapêuticas para as crianças e adolescentes e para suas famílias. Mesmo assim, os levantamentos sobre ocorrências no Brasil mostram números impressionantes.

Os resultados têm apontado que a maioria dos abusos sexuais contra crianças e adolescentes ocorre dentro da casa da vítima e configuram-se como abusos sexuais incestuosos, sendo que o pai biológico ou padrasto aparece como principal perpetrador. Ocorre, também, uma maior prevalência em meninas, principalmente entre os abusos incestuosos. Os meninos, em geral, são as maiores vítimas dos maus-tratos, do abandono e da violência física.

A idade de início é bastante precoce, sendo que a maioria se concentra entre os 5 e os 8 anos de idade. A mãe é a pessoa mais procurada na solicitação de ajuda e a maioria dos casos é revelada, em geral, pelo menos um ano depois do início do abuso sexual.¹⁷

Em Porto Alegre, uma análise realizada em 71 processos jurídicos do Ministério Público do Rio Grande do Sul, no período entre 1992 e 1998, por violência sexual, apontou a maioria das vítimas do sexo feminino (80,9%), com idades entre cinco e dez anos (36,2%). Os pais foram os agressores em 57,4%%, seguidos pelos padrastos ou pais adotivos (37,2%) das vítimas. A violência sexual foi denunciada pela mãe da vítima em 37,6% dos casos, pela própria vítima em 29% dos casos, por

¹⁵SANTOS, Hélio de Oliveira. *Crianças Violadas*. CENTRO BRASILEIRO PARA A INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA. Brasília: CBIA, CRAMI, 1991.

¹⁶MURARO, Rose Marie – *A Mulher no Terceiro Milênio: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro* – 2 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

¹⁷HABIGZANG, Luísa F.; KOLLER, Silvia H.; AZEVEDO, Gabriela A; MACHADO, Paula X. Abuso Sexual Infantil e Dinâmica Familiar: Aspectos Observados em Processos Jurídicos – *Psi.: Teor. E Pesq.*, Vol. 21 n.3, Brasília, set-dez 2005, pg. 341-348

outros parentes em 15,1%, e, por instituições, tais como, escola, hospital e departamento de polícia em 6,5% dos casos¹⁸.

De 230 casos de crimes sexuais notificados e submetidos à perícia médica legal em Cuiabá de janeiro a dezembro de 2004, as principais vítimas eram: crianças (27,7%) e adolescentes (43,9%). Dessas, 92% eram do sexo feminino. Os agressores eram pessoas conhecidas das vítimas em 60,4% dos casos e 30,9% sofreram o abuso em sua própria casa. O agressor na maioria dos casos foi o padrasto (41,7%), seguido do pai biológico (29,2%) e parente ou amigo próximo (16,7%).¹⁹

Em levantamento realizado de abril a junho de 2002 pelo Sistema Nacional de Combate à Exploração Sexual Infanto-Juvenil, foram feitas 250 denúncias de abuso sexual, sendo 52,86% de abusos cometidos por familiares e 47,14% de abusos cometidos fora da família.²⁰

Venturi e cols.²¹ realizaram um estudo brasileiro com 2502 mulheres a partir de 15 anos, em amostragem nacional, em 24 estados. Constatou-se que 43% dessas mulheres já haviam sofrido violência praticada por um homem na vida. Um terço (33%) afirmou ter sofrido alguma forma de violência física em algum momento da vida. 13% sofreu violência sexual (fossem relações sexuais forçadas, fossem histórias de abuso) e 11% relataram assédio sexual.

O Serviço de Advocacia da Criança fez uma pesquisa, a partir de processos registrados em 1988, 1991 e 1992, e concluiu que das 20.400 denúncias de maus-tratos, 13% se referiam a situações de abuso sexual, o que resulta em 2.700 novos casos a cada ano²².

Em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, 78% das denúncias registradas no SOS Criança referentes a crianças e adolescentes em 2004 e 2005 envolveram o

¹⁸ HABIGZANG, 2005

¹⁹ SQUIZZATTO, Ana; PEREIRA, Wilza. *Violência sexual* – caracterização dos registros realizados em 2004 pela Coordenadoria Geral de Medicina Legal de Cuiabá – MT. Artigo baseado em monografia do Curso de Especialização em Saúde Mental, Escola de Saúde Pública, Universidade Federal do Mato Grosso em parceria com a Secretaria de Estado de Saúde (SES). Disponível em <www.seguranca.mt.gov.br/politec/3c/artigos/Seminario_ana.squizzato.pdf> Acesso em 01 de abril de 2010.

²⁰ PADILHA, Maria da Graça; GOMIDE, Paula Inês Cunha. Descrição de um processo terapêutico em grupos para adolescentes vítimas de abuso sexual. *Estudos de Psicologia* 2004, 9(1), 53-61.

²¹ VENTURI G; RECAMAN M; OLIVEIRA S. *A mulher brasileira nos espaços público e privado*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001 *apud* MOURA, 2008

²² ZAPPA, Adair; JUKEMURA, Ricardo; FISBERG, Mauro e MEDEIROS, Élide. *Estatísticas e epidemiologia da violência Estatuto da Criança e do Adolescente* encontrado no site no dia 02 de abril de 2010 <http://br.monografias.com/trabalhos2/estatisticas-epidemiologia-violencia/estatisticas-epidemiologia-violencia2.shtml> e o Artigo Original: Revista: *PEDIATRIA MODERNA* - Edição: Nov 2000 V 36 N11.

ambiente familiar. A violência sexual foi predominante no sexo feminino dos 7 aos 12 anos de idade e teve como principal agente perpetrador o padrasto, seguido pelo pai.²³

O abuso sexual causa traumas profundos em suas vítimas. E mesmo naqueles casos que poderíamos chamar de “abuso leve”, nos quais o agressor é um estranho, acontece apenas uma vez e a vítima vive num contexto familiar amoroso e apoiador, a caminhada de volta à saúde emocional, ainda assim, é longa e complicada. Trataremos dos efeitos imediatos e tardios do abuso sexual em seguida.

1.4 Complicações clínicas, emocionais, comportamentais e espirituais

1.4.1 Resultados imediatos

A magnitude das lesões está associada à gravidade do ato sexual e presente em pequeno número de casos, tendo em vista que a maioria dos abusos, o que é importante salientar, não deixam vestígios físicos. Os sinais agudos de abuso sexual são lacerações ou roturas himenais dos pequenos lábios, períneo, vagina, injúrias mamárias e outros traumas corporais associados, incluindo equimoses, marcas de mordidas ou fraturas e ainda lacerações anais.

Os sintomas físicos são simbolicamente a concretização, ao nível do corpo, e do comportamento, daquilo que a criança sofreu e do que fantasiou. A criança viveu uma experiência de violação de seu corpo e reage, independentemente da idade, de forma somática.

As queixas somáticas são habituais: mal-estar difuso, impressão de alteração física, dores ósseas. Muitos sintomas estão relacionados às manifestações de doenças sexualmente transmissíveis, corrimento genital, infecções recorrentes do trato urinário, sangramento vaginal, aderência dos grandes lábios e gravidez. Em crianças menores pode ocorrer enurese noturna e encoprese (sobretudo nas que sofreram penetração anal, pelo relaxamento dos esfíncteres ano-retais), distúrbios

²³ NUNES, 2007, p. 13

do sono e de alimentação. Micção com dor na genitália, em meninas, encontra-se frequentemente associada a abuso sexual.²⁴

Deve-se estar atento às alterações comportamentais bruscas em casa, na escola ou outro ambiente. Elas podem estar relacionadas à regressão do desenvolvimento; a presença de tiques nervosos, como exemplo o ato de sucção dos dedos.. São observadas manifestações de ansiedade, depressão, tentativa de suicídio, agressividade e automutilação (como cortes e outros ferimentos, queimaduras e outros acidentes).

Em um estudo canadense de Ontário, envolvendo 125 crianças com menos de seis anos de idade, hospitalizadas por abuso sexual, dois terços das crianças examinadas manifestavam reações psicossomáticas e desordens no comportamento: pesadelos, medos, angústias; 18% apresentavam anomalias no desenvolvimento sexual: masturbação excessiva, objetos introduzidos na vagina e no ânus, comportamento de sedução, pedido de estimulação sexual, conhecimento da sexualidade adulta inadaptado para sua idade.²⁵

Um estudo americano da Universidade de Portland estado do Arizona comparou 202 crianças, de menos de 7 anos, divididas em 3 grupos: vítimas 1) de violências sexuais; 2) de violências físicas; 3) de problemas psiquiátricos diversos. Todas passaram por consulta no setor de saúde mental. Os sintomas eram sensivelmente equivalentes nos 3 grupos, à exceção dos comportamentos sexuais inadequados que foram registrados com significativa frequência no primeiro grupo e mostraram-se idênticos aos descritos pela equipe de pesquisa canadense.²⁶

As perturbações do sono constantes traduzem a angústia de “baixar a guarda” e ser agredido sem defesa; observa-se a recusa de crianças menores em ir deitar-se, agarrando-se ao adulto não implicado; do mesmo modo, observam-se rituais de averiguação, de prevenção ao colocar em torno da cama objetos que possam fazer barulho caso alguém se aproxime; certas crianças dormem completamente vestidas. O despertar angustiado durante a noite também é muito frequente e se manifesta sob forma de pesadelos. Em geral, ao menos temporariamente, ocorre o prejuízo das funções intelectuais e criadoras. A vítima

²⁴ SANTOS, 1991, p. 40

²⁵ GABEL, 1997, p. 62

²⁶ GABEL, 1997, p. 63

para de brincar, desinteressa-se pelos estudos, fecha-se em si mesma, torna-se morosa ou inquieta²⁷.

Quando o abuso sexual é revelado, é a maneira como a criança está cercada que determina sua reação; além disso, se ela não estiver preparada, as investigações médicas e judiciais às quais deve se submeter podem produzir novo trauma.

Nos adolescentes podemos associar dores abdominais inexplicáveis, perda de apetite, alterações do trato geniturinário, crises de falta de ar, desmaios, terror noturno e insônia. Observam-se também comportamentos histéricos e de automutilação. Chama a atenção nas adolescentes vítimas de estupro, a presença de fobias diversas como medo de deixar a residência, medo de estranhos, perda de interesse de relacionamento com o sexo oposto, desinteresse pelo tratamento. É importante ressaltar que muitos desses sintomas estão presentes em crianças e adolescentes que não foram vítimas de abuso sexual.²⁸

Na França, uma equipe especialista no acolhimento de adolescentes vítimas de abusos sexuais constatou que numa série de 30 adolescentes, pelo menos 22 haviam tentado uma vez o suicídio. Foram constatados também estados depressivos, dificuldades acentuadas no desenvolvimento escolar, fugas, anorexia, distúrbios sem substrato orgânico que causavam sérios problemas físicos e toxicomania.²⁹

Observa-se em muitos casos, que no momento da revelação se produzem graves descompensações: tentativas de suicídio, fugas, prostituição, toxicomania ou manifestações psicóticas; a criança parecia adaptar-se a situação, a coesão do EU era mantida pela dominação do parceiro; no momento da revelação, a criança encontrar-se-á só, sem pontos de referência, exposta à confusão. Essas perturbações também se manifestam no momento em que se rompem elos pedófilos fora da família, quando estes são descobertos ou quando a relação cessa porque a criança cresceu.³⁰

1.4.2 Resultados intermediários

²⁷ GABEL, 1997, p. 67

²⁸ SANTOS, 1991, p. 41

²⁹ GABEL, 1997, p. 63

³⁰ Cf. FERENCZI, 1936 apud GABEL, 1997, p. 45-47

Para muitas sobreviventes de abuso, o choque emocional da experiência prolongada de abuso é tão forte que elas não têm condições psicológicas de suportá-lo. Muitas vezes, a mente consciente da criança nega o fato, “mandando” tudo para o subconsciente até que mais tarde, não consegue se lembrar do abuso e nem das outras circunstâncias daquela época vivida. Às vezes, um longo período de anos se “perde” da memória consciente.

Em sua dimensão consciente e inconsciente, a culpa está muito presente na criança. Um dos mecanismos que procura explicar essa culpa é a *identificação* com o agressor, descrito pelo psicanalista Ferenczi³¹. Ele descreveu-o analisando especialmente os quadros de sedução incestuosas. No incesto, um adulto e uma criança se amam; esse jogo pode ganhar um contorno erótico, mas, não obstante, permanece sempre no nível da ternura. Adultos com predisposições psicopatológicas confundem a brincadeira da criança com os desejos de uma pessoa sexualmente madura e se deixam envolver em atos sexuais sem pensar nas consequências.

Prossegue analisando que o primeiro movimento da criança seria a recusa, o ódio, o nojo, uma resistência violenta, se não fosse inibida por um medo intenso. As crianças se sentem física e moralmente indefesas; a força e a autoridade esmagadora dos adultos as emudecem, e podem até fazê-las perder a consciência. Mas esse medo, quando atinge o ápice, obriga-as a se submeterem automaticamente à vontade do agressor, a adivinhar seu menor desejo, a obedecer esquecendo-se completamente e a identificar-se totalmente com o agressor. O que importa nesta observação é a hipótese de que a personalidade ainda precariamente desenvolvida reaja ao brusco desprazer, não pela defesa, mas pela identificação ansiosa e pela introjeção daquele que a ameaça ou agride. O silêncio é o medo em seu volume máximo.

Nesta identificação com o agressor, este desaparece enquanto realidade exterior e torna-se intrapsíquico, provocando no espírito da criança a introjeção do sentimento de culpa do adulto. A criança vive uma enorme confusão: ela se sente ao mesmo tempo inocente e culpada, e sua confiança no testemunho de seus próprios sentidos está abalada. A isso se soma o comportamento grosseiro do adulto, ainda mais irritado e atormentado pelo remorso, o que torna a criança mais profundamente

³¹ GABEL, 1997, p. 45-47

consciente de seu erro e ainda mais envergonhada. Partindo-se deste pressuposto podemos compreender por que vítimas adultas de incesto se recusam muitas vezes a reagir pela defesa ao dano que lhe foi causado.

As ameaças pelo abusador sobre o “segredo” que compartilham tornam o efeito da revelação ainda mais perigoso que o próprio ato. A criança impotente e vulnerável cai na armadilha e se adapta; a revelação é tardia e não convence. Os adultos, em geral, não compreendem os comportamentos da criança neste momento específico, e muitas vezes o segredo e a tolerância delas ao abuso reforçam seus julgamentos preconceituosos, desacreditando-as e apoiando o agressor. Ela se torna assim duplamente vítima: dos abusos sexuais e da incredulidade.

As crianças são ensinadas a desconfiarem de estranhos, mas simultaneamente a serem obedientes e afetuosas com todos os adultos que cuidam delas. Os adultos que abusam de crianças descobrem rapidamente que estabelecendo uma relação de confiança com elas, aumentam a chance de envolvê-las como parceiras sexuais, obtendo o prazer que procuram e saindo ilesos da situação. As medidas judiciais que são tomadas em relação ao adulto incestuoso provocam quase sempre um rompimento da família, do qual a criança é considerada responsável, agravando sua culpa. Os abusos sexuais fora da família são denunciados com mais facilidade pela criança.

Alguns autores acreditam que todas as vítimas de incesto reprimem o que aconteceu de uma forma ou de outra. Para algumas, o trauma pode ser tão severo que as leva a outro tipo de dissociação psíquico emocional, resultando, por exemplo, numa personalidade múltipla ou noutra manifestação de dissociação ligada a trauma psíquico profundo. Frequentemente, para aguentar um episódio de abuso, uma vítima “separa” o seu consciente daquilo que está acontecendo, transportando-se, da realidade tão penosa nos momentos de abuso, para um mundo de fantasia ou a um “lugar” distante.³²

Essa prática pode virar costume, ocorrendo automaticamente quando acontecer um fato desagradável. Um efeito disso é que pouco se aprende a lidar com responsabilidade às desavenças da vida e a maneira aprendida de lidar com as circunstâncias negativas é a fuga.

³² LANGBERG, 2002, p. 69-71

Diante disso, o que acontece é que a grande maioria das vítimas procura ajuda apenas quando já estão adultas e com muitas dificuldades em lidar com os desafios do seu cotidiano e com seus relacionamentos devido ao trauma sofrido no passado.

1.4.3 Resultados tardios

Os efeitos a longo prazo do abuso sexual em crianças podem ser bastante amplos. A maioria das vítimas tem pouca chance de obter ajuda para acabar com o abuso, de modo que os efeitos imediatos não são tratados e continuam a determinar o desenvolvimento da criança, bem como a pessoa adulta que ela será.

É importante entender, como já dissemos anteriormente, que a gravidade da situação é mediada não somente por fatores como duração e frequência do abuso e do relacionamento da criança com o abusador, mas também por meio de outros fatores como variáveis da personalidade, da dinâmica familiar e outras figuras de autoridade na vida da criança. Nem todas as crianças e adolescentes respondem da mesma maneira ao abuso, até mesmo quando a experiência é semelhante. Nem todo adulto vítima na infância tem os mesmos sintomas e seqüelas. Podemos, porém, identificar alguns indicadores de que o abuso tenha acontecido.

Débora Kornfield organizou uma lista de efeitos pós-incesto³³, extraído do livro *Secret Survivors*, de E. Sue Blume³⁴. Esta lista contém itens que, sozinhos, podem ter uma diversidade de causas. O que os torna significativos em termos de incesto, especialmente para alguém que não se lembre de ter sofrido tal experiência, é o agrupamento de um grande número destas características. Em média, sobreviventes de incesto se identificam com pelo menos 25 destes 34 itens. Às vezes, o ato de identificar estas características em sua vida é o suficiente para que o sobrevivente comece a lembrar do passado³⁵.

³³ Cf. Anexo 1

³⁴ KORNFIELD, Débora. *Vítima, Sobrevivente e Vencedor! Perspectivas sobre abuso sexual*. São Paulo: Sepal, 2000.

³⁵ Se um conselheiro decidir usar esta lista de forma diagnóstica, ele não deve de forma alguma sugerir para o aconselhado que está suspeitando de abuso sexual. Se o abuso de fato aconteceu, o aconselhado irá se lembrar dele, e vai lembrar-se por si só, na hora e na maneira adequada a seu caso.

É vital registrar que essa lista é formada de indicadores, não de provas de que houve abuso sexual. Estas características podem ser por várias outras causas, por exemplo, a violência doméstica contínua. Apesar disso, o conhecimento destes indicadores nos torna atentos quanto a essa realidade, especialmente no caso de sobreviventes adultos que nunca sequer tocaram neste assunto com alguém, seja leigo ou profissional, e para os quais existe uma grande dificuldade de falar do assunto pela vergonha, culpa e medo.

Os efeitos somáticos mais comuns em adultos relacionados ao abuso na infância são: enxaquecas, tensão muscular, problemas com a articulação mandibular, problemas gastrointestinais, anorexia, bulimia, compulsão por comida. É comum tendências a autodestruição, vícios de álcool, drogas e esbanjamento. A automutilação é comum: atos como queimar-se, cortar-se, flagelar-se, morder-se, espetar-se com alfinetes, arranhar-se ou beliscar a pele e bater com a cabeça são utilizados na tentativa de aliviar a ansiedade e tensão.

Disfunções sexuais também são encontradas frequentemente. Aversão ao sexo, distúrbios no desejo, na excitação ou dificuldades de orgasmo. Alguns ficam confusos sobre sua orientação sexual. Num outro extremo, alguns revelam interesse compulsivo por sexo (parceiros múltiplos, masturbação compulsiva, ninfomania, prostituição e sadomasoquismo). Os que são impelidos para uma prática compulsiva do sexo muitas vezes agem assim numa forma análoga à automutilação, também numa situação de ansiedade e tensão.

A imagem do corpo é prejudicada pelo abuso. O corpo pode ser visto como “mau” e sempre necessitando de controle e/ou castigo. E também pode ser considerado como único aspecto de sua pessoa que possui algum valor para os outros, enquanto que dele se tire algum proveito, ou a “única coisa que tem a oferecer”.

Os pesadelos são frequentes; expressam a impotência, o constrangimento sofrido, ex.: são monstros que atacam e sufocam, um ser fechado num caixão, o som angustiante de passos, uma presença ameaçadora que se aproxima. Reproduzem-se cada vez que surge uma situação de constrangimento muito difícil de enfrentar.

As sequelas emocionais podem incluir ataques de ansiedade, depressão e pensamentos suicidas, acessos de angustia circunstanciais (*flash-backs*), desespero e falta de esperança, descontentamento geral com a vida, paralisia emocional ou

entorpecimento, dificuldades com a raiva, e angústia profunda. Muitos sobreviventes carregam consigo um profundo sentimento de vergonha e estão cheios de autoacusação e rejeição de si próprios. Têm dificuldade de confiar nas pessoas e muitas vezes precisam estar sob controle relacional para se sentir seguras. São comuns os sentimentos de isolamento e solidão.

As fobias são constantes. Medo profundo diante da intimidade, medo de relacionamentos, mas também medo de ficar só. Medo de lugares escuros, fechados e apertados. Medo de que seus filhos sejam abusados, ou medo de abusarem de seus próprios filhos. Medo de falar, medo de enfrentar figuras de autoridade, medo de errar. Tornam-se criaturas inseguras, controladoras e muitas vezes perfeccionistas.

Estas pessoas têm dificuldade em estabelecer limites saudáveis, sofrem com incapacidade de dizer não, não sabem se proteger, e numa reprodução masoquista do trauma, colocam-se em situações de perigo, inclusive em sua maneira de exercer a sexualidade.

Todos estes sintomas descritos devem ser cuidadosamente avaliados quando presentes de alguma forma em indivíduos que buscam algum tipo de ajuda. O antecedente de agressão sexual deve ser considerado e investigado.

Embora se saiba que homens informam com menor frequência do que mulheres o abuso sexual sofrido, eles não são mais imunes do que elas aos seus efeitos negativos. Alguns estudos demonstram que os meninos, diferente das meninas, sofrem mais abuso fora da família. Contudo, muitos parecem ter dificuldade em reconhecer que esses encontros foram abusos. Numa cultura que se considera o tornar-se vítima uma posição feminina ou fraca, admitir uma fraqueza dessas tem um efeito destrutivo no senso de masculinidade de um menino em crescimento.

Pelo fato deste contexto cultural, algumas questões clínicas específicas predominam mais em sobreviventes masculinos: negação do abuso, dificuldade de expressar tristeza e medo, identificação potencial com o perpetrador, confusão de identidade referente à preferência sexual, e incidência de comportamentos agressivos e expressões de raiva³⁶.

³⁶LANGBERG, 2002, p. 257-260

1.4.4 Seqüelas espirituais nas vítimas de abuso sexual

A violação sexual de uma criança pode trazer muitas conseqüências espirituais. Uma imagem distorcida de Deus conjugada com uma imagem distorcida do si - próprio cria diversas barreiras para experimentar o amor e a graça de Deus. Quando crianças são traídas por aqueles que deveriam amar e protegê-las, têm grande dificuldade de captar que Deus as ama. Uma ruptura tão terrível da família, fazendo do lar um local perigoso, tolhe nelas a sensação de segurança e aconchego numa comunidade religiosa.

Em muitos casos, as crianças sofrem abuso até mesmo em nome de Deus; em lares ou locais ditos religiosos, por líderes ou parentes próximos que professam publicamente uma fé em Deus. Essas situações tornam a realidade do abuso sexual contínuo irreconciliável com a realidade de um Deus que diz que ama e é um refúgio para o fraco. Cada uma parece excluir a outra, contudo ambas coexistem. O dilema não se resolve facilmente.

Outro impacto no âmbito espiritual tem suas raízes na alienação e no desamparo que a vítima experimentou como criança. Sofrer reiterados abusos às mãos daqueles que deveriam cuidar da criança, e sentir-se impotente para detê-los, é experimentar a rejeição e a morte da esperança. A esperança torna-se algo a ser evitado, negado, porque sentir esperança é ser esmagado mais uma vez. A esperança, portanto, no próprio Deus ou em Sua capacidade de resgatar o que foi destruído não apenas é inconcebível, mas é sentido como algo perigoso.

É mais do que provável que o abuso sexual crônico de uma pessoa constitua um trauma que molde seu desenvolvimento. Todas as esferas importantes da vida adulta podem ser afetadas, causando distúrbios e destruição. Essas sequelas arroladas aqui não são uniformes para todas as vítimas, mas precisam ser reconhecidas como uma parte do impacto possível do abuso. Muitas pessoas estão lutando para compreender o abuso que sofreram, e precisam de ajuda para recuperação de suas vidas.

É necessário que a Igreja Cristã se comprometa com essa problemática tendo em vista as necessidades dessas vítimas, e que se envolva nesse processo de recuperação. A Igreja tem como incumbência apontar a direção da integralidade, ser um instrumento de graça que aproxime e acolha, servir de meio e agente da sabedoria divina no mundo e em benefício do mundo. As dimensões de orientação,

desenvolvimento, sustentação, reconciliação, libertação e cura do cuidado pastoral são funções da Igreja como um todo, não apenas para o bem-estar de seus membros, mas especificamente em benefício da comunidade humana maior.³⁷

Em termos teológicos, igreja como “comunidade terapêutica” é uma redundância. Se for comunidade de Jesus Cristo, ela, indispensavelmente, precisa ser terapêutica. É, contudo, uma redundância necessária, pois ao longo da história, a igreja foi perdendo este caráter, infelizmente. Tal caráter, então, deve ser cultivado, nos dias atuais, a partir do aprendizado de algumas competências psicossociais de seus integrantes: acolher e ser acolhido, ouvir e ser ouvido, respeitar, interessar-se pela dor do outro, experimentar cura para sua dor e transmiti-la para o outro. É imitar Jesus Cristo. Essa será a temática dos próximos capítulos: Estimular a potencialidade terapêutica nas comunidades cristãs e expor ferramentas que têm sido utilizadas por terapeutas e conselheiros pastorais e que tem conseguido algum sucesso no processo de acompanhar estas vítimas. Os cristãos são agentes de cura e restauração de vidas, e como comunidade têm um espaço privilegiado no cuidado das relações humanas conflituosas e de sofrimentos diversos. O apóstolo João diz em sua primeira carta: “Filhinhos, não amemos de palavra nem de boca, mas em ação e em verdade”.³⁸

O intuito é também de despertar o desejo de se aprofundar nesse tema. Na mídia, quase diariamente ouve-se sobre abuso sexual. Cada vez mais os jornais, revistas, televisão e internet publicam histórias de violência sexual contra crianças e adolescentes. Muitas vezes, infelizmente, o interesse é pelo sensacionalismo, mas o lado positivo disto é que provoca um desconforto e exige uma resposta. Governo e sociedade precisam enfrentar o problema. A igreja faz parte disso e não pode se omitir. Para isso pastores, líderes cristãos e membros em geral precisam estar dispostos e melhor preparados para encarar esse assunto.

O sofrimento, o desamparo e o medo em que imergiram as vítimas de abuso sexual, tanto crianças, como adolescentes e adultos, sob todos os aspectos, exigem atenção da sociedade. É preciso reconhecer que o tema mobiliza emocionalmente as pessoas, mas ele precisa ser abordado com racionalidade para que efetivamente algo possa ser feito em prol dessas vítimas e mudar a situação.

³⁷ CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento Pastoral*. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

³⁸ A BÍBLIA Sagrada. Nova Versão Internacional. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2000. Cf. I João 3:18

2 UMA IGREJA TERAPÊUTICA INTERVINDO NAS SEQUELAS ESPIRITUAIS DO ABUSO SEXUAL

Assim como você não deveria tentar curar os olhos sem curar a cabeça, ou a cabeça sem o corpo, da mesma forma você não deveria tentar curar o corpo sem curar a alma (...) porque uma parte nunca pode estar bem a menos que o todo esteja bem. (...) Por isso, se quiser que a cabeça e o corpo estejam bem, você deve começar curando a alma. – Platão

Alguns cristãos, infelizmente, acreditam que o tema do abuso sexual não é frequente em suas igrejas. Este tremendo engano impede uma ação direta sobre o problema. Temos que reconhecer a realidade desta violência de maneira mais contundente. Já foi descrito que o dano causado pelo abuso é horrível e hediondo, especialmente considerando que sua dinâmica distorce o relacionamento da vítima com Deus e lhe tira a alegria de amar e ser amada por outros.

As consequências imediatas e tardias do abuso sexual são extensas, e requerem um esforço multidisciplinar para sua abordagem. Profissionais de quase todas as áreas do conhecimento humano podem contribuir para mudar a situação atual desta problemática e ajudar sobreviventes a organizarem suas vidas de uma maneira melhor. Médicos, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais, pedagogos, juristas, promotores, políticos, comerciantes, artistas, etc. A sociedade inteira precisa se organizar num grande esforço para fazer valer os direitos das crianças e adolescentes fazendo com que diminua a incidência deste tipo de crime.

A proposta deste capítulo, porém, é voltada especificamente para despertar as comunidades religiosas e suas lideranças, para um olhar mais cauteloso ao assunto e para utilizarem seu potencial terapêutico no sentido de apoiar vítimas em seu processo de recuperação, mudando sua história de vida e prevenindo as famílias de que isso aconteça. Violência sexual é um pecado contra Deus, contra a própria pessoa e contra a comunidade como um todo.³⁹ Através do acompanhamento amoroso de pessoas cristãs o amor de Deus poderá ser percebido, e renascer o desejo de cura das emoções feridas.

Reconhecer o dano espiritual e lidar com ele é a grande tarefa do conselheiro pastoral e da comunidade cristã. Com certeza, lidando com essa tarefa, estarão lidando com o dano emocional e físico. A ciência já reconhece que a transcendência e a espiritualidade estão entre os recursos mais efetivos para a

³⁹ BLASI, 1997, p. 28-29

transformação, a aprendizagem e o crescimento a partir da adversidade. A espiritualidade, a fé e a religiosidade têm sido reconhecidas como fatores de saúde mental justamente porque ajudam a pessoa a transcender, a enxergar além da adversidade.

O aconselhamento pastoral procura ajudar as pessoas a desfrutar um relacionamento aberto e crescente com Deus, capacitando-as a viver de uma forma promotora de crescimento em meio às perdas, aos conflitos e as tragédias da vida no mundo. Ele procura ajudá-las a tornarem-se conscientes do empolgante fato de que foram criadas para serem parceiras ativas – co-criadoras – do Espírito do universo na transformação do mundo. O aconselhamento pastoral procura ajudar as pessoas a renovar seu sentimento de confiança básica estando em contato com o Espírito de amor presente neste momento, a encontrar cura para os aspectos de seu quebrantamento que só podem ser curados no relacionamento com essa realidade. (...) Quanto mais a imagem de Deus é desenvolvida dentro delas, tanto mais elas podem participar da “celebração do ser”. Nossa alienação mais fundamental como seres humanos é do transcendente dentro de nós. Descobrir e desenvolver essa imagem de Deus é a tarefa-chave do trabalho de crescimento espiritual.⁴⁰

2.1 O sofrimento intenso e a crise de fé - Lidar com os sentimentos negativos em relação a Deus e restaurar a imagem distorcida de Deus, levando a pessoa da negação e rebelião à verdade e rendição.

Descubro que nunca vi
A vera face de Deus.
Há mulheres no meu grupo
Que rezam sem alegria
E de cabo a rabo recitam o livro todo,
Incluindo imprimatur, edições, prefácio,
Endereço para comunicar as graças alcançadas.
Eu só quero dizer: Ó Beleza, adoro-vos!
Treme meu corpo todo ao Vosso olhar.
Adélia Prado⁴¹

Há muito tempo, o ser humano tenta, sem sucesso, desvendar o mistério do sofrimento pessoal ou geral a partir das doutrinas sobre Deus e não consegue. Temos um claro exemplo bíblico disto na história de Jó e seus amigos⁴². No sofrimento, o homem sente que Deus se esconde. E quando Deus se esconde, a razão do ser humano não o encontra. A relação com Deus provém da fé nele, do apego do coração a ele.

⁴⁰CLINEBELL, 2007, p. 108-109

⁴¹PRADO, Adélia. *A faca no peito*, p. 12

⁴² Cf. Livro de Jó - NVI

Deus se revela no amor. E o amor tem que ser experimentado, tem que brotar da confiança e do relacionamento. Se na fé cristã Deus é chamado de “Pai”, fica evidente que experiências marcantes com o pai humano, ou figuras paternas, tais como educadores, sacerdotes, tutores se transferem inconscientemente para a imagem de Deus Pai. Quanto mais cedo isso acontece na infância mais intensa a projeção. Fato que explica o questionamento de muitos, que ao escutarem falar do Deus amoroso, indagam onde está Deus, se são permitidas fome, guerra, morte e injustiças?

O sofrimento faz parte da vida do ser humano. Raramente podemos compreender suas causas. Mas não há como fugir dele e nem como poupar alguém de experimentá-lo. O abuso sexual provoca um grande sofrimento no corpo, na alma e no espírito de quem o experimenta. O sentimento de ser abandonado por Deus é muito forte. O ser humano se depara com o “silêncio” de Deus. Porém, é na maneira com que o ser humano responde diante do sofrimento que se define o nível de sua relação com Deus.⁴³

Jó era inocente e estava sofrendo muito. Ele foi corajoso em expressar sua revolta diante de Deus. Esparramou inconformidade com sua situação diante dele. Mesmo que Deus permanecesse em silêncio e aparentemente distante, Jó não se afastou, mas trouxe sua dor em toda intensidade diante de seu Criador. Jó não aceitou a idéia de que seu sofrimento fosse retribuição às suas ações e não se conformou com as acusações dirigidas a ele. Jó representa a crise espiritual da alma inocente que sofre.

É praticamente impossível para uma vítima de abuso não se perguntar “onde estava Deus naquele momento?” e o seu principal inimigo acaba sendo a recusa de confiar em Deus. Esse foi o grande desafio de Jó. Confiar em Deus apesar do sofrimento e descobrir o amor incondicional de Deus através do sofrimento.

Quando Deus resolve reagir aos protestos desesperados de Jó, Ele não o faz trazendo respostas, mas sim, lançando perguntas. Nas suas perguntas, Deus leva Jó a perceber o quão pequeno ele é diante do mundo criado pelo Deus Todo Poderoso. A prova de sua bondade está na maneira como ele cuida da criação e Jó

⁴³ ARAUJO, Viviane Brunhilde Jung; MUELLER, Enio R. *Quando Deus se esconde: o desafio da presença solidária a partir do livro de Jó*. Monografia (Pós-Graduação em Psicologia e Aconselhamento Pastoral) – Programa de Pós Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2004

faz parte dela.⁴⁴ Resta a Jó aceitar os caminhos de Deus e confiar nele. A crise pode ser o caminho para o colo de Deus, onde fomos gestados.⁴⁵

Jó reconhece Deus em toda sua grandeza e majestade, e esta é a resposta que ele precisa. Não há mais necessidade de justificar Deus nem explicar suas ações. Jó não sabe tudo de Deus, mas reconhece seu amor sobre todas as coisas, inclusive sobre sua própria vida; e que as ações de Deus são determinadas pelo seu amor infinito. As chagas continuam, mas a crise acabou.

O trauma do abuso sexual causa no coração humano, de maneira simplista, um ambiente propício à tentação de se convencer que Deus não é bom! A escolha por desconfiar de Deus deve ser confrontada com a possibilidade que o sofrimento intenso tem de levar as pessoas a fazerem escolhas erradas. Se falhar a confiança em Deus, essa confiança será desviada inevitavelmente para outra coisa ou pessoa, que acaba se tornando um “deus”. Esta propensão para a idolatria está profundamente enraizada no coração humano.

Jesus ensina às pessoas sobre Deus dizendo: “Olhem para mim! Quem me vê, vê o pai”.⁴⁶ Através da experiência com Cristo, sua vida e suas obras, filtram-se as experiências concretas com pais humanos, a fim de estabelecer a ponte de relação amorosa com Deus Pai.⁴⁷

A vida de Cristo girou em torno de sofredores de seu tempo. Ele era, para estas pessoas, o rosto amoroso de Deus revelado, em contraste com um sistema religioso e político que os fazia sofrer. Depois, ele morreu como Redentor para todas as pessoas, as que sofrem e as que fazem sofrer, e implantou uma nova realidade a partir de seu Reino, que é a razão da esperança de quem crê e a motivação da vida amorosa e solidária do discípulo de Jesus. Foi em Jesus Cristo que Deus veio a nós e se colocou ao nosso lado em nossa luta diária, chorando a dor daqueles que sofrem, lamentando a corrupção humana. Ele é *Emanuel*- Deus conosco⁴⁸.

O Filho de Deus nos ensinou que o falar de Deus deve passar pela experiência da cruz. Jesus encontrou o desamparo e a morte justamente porque

⁴⁴ ARAUJO, 2004, p. 29-32

⁴⁵ WONDRAECK, Karin e HERNANDÉZ, Carlos – *Aprendendo a Lidar com Crises* – São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 39

⁴⁶ Cf. João 14:9

⁴⁷ RINKLIN, Ruth. *A fé cristã como auxílio na recuperação da dignidade humana em vítimas de abuso sexual*. Monografia (Pós Graduação em Aconselhamento e Psicologia Pastoral), Programa de Pós Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo 2004.

⁴⁸ Cf. Mateus 1: 23

revelou Deus com amor. A negativa dos homens em aceitar esta mensagem leva Jesus à morte. Suas últimas palavras “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”⁴⁹ expressam a dor e a solidão de quem se sente abandonado da mão de Deus. Ao gritar seu abandono com o começo do Salmo 22, Jesus torna seu todo o texto. Este Salmo expressa a cruel solidão que pode experimentar uma pessoa que crê profundamente: “Todavia Tu és o Santo, o entronizado para louvor de Israel”.⁵⁰ Na Bíblia, a queixa não exclui a esperança.⁵¹

Sentimentos negados ou reprimidos com relação ao pai abusador ou a quem quer que seja que tenha cometido o abuso precisam ter a sua hora de vir à tona. A raiva, o ódio, o desespero, o medo, e outros sentimentos ruins que estão guardados precisam ser reconhecidos e colocados ao pé da cruz, para que os bons sentimentos possam fluir em relação a Deus. As vítimas de abuso precisam de um lugar acolhedor em que isso possa acontecer sem que sejam consideradas hereges ou rebeldes.

O ódio que a filha empenha em se destruir, em se defender é uma força de vida enorme. Compreendi que precisava desviá-lo, transformá-lo em força criadora. Sei apenas que é possível. A cada uma das que estão às voltas com seus demônios interiores, tenho vontade de dizer: acreditem em vocês, tentem! Procure sua solução, sua saída, ela existe!⁵²

A pessoa vítima de abuso sexual não precisa de uma boa experiência cristã e nem de bagagem teológica, mas sim de ter um encontro real, afetivo e pessoal com Deus. A glória da cruz reside no fato de que apesar de cada atitude, pensamento ou sentimento manchado pela queda, nossas atitudes regeneradas são limpas quando colocadas sob a justiça do sacrifício de nosso Irmão mais velho.⁵³

A vivência da cruz – metáfora da morte de nossos anseios e ideais – pode ser a etapa inicial de transformação operada em nosso ser pela esperança da ressurreição, isto é, pela biologia da ressurreição. Sim, queremos expressar a dinâmica cruz-ressurreição nessa linguagem híbrida, pois a vivência da fé transforma nossa corporalidade de forma que as redes neurais, o pulsar do coração, o ritmo da respiração, a cadência do passo, o amar e o trabalhar são transformados quando assumimos a esperança contida na promessa da ressurreição... Superar a crise é um pálido reflexo da ressurreição.⁵⁴

⁴⁹ Cf. Mateus 27: 46 e Marcos 15: 34

⁵⁰ Cf. Salmos 22:4

⁵¹ GUTIÉRREZ, Gustavo. *FALAR DE DEUS a partir do sofrimento do inocente – uma reflexão sobre o livro de Jó*. Vozes: Petrópolis, 1987

⁵² THOMAS, Eva. *A violação do silêncio*. Martins Fontes, 1988, p. 182

⁵³ Cf. Efésios 5:2 e Hebreus 10:12

⁵⁴ WONDRAČEK, 2004, p. 76-77

A superação da revolta com Deus nunca é simples. Só acontece no diálogo com Deus mesmo. No derramar do que vai às profundezas do coração diante de Deus, na solidão, no silêncio e no choro. É preciso muita paciência para estar ao lado do outro enquanto ele percorre este caminho, sem procurar dar respostas simples e prontas. A dúvida não precisa ser temida, ela é um componente da fé; a fé abarca a dúvida.

Não são os dogmas que vão auxiliar a pessoa que sofre, mas as palavras de amor contidas na Escritura, a presença física, o acolhimento na angústia, o escutar das reclamações sem querer defender Deus, o desconforto de ouvir duras perguntas para as quais se compartilham as dúvidas.

Se o conselheiro ainda tem uma falsa impressão de que se podem ter boas respostas “bíblicas” para todas as perguntas, conviver com vítimas de abuso pode causar um extremo desconforto. “A crise da fé pode nos levar, paradoxalmente, para mais perto do sagrado, para o abandono de certezas feitas à luz do dia e ao encontro dos sussurros que aprendemos na escuridão da noite, onde novas revelações do “Eu-sou” nos aguardam.”⁵⁵ É difícil conviver com o mistério.

O sofrimento é a expressão da fraqueza humana, é resultado dela. Para o apóstolo Paulo, o sofrimento é oportunidade de conhecer a graça e o poder de Deus. “A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza”⁵⁶. Só pode falar de graça e consolo quem experimentou isso. Só pode socorrer quem foi socorrido. Assim como Cristo se identifica com o homem no sofrimento, é também seu exemplo que deve marcar a relação de ajuda.

A dinâmica da cruz-ressurreição conquista uma liberdade para todos os âmbitos do ser. O corpo e suas emoções podem reagir de outra forma a partir do momento em que fazem morrer a lógica da vingança e se entregam à lógica do perdão. Essa liberdade é conquistada quando nos damos conta de que a amargura deixa de ser consequência inevitável da dor. Percebemos a necessária alquimia da dor para transformar a desilusão em esperança.⁵⁷

A presença do conselheiro como Cristo encarnado para a vítima de abuso sexual em sua crise espiritual pode significar num primeiro momento, não dizer nada. Ser presença solidária é buscar ver a Deus junto com ele no silêncio, no

⁵⁵ WONDRAECK, 2004, p. 55

⁵⁶ Cf. II Coríntios 12:9

⁵⁷ WONDRAECK, 2004, p. 55

choro, na oração, nas lutas diárias, na tentativa de reconstrução de uma vida. As razões de ser do sofrimento certamente não estão nos pecados pessoais de cada uma dessas pessoas. A Sabedoria não está em ter todas as respostas, mas em submeter-se confiante ao misterioso cuidado do Senhor.⁵⁸

A honestidade em admitir o abuso sofrido é necessária na etapa inicial de um processo de cura e é acompanhada de choque, dor e raiva. “A busca da verdade sobre a violação por incesto é um meio de se livrar do medo, de largar sua pele de vítima, de se reencontrar inteira.”⁵⁹ A consciência das falhas dos outros leva à amargura; a consciência das próprias falhas na vida adulta e nos relacionamentos leva ao desespero.

Para que a vítima reconheça e admita o abuso ela precisa recuperar sua voz. A recuperação da voz constitui um componente vital da cura. A voz é a expressão de si mesmo, tão necessária para restaurar a identidade da vítima. Deus nos deu a voz com a finalidade de criar, governar e comunicar. Ser silenciado é ser menos do que Deus planejou.

Uma vítima honesta de abuso sexual deve reconhecer as seguintes afirmações⁶⁰:

1. Sofri abuso sexual. Sou vítima de um crime contra meu corpo e minha alma.
2. Como vítima, eu não sou de modo algum responsável pelo crime, independente do que eu possa ter experimentado ou recebido como resultado do abuso.
3. O abuso causou danos à minha alma e ao meu espírito. Estes danos se devem ao entrelaçamento da dinâmica da impotência, segredo e ambivalência dos relacionamentos.
4. O dano que sofri é diferente do sofrido por outras vítimas em extensão, intensidade e consequências, mas vale à pena abordar o problema e trabalhar em cima do que ocorreu, apesar de ser um processo longo e doloroso, muitas vezes.

⁵⁸ Cf. Jô 42: 1-6

⁵⁹ ALLENDER, 1999, p. 184

⁶⁰ ALLENDER, 1999, p. 243

5. Não devo manter segredo ou ter vergonha do meu passado, mas não sou obrigado a compartilhá-lo com alguém que eu julgue indigno de confiança ou insensível.

O arrependimento segue a honestidade e é uma fase na qual se entra através da tristeza, lamentação e contrição. Deus não chama a vítima a se arrepender do abuso que sofreu. Arrependimento é uma mudança interna na percepção da vítima de qual é sua fonte de vida⁶¹.

Quando uma vítima está mortificada pelo trauma, ela acaba escolhendo por despojar os outros de sua humanidade dada por Deus. Ela desumaniza os relacionamentos, tornando-os frios e mecânicos. Viver como um ser morto diante do Deus vivo é dizer que prefere a morte a viver com Ele. Em essência essa opção significa dar as costas ao autor da vida, negar-lhe a oportunidade de tocar sua vida de modo profundo e deixar de ser usada plenamente, de acordo com seus propósitos. Porém, a recusa em viver com a alma morta significa escolher e abraçar sua existência.

Esta escolha pela vida inicialmente vai evocar tristeza, pois ocorre um desapontamento com outros ou consigo mesmo. No entanto, impulsionará a alma a enfrentar a verdade: a encarar esperanças e expectativas não atendidas, a lamentar a perda de algo profundamente importante que não pode ser substituído ou conseguido, e ao reconhecimento do dano causado a outros pela falta de disposição em confiar unicamente na graça e verdade de Deus.

Arrependimento frequentemente começa com uma insatisfação, com o reconhecimento de que o pecado é degradante e há algo certo em querer mais e melhor. Arrependimento é abrir-se para receber o amor incondicional e a graça imerecida de Deus. O arrependimento diminui a vergonha, aumenta a paixão e dá boas vindas à restauração. É a redenção que pode atingir tanto as cicatrizes do passado como as reações do presente.⁶²

2.2 Quebrar as muralhas da rejeição: da cruz ao perdão – Aprender a lidar com os fortes sentimentos negativos em relação aos outros e a si mesmo

⁶¹ ALLENDER, 1999, p. 265

⁶² ALLENDER, 1999, p. 112

Cheguei a uma página de perdão, no sentido em que o entende Denise Vasse: "Tornar a percorrer a sua história sem nada esquecer, mas em paz".
Eva Thomas⁶³

O perdão liberta a alma para viver livre do dano do passado. Perdoar não é esquecer. A única forma de fazer isto seria através de uma negação não bíblica. Obviamente apegar-se a uma lembrança com o propósito de exigir retificação ou justificar um distanciamento cheio de ódio, também não é bíblico. O perdão bíblico não é minimização ou esquecimento.

Perdoar é consentir num convite de Deus para assistir ao milagre da sua graça. Perdoar é poder escolher de novo, livrando-nos da armadilha repetitiva contida no humano desejo de vingança. Perdoar é aceitar. Aceitar que tanto as imperfeições do outro como as nossas precisam ser perdoadas e que todos vivemos sob a graça de Deus.

Aqui começa o desvio pedregoso que pode transformar em labirinto e aprisionar: ao não perdoarmos, amarramos as faltas do outro a nosso ser e, pouco a pouco, essas lembranças doloridas se transformam em *pedras* que nos cercam e imobilizam. A mágoa pode paralisar; e ao invés de abrir caminhos com *perdoes*, fechamos o acesso com *pedrões*, que formam muralhas entre nós e os outros.⁶⁴

O perdão não é algo que deve ser empurrado para a vítima. É um dos aspectos do processo de cura, mas não deve ser imposto. Pode levar anos; não existe um cronograma padrão para a maturidade espiritual.

A grande maioria das vítimas sofre com uma profunda rejeição de si mesma. Sofrem frequentemente com sentimentos negativos como vergonha, ira e medo. No entanto o sentimento mais difícil de lidar é com a culpa. Perdoar a si mesmo é desligar-se da culpa sentida pelo abuso sofrido. Mesmo conscientes de que não poderiam ter feito diferente, a maioria das vítimas sofre um longo processo para se livrar da culpa. O importante é reforçar que se Deus ama incondicionalmente a pessoa, ela precisa entender que manter-se presa com a culpa é negar esse amor incondicional.

Jesus Cristo, que estando na cruz solicita o perdão de Deus aos seus abusadores "porque não sabem o que fazem",⁶⁵ é o exemplo maior de que o amor intenso não anula a necessidade da justiça, mas ele a entrega ao Pai, abrindo definitivamente o espaço para a restauração do homem.

⁶³ THOMAS, 1988, p. 186

⁶⁴ WONDRAECK, 2004, p. 34

⁶⁵ Cf. Lucas 23:34

Num sentido amplo, todas as pessoas em algum momento abusaram e sofreram abuso de alguém. A questão é que todas as pessoas serão julgadas e avaliadas de acordo com os mesmos critérios que usam para julgar as demais.⁶⁶ Jesus declara a responsabilidade de cada um em relação ao perdão quando afirma que “se não perdoardes aos homens a sua ofensa, tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas”.⁶⁷

Perdoar o abusador não é manter um relacionamento doentio, sem limites. Perdoar é amar o agressor e implica frequentemente em confrontá-lo em seu pecado. Entretanto a vítima deve considerar com cautela suas motivações antes de clamar pelo confronto. A motivação correta deve ser a preocupação com o próprio agressor e o dano que ele causou a si mesmo e aos outros e a possibilidade de que ele possa fazer novas vítimas.

Froma Walsh, em seu livro “Fortalecendo a Resiliência Familiar”, dedica um capítulo ao tema do perdão. Ela afirma que mesmo em casos de injustiça ou dano passado grave, os relacionamentos podem ser reconectados e reconciliados. Quando o trabalho é orientado com cuidado, pode ser bem-sucedido.

Tentar a reconciliação requer uma enorme coragem, porque podemos reingressar nos relacionamentos e chegar às outras pessoas somente para descobrir que elas rejeitam os nossos esforços ou ainda não são confiáveis. O trabalho envolve tanto risco quanto oportunidade: o risco de reexperimentar a mágoa e a ausência de mudança; a oportunidade de experimentar novas possibilidades relacionais. O desafio é reconciliar as mágoas e perdoar os danos na maior extensão possível. Quando as outras pessoas não conseguem responder como desejaríamos, ainda ganhamos em generosidade e na sensação de que fizemos tudo o que podíamos. Isso facilita maior aceitação e nos propicia abraçar a vida com mais integridade.⁶⁸

Quando a vítima de abuso sexual caminha pela trilha do perdão e amor, a si mesmo e aos outros abre portas para relacionamentos mais íntimos, profundos e saudáveis. Por si, tais relacionamentos já valem o longo e penoso trabalho de lidar com lembranças, raiva, solidão e medo.

2.3 Conscientização da comunidade e promoção da saúde

⁶⁶ Cf. Mateus 7:1-2

⁶⁷ Cf. Mateus 6:15

⁶⁸ WALSH, Froma. *Fortalecendo a Resiliência Familiar*. São Paulo: ROCA, 2005, p. 273

Para que a comunidade cristã possa ajudar adequadamente as vítimas de abuso sexual é necessária uma conscientização da mesma em relação a esse problema. Este é o ponto principal que pode tornar as ferramentas que serão citadas posteriormente, de fato, efetivas. É preciso encarar a questão da violência de uma forma geral e todas as manifestações específicas ao seu respectivo contexto, como é o caso da violência sexual. É ao mesmo tempo um trabalho educativo, que estimula a empatia e o acolhimento às vítimas, e preventivo (reconhecimento dos riscos e diminuição à sua exposição).

Algumas sugestões para facilitar o processo^{69,70}:

1. Discutir sobre o assunto da violência, como ele permeia a vida cotidiana, não somente de forma aberta, mas frequentemente de forma velada e insidiosa com os diversos grupos de interesse dentro da igreja. A igreja deve questionar e eliminar o pensamento patriarcal⁷¹.
2. Conhecer, compreender e analisar as manifestações locais da violência onde a comunidade está inserida
3. Registrar e compartilhar com a comunidade ações afirmativas tomadas neste processo que possam servir de diretrizes para outras pessoas que procurem ajuda semelhante. Preparar a equipe pastoral e divulgar a possibilidade de colaborar em casos de abuso sexual.
4. Utilizar o púlpito como local de ensino bíblico com aplicação prática nas questões de violência, usando linguagem apropriada. Deve-se nomear o abuso sexual como pecado e pregar sobre o tema.
5. Examinar e revisar a teologia de sua igreja para encontrar ensinamentos que estejam associados ao abuso. Corrigir conceitos teológicos equivocados que favoreçam um ambiente de opressão a mulheres e crianças, de modo a alcançar a mensagem essencial do evangelho, que assegura vida para todos.

⁶⁹ FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. Departamento de Missão e Desenvolvimento; SINGH, Priscilla. *As Igrejas dizem "não" à violência contra a mulher: plano de ação para as Igrejas*. Genebra: Federação Luterana Mundial, 2005.

⁷⁰ HEGGEN, Carolyn Holderread. **Abuso sexual en los hogares cristianos y la Iglesia**. Bogotá: Ediciones Clara, Guatemala: Ediciones Semilla, 2002, p. 180

⁷¹ HEGGEN, 2002, p. 226

6. Ensinar continuamente sobre sexo e sexualidade sadia para as diferentes faixas etárias da comunidade. Promover classes de educação sexual para crianças, adolescentes, jovens e adultos e pregar sobre o tema em diferentes cenários, ensinando os padrões bíblicos de uma sexualidade sadia. Proporcionar oportunidades em que as pessoas possam compartilhar acerca de assuntos sexuais.
7. Falar diretamente sobre a violência e o abuso sexual nos diferentes cenários onde os grupos se reúnem dentro da comunidade. Utilizar a influência da congregação para rejeitar a pornografia e outros meios que erotizam a violência.
8. Estabelecer conexão entre as mais variadas instituições sociais no sentido de fortalecer a rede de apoio às vítimas. Desenvolver trabalhos visando a ampliação da cidadania e eliminação de todas as formas de violência em nossa sociedade
9. Cuidar dos líderes para que sejam modelos de uma vida sexual saudável e equilibrada.
10. Ensinar e equipar a comunidade cristã para promover o acolhimento e aceitação das vítimas extremamente feridas física e emocionalmente por sequelas do abuso sexual sofrido.

Carolyn Heggen cita, em seu livro “Abuso Sexual en los hogares cristianos y la iglesia”, o depoimento de uma vítima a respeito de como se sente em sua comunidade religiosa e que demonstra a realidade encontrada em muitos casos⁷²:

A veces creo que preferiría estar en una silla de ruedas que sufrir una pena mental o emocional. Si hubiese quedado inválida por culpa de un conductor ebrio sería fácil para otros entender por qué estoy aún en una silla de ruedas o por qué necesito de una cirugía una y otra vez. La gente no diría: ‘Eso ya está en el pasado, debes sobreponerte’, porque la silla de ruedas sería la clara evidencia de que aunque la falta está en el pasado, las heridas están presentes.

Cuando Jesús curó a una mujer inválida, los fariseos se molestaron con él por sanar en el día de reposo. Hay momentos en que siento que las personas no aceptan lo método de mi sanidad o el tiempo que me toma. Pero Jesús dijo: -¿No debe esta mujer que es hija de Abraham, a quien

⁷² HEGGEN, 2002, p. 180

Satanás mantenía atada desde hace dieciocho años, ser liberada de esta atadura, aunque fuera en sábado?(Lucas 13:16)⁷³

O relacionamento interpessoal é aprendido nos diferentes cenários da vida: família, escola, bairro, igreja e outras instâncias. Faz-se necessário a implementação de novas formas de comportamento, visando uma relação de igualdade e respeito na prática cotidiana. O papel da igreja é partir de uma visão teológica do ser humano e ir dialogando com a psicologia, pedagogia, sociologia, na tentativa de superar a violência, não apenas como um aspecto individual, mas também como um trabalho coletivo.

2.4 A suspeita de abuso na criança e adolescente

Qualquer, porém, que fizer tropeçar a um destes pequeninos que creem em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho, e fosse afogado na profundidade do mar. Jesus Cristo.⁷⁴

É preciso ensinar as crianças a identificar os comportamentos manipuladores e coercitivos dos adultos e mostrar como podem escapar e/ou buscar ajuda. Ensiná-las sobre os fatores de risco não é fácil, pois muitos deles são características normais e positivas numa relação. Mas deve-se explicar a diferença entre um contato afetivo e um abusivo.

Além da sexualidade, deve-se incluir nas discussões de grupos de crianças já em idade escolar, o conhecimento do corpo, a autoestima e o projeto de vida, os papéis de pais e filhos e os direitos da criança. É uma estratégia válida para todas as idades daí para frente, incluindo os adolescentes.

Isso permite que as crianças possam falar sobre seus sentimentos e sua vivência com a família, amigos, escola, etc. Não apenas para os casos de violência sexual, mas de uma maneira ampla, é um espaço de compartilhamento e expressão pessoal. Abrindo-se este espaço, com certeza a criança sente-se acolhida e pode

⁷³ “Às vezes creio que preferia estar em uma cadeira de rodas a sofrer um problema mental ou emocional. Se tivesse ficado inválida por culpa de um motorista bêbado seria fácil para outros entenderem porque ainda estou numa cadeira de rodas ou porque necessito de uma cirurgia de vez em quando. As pessoas não diriam: ‘Isto já passou, deve superá-lo’, porque a cadeira de rodas seria a evidência clara de que ainda que o problema tenha ocorrido no passado, as feridas estão presentes no hoje. Quando Jesus curou uma mulher inválida, os fariseus se incomodaram com ele por curar num dia de descanso. Há momentos que sinto que as pessoas não aceitam o método de minha restauração ou o tempo que me toma. Mas Jesus disse: ‘Não deve esta mulher que é filha de Abraão, a quem Satanás mantinha presa há dezoito anos, ser liberta, mesmo sendo no sábado?’. Lucas 13:16” (tradução nossa)

⁷⁴ Cf. Mateus 18:6

falar sobre algo que esteja acontecendo com ela e que a deixe confusa, medrosa e retraída.

Os facilitadores de grupos infantis deverão ficar atentos aos sinais de possível abuso sexual que já foram citados anteriormente, para abordar o assunto de maneira gentil, de forma que consiga a confiança da criança para se abrir sobre o que está acontecendo com ela.

Todas as forças operarão para a criança se calar. Especialmente se ela faz parte de uma família de risco. Muitas vezes será preciso escutá-la a sós, com o intuito de acreditar no que ela disser.⁷⁵ É preciso sustentar a palavra dela e reconhecer o quanto ela é frágil em tal situação. O risco de que se feche para grande alívio de todos é grande, porque ela já passou pela experiência do abuso de poder dos adultos e da ausência de respeito pela sua pessoa.

A confirmação do abuso pela criança é uma situação bastante delicada, pois uma vez revelado o assunto, é necessário abordar a família da criança. Se os pais frequentam a comunidade, isso pode facilitar, mas quando só a criança está inserida neste contexto, a questão torna-se bem mais complicada, especialmente se o abusador é o pai ou padrasto ou o responsável por ela. Assim como no caso dos profissionais de saúde, a comunidade religiosa pode ser acusada pela família de ter “criado” o abuso. A situação da criança em seu contexto familiar pode piorar, dependendo da abordagem.

Denúncias anônimas ao Conselho Tutelar podem ser feitas, mas infelizmente o sistema ainda possui muitas falhas e isto não garante a segurança e o cuidado com a criança. Então, o que fazer nestes casos? Não existe nenhuma resposta que não seja acompanhada de riscos. É importante ver as particularidades de cada situação, compartilhar com a liderança da comunidade religiosa, orientar a criança e apoiá-la, procurar ajuda de outros profissionais relacionados e tomar a melhor decisão.

2.5 Abordagem de vítimas adultas de abuso sexual

Como já foi dito anteriormente, a grande maioria dos casos de abuso sexual, até o momento, são negados e encobertos pela família. Não é de se admirar que se encontrem muitas vítimas adultas sofrendo problemas físicos, emocionais e

⁷⁵ GABEL, 1997, p. 59

espirituais por causa de um abuso sexual no passado. Já foram abordados inúmeros subsídios para identificar este tipo de problema na comunidade eclesial.

A igreja não tem condições de resolver todas as dimensões deste problema, mas pode detectá-lo e dar início a um processo de ajuda espiritual às vítimas. Com seus próprios recursos pode iniciar um processo de cura emocional e pode estabelecer uma ponte, encaminhando as vítimas para outros profissionais capacitados em ajudar neste aspecto específico.

O espaço para a igreja está aberto e o desafio é grande. Uma grande contribuição pode ser oferecida por conselheiros pastorais e suas comunidades religiosas. A igreja cristã não pode abrir mão dessa oportunidade de exercer seu ministério, com a coragem de entregar a si mesma e as suas ansiedades nas mãos de Deus: “Lançai sobre ele a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós”.⁷⁶

Existem muitas ferramentas para auxiliarem os conselheiros pastorais que desejam ajudar vítimas adultas de abuso sexual. No próximo capítulo será abordada de maneira mais específica a experiência de uma comunidade cristã que vem desenvolvendo algumas destas ferramentas com resultado animador.

2.6 Cerimônias de sanidade

São rituais pessoais de restauração compartilhados com a comunidade da qual a vítima faz parte. É importante que cada pessoa descubra o que considera verdadeiramente pessoal, autêntico e significativo.

Uma pessoa pode se expressar escrevendo uma poesia, uma oração, montando uma peça de teatro, uma música e através disso dividir sua dor com o grupo. Mesmo que seja difícil escutá-las, as vítimas que superam o abuso necessitam de oportunidades para compartilhar suas histórias em sua comunidade religiosa.

Pode ser importante para sua cura e para que a congregação entenda como ajudar outros que tem sofrido de abuso e que são parte da igreja, e ainda não buscaram ajuda.

⁷⁶ Cf. I Pedro 5:7

2.7 Quando a igreja favorece o abuso

É certo que os recursos espirituais e as crenças religiosas possibilitam que as pessoas levem vidas saudáveis; mas simplesmente crer não é suficiente. Em que se crê faz a diferença. Para determinar se as crenças religiosas são uma ajuda ou impedimento para uma vida mentalmente saudável é importante distinguir entre vários tipos de crenças religiosas.

Existem maneiras distintas de ser religioso. Há pessoas que se apegam demasiadamente e de forma rígida a leis e doutrinas. Muitas tendem a fazer uso das ideias religiosas para obter alguma vantagem prática imediata ou para manipular as pessoas. Enquanto outras vivem a religiosidade, envolvendo crenças experimentadas pessoalmente que são internalizadas na sua vida. Jesus entendia as diferentes formas de ser religioso. Criticou duramente as pessoas que seguiam a lei ao pé da letra, mas ignoravam verdades espirituais mais profundas.

É preocupante saber que muitos agressores sexuais de crianças e adolescentes são altamente religiosos. Segundo Heggen, há seis crenças religiosas que frequentemente se encontram presentes em ambientes de abuso⁷⁷. São elas:

1. Deus determina que os homens dominem, e as mulheres e crianças devem submeter-se a eles.
2. Devido a sua participação na Queda, a mulher é moralmente inferior ao homem.
3. As crianças são más por natureza e devem ser castigadas se não obedecerem.
4. Os casamentos devem ser preservados a qualquer preço.
5. O sofrimento é uma virtude cristã.
6. Os cristãos devem perdoar prontamente os que pecam contra eles.

Agressores religiosos podem encontrar possível justificativa de seu comportamento mediante a distorção dos ensinamentos religiosos, o que torna difícil para a vítima parar o abuso.

⁷⁷ HEGGEN, 2002, p. 104-122

2.8 Intervenções espirituais dramáticas

Algumas igrejas assumem que pessoas que sofreram abuso sexual são oprimidas pelo diabo. Acreditam que as lembranças podem ser uma trama de demônios, o que anula a veracidade do abuso; ou as lembranças são eventos reais colocados na mente pela entidade maligna que habita na pessoa. Em ambos os casos a estratégia é expulsar o demônio através do ritual do exorcismo.

A intenção não é aprofundar este assunto, mas sublinhar que muitas vítimas passam por várias sessões vexatórias de exorcismo, na falsa esperança que curas rápidas possam resolver problemas profundos. Na grande maioria das vezes, ao perceberem que o problema continua, acabam enfraquecendo na fé.

A cura rápida não é exclusividade de um único grupo. Muitos oferecem soluções para emoções ou lembranças indesejadas através da tentativa de abordar o problema de uma forma “positiva”. O resultado pode ser uma negação dos fatos e um bloqueio emocional atrapalhando o processo de cura. O anseio pela cura é tão intenso que muitas vítimas acabam buscando estas alternativas.

Portanto, seguem alguns cuidados que pastores e comunidades cristãs devem ter ao atender vítimas de abuso sexual e suas famílias, bem como abusadores.⁷⁸

1. Com a incredulidade (não acreditar que o abuso ocorre na comunidade),
2. Com a tentação de proteger a imagem da igreja (quando o abuso é revelado em seu meio),
3. Com a tentação de culpar a vítima (colaborando para reforçar o abuso)
4. Com a tentação de simpatizar com o abusador e protegê-lo das possíveis consequências do seu comportamento e
5. Em vender uma graça barata (simplificando o processo e se satisfazendo com sinais superficiais de arrependimento ou exigindo da vítima um perdão imediato).

⁷⁸ RIQUELME MARTINEZ, 1999, p. 93

Muitos acham complicado mexer no assunto e não se sentem preparados para isto. Na verdade, como cada situação tem suas peculiaridades, nunca se estará preparado completamente para lidar com isso. Mas basta de cegueira e comodismo! O cristianismo traz inúmeros subsídios para o desenvolvimento de uma nova ética de cuidado⁷⁹. É um trabalho eminentemente digno para cada cristão recuperar as partes da alma de alguém que se sente separado e incapaz de produzir frutos.

O treinamento profissional e a qualificação são importantes, mas o que habilita uma pessoa a conversar sobre questões existenciais de forma produtiva é o hábito constante de pensar, ler e discutir questões existenciais. Especialmente à luz da vontade revelada de Deus – a Bíblia. Conversas sérias sobre a existência do ser humano que incluam uma discussão honesta e orientada à sua dignidade como criatura feita à imagem do Criador, e ao mesmo tempo destruída pelo pecado, constituem o ponto principal na abordagem do aconselhamento pastoral.

O conselheiro, diante do tema do abuso sexual, em geral, se encontra numa posição de grande vulnerabilidade. Sentimentos de inquietação, perplexidade e medo podem surgir. O ideal é juntar esforços nesta empreitada e usar uma equipe de ajuda para diminuir as tensões que o assunto acaba trazendo. Como os amigos do paraplético de Cafarnaum, às vezes é necessário mobilizar muitas pessoas para a cura de um único amigo.⁸⁰

Para que o enfoque seja eficaz, é preciso ter certeza de responder tanto ao trauma original quanto às suas sequelas. Nesta tarefa de cuidado terapêutico, os aspectos sociais, familiares, relacionais, pessoais, espirituais e corporais devem ser considerados. Não basta que este espaço aberto seja apenas para servir de “alívio” para um dia, ou uma situação; porém quanto mais terapêutico se tornar a igreja, tanto mais ela será capaz de promover mudanças significativas na vida das pessoas e em seus círculos de relações.

Possivelmente esta grande crise de fé e todos os aspectos a ela relacionados não serão abordados por outros profissionais num contexto de ajuda interdisciplinar às vítimas de abuso sexual. Se as sequelas espirituais são profundas e marcantes para as vítimas, este é o material de trabalho da igreja: procurar restaurar o relacionamento distorcido com Deus e através desta restauração da confiança no amor de Deus, levá-las a entender a importância de perdoarem a si

⁷⁹ BLASI, 1997, p. 25

⁸⁰ Cf. Mateus 9: 1-8, Marcos 2:1-11 ou Lucas 5: 17-26

mesmas (livrando-se da culpa) e de perdoar seu abusador. A igreja também pode trabalhar com a conscientização de seus membros a respeito do abuso sexual e com isso promover a diminuição desta realidade.

3 EXPERIÊNCIA DA COMUNIDADE EVANGÉLICA BATISTA ÁGAPE EM CAMPO GRANDE – MS NO ACOMPANHAMENTO DE VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL.

Não é a violência de poucos que me assusta, mas o silêncio de muitos.
Martin Luther King

Na prática do aconselhamento pastoral, existem diferentes formas de apoiar vítimas de abuso sexual. A pretensão deste texto não é esgotar o assunto, mas apontar especialmente ferramentas que possibilitem o envolvimento de um número maior de pessoas neste processo. Como já foi dito anteriormente, o conselheiro pastoral e a comunidade religiosa são partes de uma rede de apoio; e sua intervenção sempre deve ser entendida neste contexto, não excluindo de forma alguma os outros recursos de que a sociedade dispõe.

3.1 Aconselhamento em grupos

O recurso mais utilizado pela Comunidade Evangélica Batista Ágape (CEBA) é o aconselhamento em grupos. O trabalho de aconselhamento em grupos é algo que informalmente já vem acontecendo há muito tempo na igreja⁸¹. Em grupos de senhoras, grupos de oração e estudo bíblico ou de jovens, as pessoas se reúnem, trocam experiências e ideias e desenvolvem certa confiança e relações pessoais. Às vezes falam dos seus problemas, desabafam, oram juntas com membros dos grupos ou durante intervalos de reuniões.

Através de pequenos grupos de apoio, uma igreja poderá suprir as necessidades emocionais e espirituais de muitos de seus membros. Nestes grupos, as pessoas têm oportunidade de experimentar a realidade do cristianismo com relacionamentos criativos: consigo mesmas, com outras pessoas, com Deus e com a criação. A forma espontânea e criativa com que a cura pode se operar e se processar no interior de grupos nas igrejas é a indicação de que há um modelo potencial de cura, um referencial e um espaço que deve ser observado e reconhecido para ser aprofundado.

⁸¹ SCHEUNEMANN, Arno V. Pequenos grupos: um caminho que viabiliza a comunidade terapêutica na comunidade cristã. *IGREJA LUTERANA*, São Leopoldo, vol. 57, n. 2, p. 175-186, 1998.

Um aspecto singular deste tipo de grupo é sua referência vertical e horizontal. O crescimento dos membros individuais do grupo é visto em relação a Deus e também às necessidades do mundo. Isto ajuda a equilibrar os aspectos introspectivos de um grupo de compartilhamento. O grupo se reúne para o nutrimento de seus membros, mas também para que Deus possa ter um instrumento através do qual Sua vida possa irromper de novas maneiras no mundo.

Nestes grupos são incentivadas as disciplinas da oração, intercessão e leitura bíblica. Somado a isso existe sempre um roteiro a ser seguido, onde os participantes são desafiados a refletirem sobre suas vidas a partir de um questionário previamente definido e de tarefas a serem desenvolvidas ao longo do tempo de duração do grupo, que também é predefinido.

O conselheiro pastoral funciona como facilitador deste pequeno grupo, incentivando os participantes a falarem sobre suas histórias de vida, suas dificuldades de relacionamento e seus sentimentos negativos. Através do apoio e de uma escuta solidária, o indivíduo desperta para o poder de cura que há na ação do Espírito Santo e na utilização dos seus próprios recursos individuais ao receber aceitação e apoio do grupo.

3.1.1 Uso de subsídios religiosos como oração, intercessão e leitura bíblica no aconselhamento em grupos

Na fé cristã a oração é compreendida como o cultivo do relacionamento pessoal com Deus. Falar com Deus pode aliviar o coração. A sós ou em grupos, é uma prática que deve ser estimulada naqueles que desejam ser curados dos traumas do passado. E quando faltam as próprias palavras, encontram-se na bíblia diversos textos que exprimem o sofrimento humano e que traduzem os sentimentos mais profundos do ser humano. A leitura em forma de oração de textos bíblicos ajuda muito quando o indivíduo não encontra suas próprias palavras para exprimir seus sentimentos.

Interceder pela pessoa que sofre fortalece os vínculos de amor entre as pessoas da comunidade. Na caminhada de cura e libertação, muitas vezes a vítima se sente desanimada de prosseguir. Ouvir de seu conselheiro uma oração particular com fé e esperança promove um renovo no coração do aconselhado. “A oração

intercessora é o banho purificador no qual o indivíduo e a comunidade devem entrar todos os dias” - Dietrich Bonhoeffer.⁸²

O conselheiro precisa considerar a importância da intercessão na sua prática de aconselhamento pastoral. Ele pode solicitar ao grupo de apoio que os nomes de seus componentes e suas dificuldades sejam incluídas em suas listas de oração. Obedecer ao “Orai uns pelos outros” recomendado por Tiago⁸³ provoca um sentimento de solidariedade e união entre os membros da comunidade cristã ao passarem por situações de aflição.

Uma vítima aflita encontra em muitos textos bíblicos alívio e esperança diante dos problemas que enfrenta. Meditar nessas palavras com regularidade promove uma transformação da autoestima. O conselheiro pode ajudá-la recomendando leituras específicas que facilitem o processo de expressão de sentimentos, como também o reconhecimento de sua filiação e sua dignidade como criatura feita à imagem e semelhança de Deus.

Uma leitura bíblica na perspectiva do amor de Deus e da reconciliação que ele traz ao mundo ajudará a pessoa a perceber que é a sua própria condição humana que a leva às crises. E que o próprio Deus age no sentido de possibilitar as concretizações da crise, como forma de ajudar a pessoa a cair em si.⁸⁴

Uma leitura da Bíblia neste horizonte ajudará a pessoa a perceber, em meio ao seu processo de crise, que o que ela de fato é, não é determinado meramente pela situação do momento. Que o que ela de fato é, se deixa perceber quando ela se vê no espelho do seu Criador. Este é o sentido profundo da imagem de Deus à qual fomos feitos. Ajudará a pessoa a perceber que o que ela de fato é, se deixa determinar pela imaginação que se deixa levar pela promessa bíblica de que seremos todos novamente reconstituídos à Sua imagem⁸⁵.

Pode ser proveitoso destacar alguns textos separadamente, tipo um livreto, e deixá-lo à disposição, para uma consulta rápida e diária. Várias igrejas utilizam este recurso e o resultado é muito positivo, especialmente se a pessoa não tem familiaridade de manejar a bíblia e encontrar esses textos com facilidade.

Quando a narrativa bíblica é levada para dentro da história de vida da vítima, sua história também é levada para a narrativa bíblica. Ela ganha uma nova família e

⁸² Apud FOSTER, Richard J. *Oração – O Refúgio da Alma*. 2 ed. Campinas: Cristã Unida, 1996 p. 217

⁸³ Tiago 5: 16

⁸⁴ MUELLER, Enio R. *Caminhos de Reconciliação – A mensagem da Bíblia*. São Leopoldo: Grafar, 2010, no prelo

⁸⁵ MUELLER, 2010, p. 169

um novo horizonte. O amor de Deus reconcilia o ser com sua história, e a sua história pode ser vista como aquilo que sempre foi: parte da história de Deus.⁸⁶

3.2 Modelos de aconselhamento em grupos utilizados na Comunidade Evangélica Batista Ágape

O aconselhamento em grupos é uma excelente ferramenta que deve ser utilizada na igreja, envolvendo os fiéis na cura e recuperação de pessoas feridas emocionalmente, dando uma perspectiva bíblica de crescimento e desenvolvimento de suas potencialidades. A partir daí, multiplicam-se testemunhos de cura emocional nas vidas destes fiéis, e não somente isso, mas também diversas outras mudanças positivas em diferentes aspectos: sociais, familiares, pessoais e, sobretudo, espirituais⁸⁷.

Os modelos que serão propostos a seguir de aconselhamento em grupos vêm de encontro a essa evidente necessidade na igreja local de se “formalizar” estes grupos como um espaço onde a pessoa possa compartilhar seus sentimentos, necessidades e dificuldades, bem como de receber apoio no processo de ajustes indispensáveis para solução dos problemas apresentados.

Os desafios são enormes, desde a montagem, passando pela supervisão e a solução de conflitos, até a manutenção do compromisso entre os participantes dos grupos, a formação de facilitadores e de uma equipe de leigos comprometida e responsável pelos grupos.

Estes grupos, apesar de sua importância, têm suas limitações e, portanto, devem tomar cuidado para não oferecer soluções simplistas aos problemas psicológicos mais difíceis, ou mesmo encorajar os participantes a abandonarem qualquer outro tipo de tratamento em favor da simples permanência no grupo. Facilitadores experientes, pelo contrário, com a intervenção do aconselhamento em grupos podem estimular as pessoas, em determinados casos, a procurarem ajuda profissional.

⁸⁶ MUELLER, 2010, p. 171

⁸⁷ COELHO, Ana Alice Teixeira de Lima; HOCH, Lothar Carlos. *Aconselhamento em grupos na igreja local*. 2008. 47 f. TCCP (Especialização em Aconselhamento e Psicologia Pastoral) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2008

3.2.1 Modelo do REVER - Restaurando Vidas e Equipando Restauradores

O ministério REVER possui um modelo de aconselhamento em grupos onde são ministrados os Doze Passos da Associação Alcoólatras Anônimos (AA) com uma base bíblica implícita. Milhares de alcoólatras encontraram a cura e libertação do vício através dos AA. A ausência de condenação e a aceitação incondicional abrem as portas para o milagre. Este método também se torna bem-sucedido ao ser aplicado a outros tipos de traumas emocionais e relacionamentos conturbados.

Cada participante é desafiado a melhorar sua relação pessoal com Deus, consigo mesmo, com a família e com a comunidade em geral; e isto ocorre no ambiente acolhedor de um pequeno grupo chamado Grupo de Apoio. O indivíduo deve, ao longo de sua participação no processo: a) reconhecer suas feridas emocionais, as defesas que desenvolveu ao longo da vida e suas responsabilidades; b) experimentar Jesus levando sobre Si suas feridas; c) receber o perdão e a libertação de Deus; e d) poder transmitir o perdão para aqueles que o machucaram⁸⁸.

Em cada passo o participante responde a um questionário esmiuçado, avaliando sua própria situação emocional atual e no passado. Os doze passos assim vistos sistematizam algumas das ênfases fundamentais da tradição cristã: Percepção da carência pessoal de cura e da impotência diante do pecado; arrependimento (rendição do narcisismo); abertura e dependência para com Deus na solução de seus problemas; autoexame profundo; confissão sincera a Deus e uns aos outros de suas fraquezas; fortalezas e necessidades; reconciliação, reparação e renovação dos relacionamentos; aprofundamento do relacionamento da pessoa com Deus e compartilhamento, com outras pessoas em dificuldades, da nova vida encontrada.

Este ministério tem tido grande êxito quando é parte de uma igreja comprometida com uma visão e objetivo de ser cada vez mais saudável. Este programa, desenvolvido adequadamente num ambiente acolhedor, é fundamental para se colaborar com a recuperação de pessoas feridas e formar, assim, uma comunidade cristã amorosa e atraente. Em dezenas de igrejas pelo Brasil afora isso

⁸⁸ KORNFIELD, David. *Aprofundando a Restauração da Alma através de Grupos de Apoio*. São Paulo: Mundo cristão, 2008

tem acontecido, recuperando pessoas feridas emocionalmente e transformando a dinâmica de seus relacionamentos⁸⁹.

Percebe-se através do REVER que à medida que o indivíduo cresce no autoconhecimento e no entendimento de sua verdadeira identidade em Cristo, diminui seu temor em expor sua história de vida. O compartilhar torna-se uma forma de motivar outros participantes a exporem seus problemas. O seu testemunho pessoal, conforme se sinta confortável, é estimulado a ser compartilhado também no grande grupo (somente se houver disposição pessoal a isso) e até na comunidade eclesial, extrapolando, em alguns casos, em alcance, a igreja local, estendendo-se à sua família, trabalho, clube, enfim, aonde interage com pessoas de uma maneira geral.

O aconselhamento em grupos precisa trabalhar os conflitos e crises pessoais inseridas no contexto dos sistemas sociais desses indivíduos (família, vizinhos, igreja, clube, trabalho, etc.). É lá que se encontram muitos fatores/causas das suas dificuldades, aparentemente individuais. É onde se precisa estabelecer uma rede de apoio, sob pena de inviabilizar qualquer tentativa de superação desses conflitos. A igreja é parte dessa rede e de suma importância neste processo, mas deve despertar discussões e elaboração de propostas de mudanças positivas na sociedade em que está inserida.

3.2.2 Grupos de Apoio a Vítimas de Abuso Sexual (GAVS)

Débora Kornfield, em seu livro “Vítima, Sobrevivente, Vencedor! Perspectivas sobre abuso sexual”,⁹⁰ descreve um programa de recuperação para vítimas de abuso sexual que envolve aconselhamento em grupos. Os grupos trabalham nove passos, dedicando quanto tempo for necessário (geralmente várias semanas) a cada um. Cada passo propõe tarefas práticas para ajudar pessoas no processo de cura das emoções. O programa foi desenvolvido por Lynn Heitritter e Jeanette Vought⁹¹ e baseia-se numa teoria cognitiva, que procura fazer a pessoa encarar a verdade e fazer escolhas certas.

⁸⁹ COELHO, 2008

⁹⁰ KORNFIELD, 2000.

⁹¹ O livro se chama *Helping Victims of Sexual Abuse*, da Bethany House Publishers, Minneapolis, cujos passos foram extraídos e traduzidos por Débora Kornfield em seu livro p. 171-196.

É uma ferramenta semelhante aos Doze Passos dos AA. Para a sua aplicação é necessária a presença de um facilitador, que pode ser inclusive uma pessoa que sofreu abuso sexual e que já passou pelo processo de receber restauração de seus relacionamentos e cura emocional e espiritual. Os encontros são semanais e os participantes precisam preencher as tarefas e executá-las em grupo durante o processo. Os passos se resumem assim⁹²:

1. Reconheço que estou impotente diante das mágoas consequentes do incesto. Não consigo me curar. Eu me submeto a Deus para que Ele me sare.
2. Afirmo que o plano de Deus para minha vida inclui vitória sobre as consequências do abuso sexual.
3. O meu abusador é responsável pelos atos sexuais cometidos contra mim. Não aceito a culpa e a vergonha resultantes destes atos.
4. Minha identidade verdadeira está em Deus e em Sua Palavra. Estou ativamente procurando minha identidade como uma pessoa amada, que tem valor.
5. Estou honestamente compartilhando meus sentimentos com Deus e com pelo menos outra pessoa, para identificar as áreas que requerem purificação e cura.
6. Aceito responsabilidade pelas minhas reações diante do incesto.
7. Aceito a ajuda de Deus no processo de chegar a me perdoar e a perdoar aos que têm me ofendido e machucado.
8. Quero amadurecer meu relacionamento com Deus e com outras pessoas.
9. Quero ser usado por Deus como instrumento de cura e restauração na vida de outros

Não é necessário um treinamento profissional para desenvolver as habilidades básicas para ser um facilitador destes grupos. Mas alguns parâmetros

⁹² Os passos bem como as tarefas propostas podem ser encontrados no Anexo 2.

importantes para leigos e equipes pastorais que façam ou desejem fazer este tipo de trabalho são:⁹³

1. Garantir à vítima apoio durante o doloroso caminho das recordações.
2. Não assumir mais do que pode ajudar, aconselhar a vítima a buscar um terapeuta especializado em abuso sexual.
3. Valorizar os sentimentos da vítima.
4. Respeitar seu processo de sanidade e seu tempo de recuperação.
5. Escutar cuidadosamente enquanto ela tenta buscar razão para sua dor e questiona com dureza.
6. Reconhecer seus sentimentos de impotência.
7. Alimentar a esperança da vítima quando há falta dela.
8. Ser um grupo de companheiros de oração.
9. Não se descuidar de si mesmo enquanto conselheiro.
10. Lembrar que a sanidade é um dom da graça de Deus.

Muitas vítimas têm sido beneficiadas ao passar por esse “trilho”. Estar com outras vítimas de abuso nesta dolorosa, mas necessária caminhada, reconhecer e acreditar que o seu problema pode ser superado e encontrar-se com elas num ambiente acolhedor tem proporcionado resultados impressionantes em muitas vidas e nas igrejas que se dispuseram a trabalhar com este tipo de grupo.

3.2.3 A Imaginação pela fé e o Aconselhamento pela oração

A cura das memórias pela terapia da imaginação pela fé e o aconselhamento pela oração são métodos que, de um modo ou de outro, procuram trazer o poder do Senhor ressuscitado para curar e transformar as feridas ocultas do passado e suas influências perniciosas no presente. Entre os estudiosos

⁹³ HEGGEN, 2002, P. 178-180

conhecidos que atuam nesta área encontramos Agnes Sanford, Anne White, Catherine Marshall, Ruth Carter Stapleton, Francis MacNutt, Michael Scanlan, Reg East e Roger Moss.⁹⁴

Ruth Stapleton explica este processo como uma “reconstrução emocional experimentada sob a orientação do Espírito Santo”, e acrescenta que “não há nenhuma tentativa de suplantar a psiquiatria ou subestimar a sabedoria da psicologia secular”⁹⁵. O que há é a pressuposição de que, para Deus, o passado é um livro aberto, no qual é possível voltar por suas páginas sentindo a companhia de Cristo, revelando aqueles parágrafos borrados que se haviam esquecido e cujas ilustrações trazem vergonha.

A experiência da cura interior inicia-se quando uma circunstância, como uma experiência espiritual, uma olhada para dentro, provocada por algum método curativo, psicológico ou espiritual, ou a vontade de se curar, ocorre. Este último fator, a vontade de se curar, é a base de toda experiência verdadeira⁹⁶. Ruth Stapleton diz:

A vida de sua mente é parte maravilhosa do universo. Todo aquele que se jactar de compreendê-la nada conhece da sua profundidade. Deus pode devolver a mente à vida; nós não podemos, assim como não podemos criar novo tecido cerebral. Mas, no que diz respeito a esse sentido da vida que o amor de Jesus Cristo traz, podemos entregar-nos à tarefa de extirpar as recordações doentes e substituí-las por novas e ricas imagens, no fundo da mente. Essas novas imagens levarão a uma vida sã e construtiva. Remover o material velho e substituí-lo por outro, mais novo, é o objetivo total da cura das recordações.⁹⁷

À medida que os sentimentos negativos ocultos são desmascarados pode ocorrer o arrependimento sincero; a percepção do dano sofrido leva a uma necessidade de perdoar; e as lembranças tristes, decepcionantes e traumáticas podem ser curadas e a pessoa experimentar um revigoramento espiritual, fazendo com que sua vida no presente possa se tornar mais autêntica e sincera.

Ao explorar o passado, lembranças vívidas das experiências dolorosas podem vir à tona. Quando parecer existir algum “bloqueio” psicológico, o conselheiro poderá orar a Deus pedindo uma revelação clara sobre aquela área escondida. O método sustentado por Ruth Stapleton, de *imaginação pela fé*, incorpora o uso da

⁹⁴ HURDING, Roger F. *A ÁRVORE DA CURA – modelos de aconselhamento e psicoterapia*. Edições Vida Nova: São Paulo, 1995, p. 416

⁹⁵ STAPLETON, Ruth C. *A CURA PELA FÉ*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora RECORD, 1976.

⁹⁶ STAPLETON, 1976, p. 21

⁹⁷ STAPLETON, 1976, p. 22

oração e da imaginação em que Jesus é convidado a estar ao lado da pessoa oprimida no momento da situação traumática⁹⁸.

Ela usa também uma dinâmica onde a pessoa imagina-se aos pés de uma escada, em que cada degrau representa um ano de vida; a partir do nascimento até o momento presente, Cristo é visualizado subindo a escada junto com a pessoa, enquanto a cura é buscada e, pela fé, aceita em cada etapa.⁹⁹

“Tudo o que é imaginado com suficiente nitidez e riqueza de detalhes influencia tanto as emoções da pessoa quanto um acontecimento objetivamente experimentado”.¹⁰⁰ *A imaginação pela fé* cria uma experiência objetiva, não a simula.

O uso da imaginação mental possui um grande potencial para a poimênica e o aconselhamento pastoral. Por razões não de todo compreendidas, formar certas imagens dentro de nossa mente ativa as energias de cura e crescimento. Se as pessoas do grupo conseguem imaginar-se enfrentando construtivamente sua situação, suas percepções sobre o que fazer e a força para fazer podem ser mobilizadas.¹⁰¹ como se afirma em Provérbios: “porque, como imaginou no seu coração, assim é ele”¹⁰².

O uso de imagens e símbolos religiosos significativos (luz, a cruz, a sarça ardente, o bom pastor, a água, o pão da vida, etc.) são subsídios de caráter experiencial para o crescimento espiritual relativos ao hemisfério direito do cérebro. O uso deles pode ajudar a liberar os poderes intuitivos, imaginativos e metafóricos, ajudando o indivíduo a incorporar a sua vivência diária à sua experiência espiritual.

O *aconselhamento pela oração* é também aberto à orientação do Espírito, e inclui um grupo de, por exemplo, dois ou três conselheiros, sendo pelo menos um do mesmo sexo da pessoa necessitada. Anne White¹⁰³ foi uma das pioneiras que iniciou este ministério de *aconselhamento pela oração* nos Estados Unidos, na Europa e no Japão. Através de sua proposta muitos grupos cristãos se organizaram a partir de meados da década de 70 para promover “retiros de cura interior”.

Anne White ensina que o exercício da *imaginação pela fé* dos intercessores é uma poderosa ferramenta para ajudar nos momentos de oração. Visualizar Jesus

⁹⁸ HURDING, 1995, p. 417

⁹⁹ Cf. Anexo 3

¹⁰⁰ Maxwell Malt *apud* STAPLETON, 1976, p. 58

¹⁰¹ CLINEBELL, 2007, p. 124

¹⁰² Provérbios 23:7

¹⁰³ WHITE, Anne S. *HEALING ADVENTURE – the real meaning of Divine Healing*. Plainfield, N.J.: LOGOS INTERNACIONAL, 1969

curando a pessoa, ou visualizar a pessoa curada por Jesus. Eles também devem ser sensíveis às cicatrizes emocionais que requeiram a viagem da *imaginação pela fé*. Quão libertador é ajudar a pessoa a experimentar a presença de Jesus Cristo em seu sofrimento e transformar suas dores por meio do amor de Deus, recebendo sua graça, sua paz e seu perdão¹⁰⁴.

Num clima de oração, o Espírito Santo é capaz de guiar a pessoa a uma atitude aberta e humilde de espírito para resolver seus sentimentos negativos, suas culpas falsas e verdadeiras e serem curadas pelo amor perdoador de Cristo. Os intercessores são canais pelos quais a graça de Deus chega à pessoa ferida. A presença de Jesus Cristo “levando sobre si as nossas feridas”¹⁰⁵ transforma a experiência dolorosa e faz com que o sofrimento tenha um novo sentido para a pessoa.

Além dos grupos de oração, é comum estimular a prática da oração com a imposição de mãos e unção com óleo, baseado no texto de Tiago “para que estes orem sobre ele e o unjam com óleo”. A prática da confissão de pecados junto a uma pessoa treinada também é estimulada como parte do processo de cura¹⁰⁶.

Quando as pessoas estão presas ao passado elas não conseguem se liberar dele sem a ajuda de outras pessoas. O conselheiro pastoral deve orar para que os obstáculos que estão bloqueando a cura sejam removidos tanto da vida da pessoa necessitada como de sua própria vida. A maioria destes obstáculos são sentimentos de medo, ciúmes, ressentimento e mágoa, orgulho, autopiedade, ingratidão e sentimentos de culpa.

It is evident that we, as individuals, are quite capable of setting up very effective "road blocks" on the highway to healing, but it is often too painful remove these barriers alone! How much the emotionally distressed and physically ill need "listening posts" and prayers partners - God's servants (be they ministers or trusted Christian friends) who are not too busy to listen. Under the guidance of the Holy Spirit with prayer, patience and a more objective point of view, they can help the confused to sort out real from fantasy problems before it is too late. There is a ministry of the laity awaiting those who in faith and love will choose to be chosen by our Lord to serve Him in fulfilling this need. (...) many found the courage to face old memories, "hidden in the basement of the house of life", to let the Love of Jesus purify the musty rooms. If we are trusting in Him to show us how and where, our Lord will bring those who need to experience His healing Love through us.¹⁰⁷

¹⁰⁴ KORNFIELD, 2008, p. 194-197

¹⁰⁵ Isaías 53: 3-5. NVI.

¹⁰⁶ Tiago 5: 13-16 e I João 1: 8-10

¹⁰⁷ WHITE, 1969 p. 101-102

“É evidente que nós, individualmente, somos bem capazes de levantar barreiras muito eficientes na estrada que leva à cura, mas a tentativa de remover, sozinhos, essas barreiras frequentemente é dolorosa demais. Como os

Durante o trilha dos Doze Passos do Ministério REVER ou dos passos do GAVS, na CEBA, utilizam-se os recursos do *aconselhamento pela oração e imaginação pela fé*. Aqueles que participam do aconselhamento em grupos são convidados a compartilhar a sua vida, e isto pode ser feito através de um breve relatório, abordando os aspectos especialmente mais traumáticos de sua infância e adolescência e as suas principais dificuldades atuais de relacionamento.

Este relatório é entregue à equipe de conselheiros responsável pelo aconselhamento, que previamente se reúne e o lê. Posteriormente, essa equipe reúne-se com o aconselhado durante até quatro ou cinco horas. Num ambiente descontraído e informal, há orações em que “se suplica a presença e a proteção de Deus”. Após um momento de silêncio, previamente combinado, permite-se à pessoa falar dos sentimentos que vêm à tona em sua mente e compartilhar situações e relacionamentos que a preocupam em particular.

A equipe deve estar preparada para um ouvir ativo, estimulando a pessoa, por intermédio de perguntas abertas, à expressão dos seus sentimentos dolorosos para apresentá-los a Deus, confessando-os e dando liberdade para que ocorra uma cura natural. Os conselheiros procuram estar o tempo todo orando e dando atenção, ouvindo a orientação de Deus quanto à melhor maneira de ajudar.

Depois da “catarse” a equipe ajuda a pessoa por meio da oração e leitura bíblica e utilizando a *imaginação pela fé* a experimentar a presença de Jesus Cristo em seu sofrimento e a transformar suas dores por meio do amor de Deus, recebendo sua graça, sua paz e seu perdão e sendo curadas.

O propósito de trazer de volta lembranças do passado é triplo: remover a negação, recuperar o eu e avançar em direção à mudança real. Trazer o passado de volta sem tomar uma decisão profunda de encará-lo com honestidade, pode ter apenas um efeito temporário de alívio ou até mesmo tornar o presente mais doloroso. Apesar da inevitável ambivalência da vítima sobre a recuperação de

emocionalmente atribulados e os fisicamente doentes precisam de locais onde sejam escutados e de parceiros de oração – servos de Deus (sejam ministros ou amigos cristãos que mereçam confiança) que não estejam tão atarefados que não possam escutar. Sob a orientação do Espírito Santo, com oração, paciência e um ponto de vista mais objetivo, eles podem ajudar os confusos a distinguir entre a realidade e os problemas imaginários, antes que seja tarde demais. Existe um ministério para leigos aguardando aqueles que, em fé e amor, escolherem ser escolhidos pelo nosso Senhor para servir a Ele no preenchimento dessa necessidade. (...) Muitos encontraram coragem suficiente para encarar memórias antigas, “escondidas no porão da casa da vida”, para permitir que o Amor de Jesus purificasse as salas emboloradas. Se confiarmos nEle para nos mostrar o como e o aonde, nosso Senhor trará as pessoas que estejam precisando experimentar, por nosso intermédio, o seu Amor curador”. (*tradução nossa*)

lembranças dolorosas, o retorno de quaisquer lembranças do passado deve ser fruto de um desejo de se lidar com ele.

Muitas vítimas têm apenas lembranças vagas do abuso que sofreram e o trabalho do conselheiro é caminhar com elas nesse processo, sem forçar para que isso ocorra. Ajudar o aconselhado a estar aberto às lembranças é a melhor atitude, pois envolve o desejo de participar do processo e a humildade de esperar que algo aconteça, como diz o salmista: “Sonda-me ó Deus, e conhece o meu coração: prova-me e conhece os meus pensamentos, vê se há em mim algum caminho mau e guia-me pelo caminho eterno”¹⁰⁸

Uma memória vívida de um evento não constitui nenhuma garantia de que a lembrança seja perfeitamente exata. Uma emoção intensa que a acompanha não comprova a verdade de uma recordação¹⁰⁹. Faremos bem se procedermos com precaução, respeitando a emoção do indivíduo, mas não fazendo julgamentos.

O propósito do trabalho de memória não é simplesmente recapitular recordações. O ato de se lembrar de algo não é, em e por si mesmo, um processo curativo. De forma análoga, o processo de ab-reação (no qual são experimentadas as emoções que acompanharam o abuso original) não é, em si e por si mesmo, a cura. Somente lembrar e sentir não leva à redenção. A pessoa pode se lembrar e sentir e simplesmente continuar eternamente atormentada.

“A memória não é somente um reino, também é um cemitério” (Elie Wiesel)¹¹⁰. O importante é expor as mentiras. As mentiras, embutidas em experiências traumáticas e acompanhadas de intensa emoção, normalmente deixaram mensagens poderosas. São essas mentiras que são expostas durante o trabalho de memória. O trabalho de memória tem um propósito muito maior do que o de simplesmente recordar e sentir o que aconteceu.¹¹¹

A cura emocional raramente é um acontecimento único, mas um processo. O uso da oração e da imaginação pela fé permite o contato com o trauma e experimentar a presença de Cristo nele. O trilha pelos passos do REVER ou do

¹⁰⁸ Salmo 139: 23-24

¹⁰⁹ LANGBERG, 2002, p. 121

¹¹⁰ LANGBERG, 2002, p. 128

¹¹¹ LANGBERG, 2002, p. 128

GAVS juntamente com um pequeno grupo de pessoas ajusta a caminhada a partir de um novo enfoque sobre sua dor.

O REVER é oferecido inicialmente para todos os que sentem necessidade de melhorar seus relacionamentos ou lidar melhor com suas emoções. Diversos tipos de problemas atraem as pessoas para essa trilha, inclusive as vítimas de abuso. Uma vez percorrido este caminho, muitos percebem uma necessidade de tratar o assunto de maneira mais específica e recorrem ao GAVS. O aconselhamento pela oração e a terapia da imaginação pela fé podem ser utilizados durante a realização dos passos no REVER ou no GAVS. Nestes casos, todo o grupo de apoio é convidado a participar deste aconselhamento, apoiando a pessoa que será ministrada.

3.3 A família como grupo de autoajuda: Uma ferramenta de intervenção para o aconselhamento familiar em casos de abuso sexual incestuoso

Em algum momento do processo de cura, provavelmente como um ponto finalizante da história, vai surgir o desejo de defrontar o agressor ou a família. É importante que esse desejo venha da vítima, motivado não pelo desejo de vingança ou desabafo de suas emoções e sim para expressar a verdade que tanto a feriu. Nem sempre é possível uma confrontação direta, podendo ser mais favorável e indicado em alguns casos outras formas de confrontação: escrever uma carta, gravar um vídeo, ou talvez uma conversa fictícia possa obter resultados semelhantes à confrontação direta.

É possível, porém, que se tenha uma família em que o abuso esteja ocorrendo ou recentemente ocorreu e acabe de ser revelado; e essa família recorra a uma ajuda para enfrentar o problema. Quando se torna necessário uma intervenção familiar utiliza-se na CEBA uma ferramenta adaptada da rotina terapêutica realizada por Cloé Madanes.¹¹²

¹¹² Cloé Madanes formou-se em Psicologia pela Universidade de Buenos Aires em 1965. Foi para os Estados Unidos onde estudou Terapia Familiar Sistêmica em Palo Alto. Foi contratada por Salvador Minuchin para trabalhar na Filadélfia com famílias latinas e atualmente é co- diretora do Family Therapy Institute de Washington. É docente e supervisora em psicoterapia há mais de 15 anos, autora de vários livros, numerosos artigos e vídeos. Publicado por *Héctor Pablo Label* em *Perspectivas Sistêmicas* n.1 e recuperado pelo site <http://www.redsistemica.com.ar/articulo1-8.htm>

Cloé desenvolveu um enfoque padrão para a terapia familiar em casos de abuso sexual. Ela segmentou o método terapêutico em uma série de passos que devem ser executados de maneira organizada e que avançam gradativamente numa abordagem psicológica e social, podendo ser aplicados em uma grande variedade de casos¹¹³¹¹⁴. É uma estratégia terapêutica tanto para a vítima como para o agressor e que pode ser adaptada e utilizada para guiar um aconselhamento pastoral de famílias que estejam lidando com este tipo de problema.

Passo 1: Expor o delito.

Reunir a família e pedir que todos descrevam o que aconteceu. Quem fez o quê a quem, como, quando, com que frequência: tudo o que sabem. De maneira geral, é a primeira vez que toda a família fala sobre o abuso. O princípio básico é que nessas famílias não deve haver segredos. A manutenção do segredo pode favorecer outros casos de abuso. Esta abordagem é terapêutica e impede que o agressor insista em não admitir seus atos. Para crianças muito pequenas pode-se utilizar papel e lápis para que desenhem o que ocorreu. O princípio é não exercer qualquer pressão sobre a vítima; ela fala apenas o que deseja.

Passo 2: Confrontar o mal provocado.

Depois de obter o relato do delito sexual o terapeuta pergunta a cada membro da família por que o agressor agiu mal. Eles podem responder que é ilegal, é uma violência, ou que é proibido. Insiste-se com essas perguntas até que o abusador admita o elemento de força e coerção perpetrado contra a vítima; a brutalidade, exploração e manipulação implicadas. O agressor deve compreender o que tais atitudes provocaram na vítima: medo, desespero, culpa e outros problemas e sintomas que porventura ela esteja apresentando.

Passo 3: Explicar a dor espiritual.

O terapeuta concorda com todas as consequências faladas no passo dois e acrescenta que além de todas elas, o abusador provocou uma dor espiritual à vítima. Segundo a religião e a cultura da família pode-se empregar a expressão “dor espiritual” ou “dor no coração”. Uma violação sexual é uma violação do espírito da pessoa, especialmente quando esse ataque provém de alguém que a criança ame ou de quem dependa. O espírito é o centro de valores humanos tais como a beleza,

¹¹³ MADANES, Cloé. *Sexo, amor y violencia: estrategias de transformación*. Barcelona: Paidós, 1993.

¹¹⁴ _____; KEIM, James P.; SMELSER, Dinah. *Violencia masculina*. Barcelona: Granica, 1997.

a bondade, o amor, a verdade, a compaixão e a honestidade. Quando há a violência sexual, a vítima sofre no “núcleo” do seu ser.

Passo 4: Reconhecer a dor espiritual do agressor.

O ataque contra a criança também causa um dano espiritual ao abusador, porque é terrível provocar algo tão maléfico em uma criança, particularmente quando se ama esta criança ou se tem o dever de cuidar dela. O terapeuta reconhece a dor espiritual do agressor.

Passo 5: Descobrir outras vítimas e abusadores.

O terapeuta pode reforçar que, segundo os estudos realizados, os abusos sexuais acontecem em várias gerações da família, e que também é objetivo desta intervenção impedir que outras crianças sejam vítimas no futuro, por isso é necessária a participação de todos. Muitas vezes o próprio abusador ou outros membros da família também sofreram abusos sexuais por parte de parentes, estranhos ou amigos da família. É pouco frequente que este seja o primeiro caso e que só haja uma vítima.

Passo 6: Reconhecer a dor da mãe.

A ação do abusador causou dor espiritual à mãe e em outros familiares. Ao atacar a vítima, o abusador ataca a mãe, o pai, os avós, e a todos os demais familiares.

Passo 7: Desculpar-se de joelhos.

O terapeuta pede ao agressor que fique de joelhos em frente à vítima e expresse seu pesar e arrependimento pelo que fez, dizendo que assume toda a responsabilidade, que a vítima não é culpada de nada e que nunca voltará a fazer nada parecido com outro ser humano. A família e o terapeuta poderão observar o quão sincero foi. Se ele se nega a ajoelhar-se, deve-se insistir que o que ele fez à vítima foi muito humilhante e causou uma dor espiritual e que, ao se desculpar, ele deve adotar uma postura de humildade espiritual. A vítima pode perdoar se quiser, mas não é obrigada e nem pressionada a fazê-lo.

A autora insiste com o pedido de perdão de joelhos, porque vê esse gesto como símbolo universal de humilhação, humildade, arrependimento e respeito. Também coloca o abusador menor que a criança e o resto da família e é dessa posição que terá que reparar o dano que causou. Nenhum outro gesto, em sua opinião, expressa tudo isso. Esta atitude é terapêutica para o abusador, para a

vítima e para outros familiares. Estabelece publicamente, perante toda a família, que a vítima não tem culpa de nada que aconteceu, e que não está obrigada a perdoar.

Passo 8: Pedir à mãe que se desculpe.

O terapeuta pede à mãe (especialmente quando o agressor é o pai ou padrasto) e aos outros familiares envolvidos que se ajoelhem diante da vítima e expressem seu arrependimento por não havê-la protegido o suficiente. É uma forma também da vítima entender que os adultos deveriam cuidar dela e de que não é culpa sua o ocorrido.

Ao se deparar com uma mulher que parece estar “falhando” no seu papel de protetora, muitos terapeutas ficam tentados a se concentrar na sua deficiência e torná-la um objeto de mudança. Mães “cúmplices” do abusador, que não acreditam em suas filhas (o mais comum) podem facilmente se tornar alvos de recriminação e a terapia pode reforçar isto.

Na verdade, essas mulheres são parte de um sistema que inclui a diferença de poder entre homens e mulheres. A melhor maneira de ajudá-las seria fazê-las construir realidades nas quais pudessem contestar os abusos de poder. A continuidade do poder masculino no contexto do abuso sexual contra crianças depende de as mulheres continuarem a distorcer suas próprias realidades, de tal forma que não existe uma concordância entre elas (mães e filhas) quanto à natureza de sua experiência.¹¹⁵

Passo 9: Analisar as consequências de possíveis futuros delitos.

Discutir com os pais quais serão as consequências se algo semelhante voltar a acontecer. O terapeuta estimula estabelecerem-se consequências duras: expulsão do seio familiar, internação, prisão.

Passo 10: Ouvir a vítima a sós.

O terapeuta se encontra com a vítima para falar sobre o abuso, seus sentimentos, seus medos e sua dor. Expressa simpatia e aceitação para superar o trauma e estimula a ter esperança e dar enfoque ao seu crescimento como pessoa. Esse passo pode ocorrer paralelamente aos outros.

Passo 11: Encontrar um protetor.

¹¹⁵ PERELBERG, Rosine J., MILLER, Ann C. (Orgs.) *Os sexos e o poder nas famílias*. Rio de Janeiro: Imago, 1994. p. 151-161

O terapeuta busca um protetor para a criança. Não deve pensar na mãe. Se ela pudesse, já o teria feito. Ao longo da terapia ela poderá se tornar mais forte e capaz de proteger eficazmente, mas nesta etapa inicial não está em condições de fazê-lo. É melhor procurar outro parente, alguém da família extensa. Alguém responsável e respeitado.

Passo 12: A reparação.

O terapeuta pede aos pais que pensem em algo que o abusador poderia fazer para reparar seu ato, mesmo que seja simbólico, pois nada compensa a violência sexual. Algo que implique um sacrifício prolongado, beneficiando a vítima. Em geral, ele pode depositar uma quantidade estipulada de dinheiro mensal numa conta especial para a vítima. E que o “protetor” escolhido assegure que isso ocorra. É melhor que esta reparação esteja vinculada a uma causa valiosa, como por exemplo, a educação. Se os pais não aceitarem este tipo de reparação, o terapeuta poderá indicar uma instituição que cuide de crianças para que o abusador faça ali sua contribuição mensal.

Passo 13: Concentrar-se na sexualidade.

O terapeuta deve ajudar o agressor a levar uma vida normal. Se for o pai ou padrasto, haverá uma decisão quanto a continuar ou não com a mãe da vítima. Se vão permanecer juntos, várias sessões de terapia sexual serão necessárias. A concentração nesse ponto deve ser especificamente nos impulsos e fantasias sexuais inadequadas do abusador e em encontrar soluções para estes problemas. Ele precisará de muita ajuda para vencer seus impulsos, e se não tiver a humildade de reconhecê-lo, ele poderá repetir o ato.

Se o abusador for um adolescente, os pais deverão ser orientados a conversar mais com ele sobre as questões sexuais e os problemas que ele enfrenta. Deve ser estimulado a fazer novas amizades, estudar e praticar esportes.

Passo 14: Encontrar uma nova metáfora: restabelecimento do amor.

O abusador pode ter cometido outros episódios violentos. O objetivo da terapia não é só deter o abuso sexual, mas também pôr fim à violência. É importante desfazer a confusão entre amor e violência, pois muitas vezes o abusador chama seus atos abusivos de “amor” e confunde a vítima e a si mesmo. Ele precisa entender que pode amar uma pessoa sem ter que abusar dela.

Procurar restaurar o amor pelo abusador, especialmente quando ele for parte da família, provocando momentos para interações agradáveis que remetam a momentos bons e sentimentos bons que porventura já tenham lhe sido dedicados.

Passo 15: Prevenir o suicídio.

Os delinqüentes sexuais correm alto risco de suicídio. O terapeuta deve demonstrar esperança e otimismo em relação à mudança dele, ao restabelecimento da vítima e da família. É importante que o profissional aborde esse aspecto com o abusador e aplique técnicas de prevenção de suicídios tais como pactos e contatos diários com o terapeuta, supervisão por parte dos familiares, etc.

Passo 16: Encontrar um sentido à vida.

Quando alguém fez algo horrível, a vergonha e a dor são insuportáveis; deve haver um objetivo que transcenda a pessoa e lhe outorgue um sentido à sua vida. Isto serve para prevenir o suicídio. O abusador deve compreender que é sua a decisão de determinar o que vai ser de sua vida daí para frente, e que a cura e a reparação são necessárias.

Passo 17: Gerar empatia e compaixão.

O terapeuta deve convidar a mãe biológica ou espiritual, ou outra pessoa que ocupe esse lugar na vida do agressor, para participar da terapia, especialmente em casos de adolescentes abusadores. A ideia é que essa “mãe” compartilhe seus próprios sentimentos e dificuldades, de modo que surjam sentimentos de empatia e compaixão no abusador, e logo estes sentimentos poderão ser transferidos para outras pessoas em sua vida. É uma maneira de prevenir futuros atos violentos.

Passo 18: A luta contra a solidão.

Pais ou pessoas que abusam sexualmente de seus filhos são excluídos da sociedade. O terapeuta deve intervir e reorganizar a rede social do abusador, incluindo familiares que exerçam boa influência; e deve injetar esperança de que a solidão vai melhorar no decorrer da terapia.

Passo 19: Restituir o agressor como protetor.

O abusador poderá dar conselhos nas sessões sobre como evitar drogas, más companhias, etc. Ele nunca voltará a ser o guardião exclusivo e principal das crianças, mas poderá ter alguma relação de proteção com elas.

Passo 20: Aprender a perdoar-se.

Às vezes, isto é muito difícil. Muitos abusadores sofrem por recordar pensamentos e imagens do abuso e por temer repeti-los em algum momento. O

terapeuta deve reforçar que lembrar o passado é uma maneira de não repeti-lo; portanto as lembranças têm um caráter terapêutico, desde que não ocupem todo o seu pensamento. Dedicar-se a obras de caridade, preferentemente de forma anônima, poderá fazê-los sentirem-se melhor consigo mesmos.

Estes passos podem ser adaptados num contexto de aconselhamento pastoral; inclusive somados aos recursos da oração, intercessão e leitura bíblica, têm produzido bons resultados no acompanhamento de famílias com esse problema. Eles também podem ser usados, como já dito anteriormente, nos casos de vítimas adultas que desejarem esclarecer sua situação com os pais e familiares.

Em cada caso deve-se usar de bom senso e adaptar conforme a necessidade. Este método foi idealizado para casos onde tenha havido violência e violação. Há situações, por exemplo, como de dois irmãos que se envolveram num jogo sexual, onde não houve nem violência e nem violação. Aplicar todos os passos neste caso criaria mais problemas do que soluções. O terapeuta poderia dar uma explicação clara sobre os problemas do incesto e discutir sobre maneiras saudáveis de expressar a sexualidade.

Outro aspecto interessante deste método é que ele inclui o cuidado com o abusador. As vítimas sofrem muito com o abuso sexual, e as sequelas são graves e influenciam vários aspectos de suas vidas. Mas se existem tantas vítimas como foi citado no primeiro capítulo, existem muitos abusadores. É tarefa do conselheiro pastoral oferecer ajuda ao abusador quando ele se apresenta no processo. Pensar na criança que há em cada abusador, que pode ter sido maltratada e violentada, torna mais fácil criar empatia para com ele.¹¹⁶

O aconselhamento em grupos do REVER pode ser utilizado para auxiliar na recuperação não somente de vítimas, mas também do abusador. Não é incomum que ao caminhar pelos Doze Passos e desejar uma vida honesta diante de Deus e dos companheiros de grupo, um abusador se revele. Estar em um grupo de apoio, lidando com as emoções negativas de sua história, e ser confrontado quanto às suas responsabilidades, permite ao abusador sentir a graça e o amor de Deus e receber cura emocional e espiritual.

Las congregaciones deben trabajar con las víctimas y los transgresores hasta llevarlos al punto en que se propicie la reconciliación. Éste es un asunto importante del reino de Dios, además, es un trabajo muy

¹¹⁶ GABEL, 1997, p. 60

satisfactorio. Pocas experiencias son tan poderosamente conmovedoras como llegar al verdadero arrepentimiento y perdón hasta la reconciliación. Los ángeles en el cielo deben dar volteretas de gozo eufórico cuando dos personas que han estado distanciadas y aisladas en su propio dolor se abrazan en amor, reconciliación y una relación renovada.¹¹⁷

A graça de Deus se estende a todo pecador, incluindo aquele que viola o corpo e a alma de uma criança pequena ou de um adolescente. Para trabalhar eficientemente a teologia da redenção com os abusadores dentro da igreja, o conselheiro deve reafirmar sua fé no poder da ressurreição e na possibilidade de uma nova vida em Cristo para a vítima e para o abusador. Mesmo que os passos a tomar sejam difíceis, a igreja deve manter uma visão de nova vida para o abusado, para o abusador e para suas famílias.

Se os abusadores forem acusados, a comunidade deverá assegurar que ele coopere com a lei. É importante conseguir ajuda profissional para os transgressores sexuais. Eles requerem um tratamento especializado. Não é algo que leigos, por mais bem intencionados que sejam, possam assumir sozinhos. Sem um tratamento especializado, o abusador poderá repetir o crime.

O intuito de descrever de maneira detalhada os métodos de aconselhamento pastoral utilizados nesta comunidade é despertar para a realidade de que é possível cuidar de vítimas de abuso sexual. Existem muitas outras maneiras de se fazer isso, e seria muito interessante que as experiências de diversos grupos fossem compartilhadas para que houvesse um crescimento recíproco.

Há muito ainda para fazer. Mas importa começar.

¹¹⁷ HEGGEN, 2002, p. 172

“As congregações devem trabalhar com as vítimas e os transgressores até levá-los ao ponto que se propicie a reconciliação. Este é um assunto importante do Reino de Deus, e também é um trabalho muito satisfatório. Poucas experiências são tão poderosamente comovedoras como chegar ao verdadeiro arrependimento e perdão até a reconciliação. Os anjos e o céu devem dar piruetas de gozo eufórico quando duas pessoas que estavam distanciadas e isoladas em sua própria dor se abraçam em amor, reconciliação e uma relação renovada”. (tradução nossa)

CONCLUSÃO

A sociedade na qual vivemos está impregnada de violência. Basta abrirmos um jornal, ligarmos a TV ou rádio ou acessarmos a internet, e somos sobressaltados com notícias de violência praticada por seres humanos contra seus semelhantes. Boa parte destes casos de violência se refere à violência sexual. Apesar disso, ainda podemos permanecer alheios a esta realidade até que ela bata à nossa porta e nos tornamos vítimas desta devastadora realidade.

O abuso sexual antes de ser um ato sexual é um ato de violência, usando o sexo como instrumento de agressão, humilhação e abuso do poder. É um crime onde se utiliza o ato de poder no qual se força uma criança ou adolescente a manter algum tipo de relacionamento sexual não desejado com um adulto, usando para isso, violência física, psíquica, verbal, psicológica ou outros mecanismos, como bebida, relações de parentesco, ou outras formas de persuasão.

O abuso sexual é um fenômeno de distribuição global, altamente prevalente, afetando crianças e adolescentes de todas as raças, culturas e classes sociais. As vítimas são principalmente meninas entre 5 e 10 anos e o abusador na maior parte dos casos é do sexo masculino, e frequentemente é o pai, padrasto ou familiar próximo. O encontro de sinais da violência é incomum, pois na maioria deles não há vestígios físicos. Em geral os casos descobertos não são notificados e a família opta por silêncio e negação do fato.

O impacto do abuso sexual depende de diversos fatores tais como: a familiaridade entre a criança e o abusador (relações sexuais incestuosas); a saúde emocional prévia da vítima, a duração e frequência dos episódios abusivos; a reação dos outros familiares e a atribuição de responsabilidade à criança. Situações de pobreza e negligência às necessidades básicas da criança também colaboram para o agravamento das consequências do abuso.

A incidência da violência sexual que crianças e adolescentes sofrem é subestimada, e mesmo assim os números são alarmantes e devem suscitar reflexão pela sociedade em geral. Se existe um tabu em relação ao abuso sexual, trata-se, sobretudo, da interdição de se falar do assunto. A primeira etapa *sine qua non* do trabalho com vítimas de abuso sexual – crianças, adolescentes e adultos – é fazer com que esses episódios rompam o silêncio ou o segredo que os dissimula. Caso contrário, é como se, em detrimento das vítimas, o problema não existisse.

Para isso é preciso que os adultos se declarem prontos a ouvir esse tipo de coisa, pois definitivamente só encontraremos a violência – e a violência sexual em particular – se a buscarmos.

A convivência da criança ou do adolescente com o agressor, o qual na maioria dos casos não é denunciado, e que tem como papel ser protetor e provedor, pode levar a um estado permanente de medo e estresse, podendo desencadear como conseqüências doenças físicas e sofrimento mental.

As sequelas emocionais podem incluir ataques de ansiedade, fobias, depressão e pensamentos de suicídio, desespero e falta de esperança. Descontentamento geral com a vida, paralisia emocional ou entorpecimento, dificuldades com a raiva, e angústia profunda.

Pode haver muitos efeitos somáticos do abuso na infância, como enxaquecas, tensão muscular, problemas com a articulação mandibular, problemas gastrointestinais, anorexia, bulimia, compulsão por comida. Disfunções sexuais são comuns: aversão ao sexo, distúrbios no desejo, confusão quanto à identidade sexual, compulsão por sexo, ninfomania, masturbação compulsiva, sadomasoquismo e prostituição.

Acrescentando-se a violência e a confusão do abuso sexual a um contexto familiar caótico e negligente, fica claro que um ambiente desses deixará sua marca na identidade, recordação, cognição e fisiologia da criança em desenvolvimento. As vítimas são pessoas que passarão sua juventude, e porque não dizer a vida, marcadas pelo horror destes momentos traumáticos.

A violação sexual de uma criança também pode trazer muitas conseqüências espirituais. Uma imagem distorcida de Deus, conjugada com uma imagem distorcida do si-próprio, cria diversas barreiras para experimentar o amor e a graça de Deus. Viver abaixo do padrão para o qual alguém foi feito é trair a alma, de modo tão grave quanto aquilo que foi feito pelo abuso. Essa deve ser uma boa razão para escolher trilhar o doloroso caminho da mudança e da cura.

Quando se trata de ajudar as vítimas a se recuperarem espiritualmente das sequelas do abuso, a igreja possui inúmeros recursos que possibilitem isto. Através do convívio num ambiente acolhedor, da oração, da intercessão, da leitura bíblica, da meditação, do estudo bíblico, etc., o amor de Deus pode fluir nos corações aflitos e a pessoa se vê capaz de superar suas dificuldades.

Em grande parte dos casos, a igreja pode ser o único espaço terapêutico da vida da pessoa, especialmente se suas condições financeiras não permitem a procura por um profissional liberal. Esta realidade indica a importância que devemos dar ao fato e que devemos buscar cada vez mais estratégias para incrementar a dinâmica de cura das relações humanas cotidianas e suas crises no ambiente eclesial.

Capacitar comunidades e lideranças para este olhar perceptivo e atento às necessidades sociais a partir das demandas pessoais é um longo e árduo caminho que está apenas começando. Não podemos negar que em nossa comunidade, e conseqüentemente em nossas igrejas, existam crianças sendo abusadas e vítimas adultas de abuso na infância. Não vivemos à parte da sociedade, mas somos parte dela e, portanto, sofreremos com o que a sociedade sofre.

Quando líderes cristãos não acreditam na grande quantidade de vidas vitimadas pelo abuso sexual, isso significa que ele é mantido em segredo, porque muitas destas pessoas sofredoras possivelmente não acreditam que poderão encontrar algum tipo de ajuda na igreja. Quando o problema não é prioridade, ele acaba sendo visto como “raro”. Uma pequena e simples sugestão para estes líderes é que, sempre que forem falar, considerem simplesmente o acréscimo da palavra *abuso sexual* a qualquer lista de problemas pelos quais os fieis possam estar lutando. As vítimas sairão do esconderijo!

Métodos de assistência e aconselhamento em grupo constituem o recurso mais fecundo para a ampliação e o aprofundamento do ministério de cura e crescimento de uma igreja. Abordagens em grupo, aplicadas a um amplo espectro de crises e questões de vivência, podem permitir que a igreja seja um agente na prevenção de problemas de personalidade através do estímulo ao cuidado integral do ser, ajudando-o a restaurar sua identidade à imagem do Criador.

Compartilhar sentimentos, dificuldades e experiências, num grupo que se propõe respeito e compreensão mútua, também faz nascer autocompreensão, respeito próprio, e motiva a vivência comunitária. Assim o compromisso de cuidado mútuo em grupos ao passar por sofrimento, é comunhão na busca da cura e da transformação de estruturas, modelos e paradigmas.

Na experiência da CEBA o cuidado de vítimas adultas de abuso sexual na infância tem ocorrido mais intensamente através do aconselhamento em grupos. Os modelos utilizados são vários: o modelo do ministério REVER, que utiliza os Doze

Passos dos AA juntamente com estudo bíblico e oração; ou um programa específico para vítimas de abuso sexual que consiste de nove passos também semelhantes ao AA desenvolvido por Lynn Heitritter e Jeanette Vought e traduzido por Débora Kornfield; e neles incluem-se exercícios de crescimento espiritual como os da *imaginação pela fé* e *aconselhamento pela oração*.

O destaque nesse tipo de abordagem é que boa parte da liderança para esses grupos é provida por leigos criteriosamente selecionados e treinados. Cabe aos pastores aprenderem habilidades de trabalhar em grupos e de supervisioná-los, e assim estarão treinando e apoiando esses facilitadores leigos, permitindo que o impacto de suas habilidades assistenciais seja multiplicado através desses líderes.

Outra ferramenta que tem obtido resultados positivos para o acompanhamento de vítimas de abuso sexual, especialmente quando as famílias estão envolvidas, ou quando a vítima deseja um confronto saudável com a família e/ou com o abusador, é a utilização do método de Cloé Madanes, uma terapeuta argentina, radicada nos Estados Unidos, que trabalha há mais de trinta anos com vítimas de abuso e o seu contexto familiar. Consiste de vinte passos práticos que podem ser adaptados aos mais diversos casos encontrados e que permite ao conselheiro pastoral planejar suas sessões com a família e cujo intuito é melhorar o relacionamento entre os familiares, a quebra do segredo e a possibilidade do perdão entre as partes.

O objetivo do trabalho de aconselhamento pastoral é restabelecer um relacionamento saudável com Deus, superar a crise de fé que a vítima enfrenta e restaurar os relacionamentos importantes na vida, que envolvem seu cotidiano e sua história. É também o de perdoar a si mesmo e aos que lhe feriram, pois desamarra a alma para enfrentar as dificuldades do dia-a-dia sem exercer pressão sobre a pessoa.

As intervenções devem ser cuidadosas e o trabalho de cura é longo, evitando-se intervenções espirituais dramáticas. Propostas de curas rápidas dificilmente resolvem problemas profundos.

Os pobres e marginalizados, os sofredores, as mulheres e as crianças foram sempre alvos do amor e compaixão de Cristo. É importante que as igrejas que se dizem cristãs manejem diretamente o tema do abuso sexual e outras formas de violência desde a infância até a maturidade. O sofrimento ligado às injustiças do

passado tende a ir desaparecendo com o tempo, se reconciliação e perdão forem conseguidos, especialmente quando o amor e a confiança são reconstruídos.

Perdoar não é esquecer. O esquecimento não permite aprender com os erros e dar os passos necessários para evitá-los no futuro. Infelizmente o abuso sexual não vai desaparecer, mas quando famílias e sociedade reconhecem o passado, se conscientizam de suas vulnerabilidades e limitações e se esforçam para que o futuro seja diferente, há realmente possibilidade de mudança.

REFERÊNCIAS

- ALLENDER, Dan B. - *Lágrimas Secretas* - cura para vítimas de abuso sexual na infância. Mundo Cristão, São Paulo, 1999.
- ARAUJO, Viviane Brunhilde Jung; MUELLER, Enio R. *Quando Deus se esconde: o desafio da presença solidária a partir do livro de Jó*. Monografia (Especialização em Psicologia e Aconselhamento Pastoral) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2004.
- BLASI, Marcia – *Violência sexual na Infância: rumo a um aconselhamento pastoral*. TCC (Bacharel em Teologia) - Faculdades EST, São Leopoldo, 1997.
- A BÍBLIA Sagrada. Nova Versão Internacional. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2000.
- BOOTZ, Everton R. “*Consultei a Deus e Ele me respondeu, e me livrou de todos os meus temores*”- *O uso de recursos espirituais no aconselhamento pastoral*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2003.
- CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A. *Metodologia Científica*. 5. ed. São Paulo : Person Prentice Hal, 2002.
- CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento Pastoral*. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- CÓDIGO Penal Brasileiro – Disponível em <<http://www.codigopenal.adv.br/#a213>> Acesso em 22 de abril de 2010.
- COELHO, Ana Alice T. L.; HOCH, Lothar C. *Aconselhamento em grupos na igreja local*. 2008. 47 f. TCCP (Especialização em Aconselhamento e Psicologia Pastoral) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-Graduação em Teologia, São Leopoldo, 2008.
- FEDERAÇÃO Luterana Mundial. Departamento de Missão e Desenvolvimento; SINGH, Priscilla. *As Igrejas dizem "não" à violência contra a mulher: plano de ação para as Igrejas*. Genebra, 2005.
- GABEL, Marceline. *Crianças vítimas de abuso sexual* – São Paulo: Summus, 1997.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *FALAR DE DEUS a partir do sofrimento do inocente – uma reflexão sobre o livro de Jó*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- HABIGZANG, Luísa F.; KOLLER, Silvia H.; AZEVEDO, Gabriela A; MACHADO, Paula X. *Abuso Sexual Infantil e Dinâmica Familiar: Aspectos Observados em Processos Jurídicos – Psi.: Teor. E Pesq.*, Vol. 21 n.3, Brasília, set-dez 2005, pg. 341-348
- HERBES, Nilton Eliseu. *Manchas roxas: violência contra a mulher*. TCC (Bacharel

em Teologia) – Faculdades EST, São Leopoldo, 1996.

HEGGEN, Carolyn Holderread. *Abuso sexual en los hogares cristianos y la Iglesia*. Bogotá: Ediciones Clara, Guatemala: Ediciones Semilla, 2002.

HOCH, Lothar Carlos; HEIMANN, Thomas; WONDRACEK, Karin Hellen Kepler; SIMPÓSIO DE ACONSELHAMENTO E PSICOLOGIA PASTORAL 6. 2007. São Leopoldo, RS. *Aconselhamento pastoral e espiritualidade*. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2008.

_____; ROCCA LARROSA, Susana Maria; GAEDE NETO, Rodolfo; WONDRACEK, Karin Hellen Kepler; STRECK, Valburga Schmidt; DREHER, Sofia Cristina; KRATOCHVIL, Ruth; NEUENFELDT, Elaine. *Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado*. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2007.

HURDING, Roger F. *A ÁRVORE DA CURA – modelos de aconselhamento e psicoterapia*. São Paulo: Vida Nova, 1995.

KORNFELD, David. *Aprofundando a Restauração da Alma através de Grupos de Apoio*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

KORNFELD, Débora. *Vítima, sobrevivente, vencedor!* Perspectivas sobre abuso sexual. São Paulo: Sepal, 2000.

LANGBERG, Diane M. *Abuso Sexual: aconselhando vítimas*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002.

MADANES, Cloé. *Sexo, amor y violencia: estrategias de transformación*. Barcelona: Paidós, 1993.

_____; KEIM, James P.; SMELSER, Dinah. *Violencia masculina*. Barcelona: Granica, 1997.

MOURA, Andreína S; KOLLER, Silvia H. *A Criança na perspectiva do abusador sexual*. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

MOURA, Leides B. A. *Empoderamento Comunitário – uma proposta de enfrentamento de vulnerabilidades*. Brasília: Letras Livres, 2008.

MUELLER, Enio R. *Caminhos de Reconciliação: A mensagem da Bíblia*. São Leopoldo: Grafar, 2010, no prelo.

MURARO, Rose Marie – *A Mulher no Terceiro Milênio: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro*. 2 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

NOÉ, Sidnei Vilmar; HOCH, Lothar Carlos; WONDRACEK, Karin Hellen Kepler; SIMPÓSIO DE ACONSELHAMENTO E PSICOLOGIA PASTORAL 1. 2002. São Leopoldo, RS. *Comunidade terapêutica: cuidando do ser através de relações de ajuda*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Sinodal, 2003.

NUNES, Cristina Brandt. *A violência intrafamiliar contra a criança e o adolescente na perspectiva de profissionais de saúde*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências, Universidade Federal de São Paulo, Escola Paulista de Medicina, São Paulo, 2007.

PADILHA, Maria da Graça; GOMIDE, Paula Inês Cunha. Descrição de um processo terapêutico em grupos para adolescentes vítimas de abuso sexual. *Estudos de Psicologia* 2004, 9(1), p. 53-61.

PERELBERG, Rosine J.; MILLER, Ann C. (Orgs.) *Os sexos e o poder nas famílias*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

RIQUELME MARTINEZ, Raquel C. *Uma história não contada: estudo de caso*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 1999.

RINKLIN, Ruth. *A fé cristã como auxílio na recuperação da dignidade humana em vítimas de abuso sexual*. Monografia (Pós-Graduação em Aconselhamento e Psicologia Pastoral), Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo 2004.

RIBLE, Phyllis. Uma concubina anônima: o cúmulo da violência. *Estudos Bíblicos - A mulher na Bíblia*. n.20, Petrópolis: Vozes, 1988, p. 26-45.

ROESE, Anete. *Espaços de cuidado – movimentos de ressurreição: teoria e método para o processo de acompanhamento pastoral terapêutico de grupos*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação, Faculdades EST, São Leopoldo, 2004.

SANTOS, Beatriz Camargo dos. PROGRAMA DE APOIO A MENINOS E MENINAS. CENTRO DE DEFESA DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE BERTHOLDO WEBER. *Maus-tratos e abuso sexual contra crianças e adolescentes: perfil da situação no Estado do Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: 1998.

SANTOS, Hélio de Oliveira. *Crianças Violadas*. CENTRO BRASILEIRO PARA A INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA. Brasília: CBIA, CRAMI, 1991.

SCHEUNEMANN, Arno V. Pequenos grupos: um caminho que viabiliza a comunidade terapêutica na comunidade cristã. *IGREJA LUTERANA*, vol. 57, n. 2, p. 175-186, São Leopoldo, 1998.

SQUIZATTO, Ana; PEREIRA, Wilza. *Violência sexual – caracterização dos registros realizados em 2004 pela Coordenadoria Geral de Medicina Legal de Cuiabá – MT*. Artigo baseado em monografia do Curso de Especialização em Saúde Mental, Escola de Saúde Pública, Universidade Federal do Mato Grosso em parceria com a Secretaria de Estado de Saúde (SES). Disponível em

<www.seguranca.mt.gov.br/politec/3c/artigos/Seminario_ana.squizatto.pdf> Acesso em 01 de abril de 2010.

STAPLETON, Ruth C. *A CURA PELA FÉ*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora RECORD, 1976.

THOMAS, Eva. *A violação do silêncio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

WALSH, Froma. *Fortalecendo a Resiliência Familiar*. São Paulo: ROCA, 2005.

WHITE, Anne S. *HEALING ADVENTURE* – the real meaning of Divine Healing. Plainfield, N.J.: LOGOS INTERNACIONAL, 1969.

WONDRACECK, Karin H. K. ; HERNANDÉZ, Carlos J. *Aprendendo a lidar com crises*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

ZAPPA, Adair; JUKEMURA, Ricardo; FISBERG, Mauro e MEDEIROS, Élide. *Estatísticas e epidemiologia da violência Estatuto da Criança e do Adolescente*. Disponível em <<http://br.monografias.com/trabalhos2/estatisticas-epidemiologia-violencia/estatisticas-epidemiologia-violencia2.shtml>> Acesso em 02 de abril de 2010 e o Artigo Original: Revista: *PEDIATRIA MODERNA* - Edição: Nov 2000 V 36 N11.

ANEXO 1 – LISTA DE EFEITOS PÓS- INCESTO¹¹⁸

Marque os itens com os quais você se identifica, total ou parcialmente:

1. Medo de ficar sozinho (a) na escuridão e de dormir sozinho (a); pesadelos especialmente de perseguições, ameaças, assaltos, ou de estar sendo preso (a) por alguém.
2. Dificuldade em engolir; baixa tolerância a água no rosto (inclusive quando nadando ou tomando banho); sentimentos de sufocação.
3. Alienação do corpo – não estar à vontade com seu próprio corpo; falta de sensibilidade quanto ao corpo; negligência do corpo; desprezo do corpo; manipulação do tamanho do corpo para evitar atração sexual (por exemplo, comendo demais).
4. Problemas gastrointestinais e/ou ginecológicos (por exemplo: frequentes infecções vaginais); dor de cabeça; artrite e dor nas juntas.
5. Uso de bastante roupa, mesmo no calor; roupa muito larga; relutância de tirar a roupa mesmo quando apropriado fazê-lo (por exemplo, para nadar, tomar banho, dormir); necessidade de privacidade absoluta ao usar o banheiro.
6. Problemas de alimentação (anorexia nervosa, bulimia); abuso de drogas ou bebida; outros vícios; comportamentos compulsivos.
7. Tentativas de autodestruição (por exemplo, se cortando; outras formas de auto-abuso).
8. Fobias
9. Necessidade de ser invisível; perfeito (a); ou perfeitamente mau.
10. Pensamentos de suicídio; tentativas de suicídio; obsessão com suicídio.
11. Depressão; choro sem motivo.
12. Raiva; inability de reconhecer, assumir ou expressar raiva; medo da raiva, real ou imaginária; raiva constante; hostilidade intensa contra um grupo representado pelo agressor (por exemplo: ódio pelo sexo oposto, ou por toda pessoa de certa raça...)
13. Tendência de se “separar” de si mesma (o), como se estivesse fora do próprio corpo; entrando em “parafuso” ou ficando paralisado (a) diante de uma crise; inability de sentir emoções; dores físicas ou total falta de sentimento diante de certas situações, lembranças ou emoções.
14. Controle rígido dos pensamentos, falta de senso de humor; seriedade extrema.
15. Na infância: esconder-se; ficar no canto do quarto (procurando segurança). Quando adulto (a): nervosismo ao sentir que está sendo vigiado (a) ou quando alguém o (a) assusta; se assusta extrema e facilmente.
16. Inabilidade de confiar (“confiar é perigoso”); ou confiar em qualquer pessoa, sem discriminação.
17. Tendência a assumir riscos sem ponderar os perigos; ou inability total em se arriscar.
18. Assuntos de limites pessoais: autocontrole, poder, controle do ambiente, medo de perder o controle; comportamentos obsessivo-compulsivos (tentativas de controlar coisas que não têm muita importância somente para sentir que está no controle)
19. Culpa, vergonha; baixa autoestima; sentimento de não ter valor; apreciação exagerada de favores pequenos feitos por outros.

¹¹⁸ Extraído e traduzido do livro *Secret Survivors* de E. Sue Blume, Cf. KORNFIELD, 2000, p. 163 - 166

20. Padrão de ser a vítima (inclusive autovitimização depois de ser vitimado (a) pelos outros), especialmente na área sexual; falta de percepção de seu próprio poder e habilidade de estabelecer e manter limites saudáveis e dizer “não”; padrão de relacionamento com pessoas muito mais velhas (começa na adolescência).
21. Sentir-se obrigado (a) a produzir e ser amado, fazendo como por instinto o que os outros querem ou precisam; relacionamentos significam ter que dar muito para receber pouco (o “amor” é exigido, não opcional).
22. Sentimentos profundos de abandono.
23. Falta total de memória quanto a certo(s) período(s) da infância ou adolescência; inabilidade em lembrar-se de certa pessoa ou de certo lugar.
24. Sentimento de estar carregando um segredo horrível; forte desejo de expô-lo ou medo de expô-lo; certeza de que ninguém vai escutar ou acreditar em sua versão; geralmente fechado (a), não querendo se abrir; sentimento de que o próprio corpo está traindo “o segredo”.
25. Sentimento de loucura; sentimento de ser diferente de todo o mundo; sentimento de ser irreal e o resto do mundo real, ou vice-versa, criando um mundo de fantasias, de relacionamentos ou identidades (especialmente as mulheres imaginando-se homens e portanto não mais vulneráveis a eles).
26. Negação: falta total de percepção; repressão de memórias; fingimentos; minimizando (não foi na realidade tão horrível assim...); autoconvencimento de que as lembranças são apenas imaginações; reações fortemente negativas a uma pessoa, um lugar ou um evento; *flashes* sensoriais (sentimentos físicos) sem significância identificada; lembrança de um lugar, sem recordar-se do que aconteceu lá.
27. Assuntos sexuais: sentimento que o sexo é “sujo”; intolerância ao ser tocada (o), inclusive por médico, e especialmente no exame ginecológico; aversão muito forte a (ou carência de) certos comportamentos sexuais; sentimento de traição do próprio corpo; dificuldade de integrar sexualidade com emoções; confusão entre afeto, sexo, agressividade e violência; necessidade de domínio e controle na área sexual (mulheres: autoabuso e manipulação; homens: abuso de outros); ou compulsivamente sedutor (a) ou totalmente assexuado (a); tem que ser o(a) agressor(a) sexual, ou não pode tomar iniciativa sexual; sexo impessoal e promíscuo com pessoas desconhecidas junto com inabilidade de ter relação sexual num relacionamento íntimo (conflito entre sexo e amor); prostituta(o); “símbolo sexual”; envolvimento com pornografia; uso do sexo para expressar raiva ou vingança; vício sexual; negação total da sexualidade; “congelamento” de sentimentos sexuais; choro pós-orgasmo; todo envolvimento sexual parece violação; sexualizar qualquer relacionamento significativo; reação erótica a abuso ou raiva; fantasias sexuais de dominação ou estupro.
28. Padrão de relacionamentos ambivalentes ou intensamente conflituosos; inabilidade de manter relacionamentos íntimos.
29. Tendência a evitar espelhos (ligado ao desejo de ser “invisível”, vergonha e baixa auto-estima; falta de confiança na imagem do corpo).
30. Desejo de mudar de nome (de não ter mais ligação com o agressor, ou de assumir controle de si através de poder se autoneamar).
31. Baixa tolerância do sentimento de bem-estar; fuga deste sentimento; inabilidade de confiar nele.

32. Aversão a fazer barulho (inclusive no ato sexual; choro; riso; qualquer outra função do corpo); hipervigilância da fala (escolhendo as palavras com maior cuidado); uso de tom de voz baixa, especialmente quando precisa ser ouvida (o).
33. Adultos: furto (tentativa inconsciente de se vingar de tudo que foi roubado de si). Na infância: furtos e incêndios.
34. Síndrome de personalidades múltiplas.

ANEXO 2 - GRUPOS DE APOIO PARA VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL¹¹⁹

Passo 1: Reconhecendo Minha Impotência: Reconheço que estou impotente diante das mágoas consequentes do abuso sexual. Não consigo me curar. Eu me submeto a Deus para que Ele me sare.

“Admito que todos os meus próprios esforços para me curar têm falhado. Preciso de ajuda, do socorro que só Deus pode me dar. Perdi o domínio sobre minha própria vida”.

1. O que é “poder”? O que significa uma pessoa “ser poderosa”? Cite alguns tipos de poder que existem.
2. Com quais destes tipos de poder você mais se identifica?
3. Como o dicionário define “impotência”? O que isso significa para você?
4. Descreva o sentimento de impotência.
5. Que diferença há entre a impotência sentida pela vítima de abuso sexual e a nossa impotência sem Deus?
6. Qual é a diferença entre ser uma “vítima” e a nossa dependência de Deus?
7. Desenhe um “brasão” pessoal, dividindo-o em seis quadros (use uma folha inteira de papel; modifique-o à vontade):
Para cada desses seis quadros desenhe uma figura ou um símbolo que represente a sua resposta às seguintes perguntas:
 - a. O que considero a maior vitória de minha vida até agora?
 - b. O que considero a maior vitória de minha família até agora?
 - c. O que alguém poderia fazer por mim para que eu me sentisse feliz?
 - d. Que tem sido minha maior derrota pessoal até agora?
 - e. O que eu faria se tivesse um ano pra viver, e fosse garantido o sucesso em qualquer coisa que eu tentasse fazer?
 - f. O que eu gostaria que outras pessoas dissessem a meu respeito?
 Leve seu brasão para o próximo encontro de seu grupo de apoio.

Passo 2: Reconhecendo Minha Vitória em Cristo: Afirmo que o plano de Deus para minha vida inclui vitória sobre as consequências de abuso sexual.

“Devido ao abuso que sofri, a minha idéia de ‘quem é Deus’ é distorcida. A minha vitória tem mais a ver com aprender quem Ele é, e quem eu sou, do que como ‘devo’ me sentir e me comportar. A vitória não depende de que eu sempre faça as escolhas certas, ou sempre me comporte bem, ou não tenha mais lutas e falhas. Aceito o fato de que estou num processo de cura. Como qualquer outra pessoa, vou falhar e pecar. Quando isto acontecer, estarei aprendendo a ir direto a Deus, confessar, arrepender-me, pedir perdão e aproveitar de novo Sua graça. Sei que ele me aceita porque sou filho(a) amado(a), e Ele está do meu lado, me compreendendo e torcendo por mim. Conforme eu abro minha vida a Ele, seu Espírito produz frutos bons na minha vida”.

Pense sobre a formação religiosa que você tem, seja ela qual for:

1. Você foi criado (a) num lar cristão? Se a resposta for positiva, o que significava ser “cristão” em sua família?
2. A pessoa que abusou de você era cristã ou religiosa? Descreva as atitudes e os comportamentos dessa pessoa.

¹¹⁹ Extraído e traduzido do livro *Helping Victims of Sexual Abuse*, da Bethany House Publishers, Minneapolis, Cf. KORNFIELD, 2000, p. 171 - 196.

3. Que atitudes e comportamentos a respeito de Deus foram-lhe ensinados por sua família? (Inclua tanto ensino explícito quanto implícito: verbal e não verbal.)
4. Descreva um cristão “vitorioso”. Você se encaixa nisso?
5. A seguir você verá cinco afirmações. Complete cada frase, escrevendo seus pensamentos como num diário pessoal. Use qualquer forma de expressão: poesia, narrativa, descrição, argumento, etc. Pense sobre as imagens que você tinha de Deus na sua infância, desde as primeiras até as atuais.
 - a. Deus era como...
 - b. Ele se sentia a meu respeito...
 - c. Ele se encontrava...
 - d. Deus se situava a respeito de meu abuso como...
 - e. Sinto a presença dele comigo como...
6. Numa folha de papel, desenhe Deus. Uma vez completo o seu desenho, escreva uma ou mais frases explicando-o.

Passo 3: Experimentando Libertação dos Sentimentos de Vergonha (Culpa Falsa) e Culpa Verdadeira: O meu abusador é responsável pelos atos sexuais cometidos contra mim. Não aceito a culpa e a vergonha resultantes destes atos.

“Cresci pensando e sentindo que eu era a/o culpada (o) pelo abuso que sofri. Agora eu reconheço que acreditei numa mentira. Reconheço que tenho tido vergonha de mim mesmo. Começo a identificar esta ‘identidade de vergonha’ e as múltiplas facetas na minha vida. Reconheço de novo que Deus me ama porque Ele é amor, e eu sou filha/o dEle. Não preciso merecer, conquistar, manipular ou, de alguma forma, comprar esse amor”.

As seguintes tarefas podem ser divididas para serem usadas ao longo de várias semanas

Vergonha (Culpa Falsa) – Projeto 1: Mensagens Mentirosas

A vergonha ou culpa falsa, faz com que nos sintamos pessoas “más”. Precisamos identificar as fontes das “mensagens” a nosso respeito nas quais temos acreditado. Poderemos, então, expor essas mensagens à luz da verdade. Isto nos fornecerá a oportunidade de nos arriscarmos na **escolha** de como vamos nos encarar.

Estude os seguintes indicadores de um sistema familiar baseado em vergonha. Quais caracterizam (ou caracterizavam) a família na qual você foi criada(o)? (qualquer que seja a situação familiar que teve impacto em sua formação).

1. Fui envergonhado (a) por adultos diante dos outros pelo meu comportamento? (descreva um acontecimento específico)
2. Fui zombado (a) ou ridicularizado (a)? A respeito de quê?
3. Fui constantemente comparada (o) com outra criança? Com quem?
4. Fui humilhada (o) diante de outras pessoas? Quem fez isso comigo?
5. Senti, de alguma forma, que eu desapontava meus pais? Como?
6. Cobravam “perfeição” de mim? Alguma vez eu me senti suficientemente bom/boa?
7. Parecia ser minha responsabilidade assegurar que os sentimentos de outras pessoas não fossem machucados e que não houvesse conflitos entre elas?
8. Meus pais comunicaram a mim (em palavras ou atitudes) que eram “impotentes” para solucionar os problemas da família? Às vezes, tenho me

- sentido preso dentro de minhas circunstâncias, sentindo que nada jamais mudará para mim?
9. Houve violência física em minha família? Quem foi que abusou de mim fisicamente? Descreva um evento específico.
 10. Houve alguma atitude sedutora, com comentários insinuantes a meu respeito, por algum membro da família?
Alguém da família se envolvia com pornografia (revistas, filmes, fotografar outros dessa maneira)?
Houve comportamento homossexual na minha família?
 11. Alguém na minha família era viciado em drogas, álcool, desvios sexuais, glotonaria, jogos de azar, consumismo, ou, em trabalho ou ministério?
 12. Como eu descreveria o tipo de relacionamentos dentro da minha família?
 - a. Embaraçado: todo mundo mexia constantemente nas vidas dos outros, sem limites pessoais, nem privacidade; tudo era uma grande confusão. As coisas que eu fazia ou sentia pareciam importantes para meus pais.
 - b. Isolado: cada um cuidava só de si, sem comunicação, nem expressão de sentimentos.
 - c. Superlegalista: as regras eram rígidas, havia controle severo sobre comportamentos.
 - d. Caótico: não havia, nunca, alguém no controle; cada um fazia o que quisesse, sem preocupação um pelo outro; negligência física e emocional
 - e. Perfeccionista: havia sentimento do “tudo ou nada” – “ou você faz o que eu quero do jeito que eu quero ou você não me ama”; tudo era maravilhoso ou terrível; qualquer situação julgada “menos que perfeita”, era considerada terrível.
 13. Sentia que sempre precisava “manter aparências” ou “fazer a coisa certa” para assegurar a boa reputação da minha família?
 14. Em minha família, alguém sempre deveria ser o culpado, caso houvesse qualquer transtorno? Eu era castigado por todo e qualquer erro?
 15. Como é que minha família definia “sucesso”? Eu sou um sucesso?
 16. Quando houve problemas ou conflitos em casa, a minha família tentava negá-los ou ignorá-los?

Depois de haver respondido a essas perguntas, medite sobre suas respostas por um ou dois dias. Então complete o seu trabalho respondendo ao seguinte: Somando todos os seus pensamentos, escreva 3 ou 4 “mensagens” que você tem acreditado a respeito de si mesmo como resultado direto das maneiras como sua família lhe comunicou isso.

Vergonha (Culpa Falsa) – Projeto 2: Reconhecendo Nossos Sentimentos

Muitas vezes é difícil para o sobrevivente de abuso sexual reconhecer a vergonha que sentia na infância, especialmente se estes sentimentos foram reprimidos por muito tempo. O propósito desta tarefa é soltar esses sentimentos de vergonha.

Procure uma foto de você como criança. Traga-a para o próximo encontro do grupo de apoio. Antes do encontro, estude a foto, e complete por escrito as seguintes frases:

- Esta criança foi abusada sexualmente por...
- Esta criança foi abusada sexualmente porque...
- Esta criança precisava de ...
- Esta criança se sentia...

- Esta criança acreditava que...
- Esta criança decidiu que...
- Se eu pudesse adotar essa criança, eu *a adotaria/não a adotaria*, porque...

Considerando algumas das mensagens negativas que foram comunicadas a esta criança, escreva a respeito de algumas diferenças entre mensagens de vergonha (culpa falsa) e mensagens de culpa verdadeira:

- De onde vêm os sentimentos de culpa verdadeira?
- De onde vêm os sentimentos de culpa falsa (vergonha)?
- Como poderia a criança nessa foto reconhecer a diferença?
- Quando esta criança pensa sobre si mesma, qual a influência do sentimento de vergonha? E quando ela pensa sobre outras pessoas?
- Qual a influência do sentimento de vergonha, quando a criança na foto tenta se sentir no controle/com poder sobre sua situação, adequada para lidar com sua vida? Qual a influência quanto a ceder controle a outros?
- Compare esses pensamentos a respeito de você como criança, com as atitudes que você tem agora como pessoa adulta
- Qual a influência do sentimento de vergonha na minha atitude a respeito de mim mesmo, já que sou adulto (a)? Eles afetam os meus relacionamentos com outros?
- Qual a influencia da vergonha no meu uso do controle/poder na minha vida adulta? Estou deixando outros me controlarem ou exercerem poder sobre mim?

Estas perguntas podem ajudar você a identificar sentimentos profundos de vergonha. Provavelmente este exercício foi doloroso demais para você. Tente não negar a sua dor; permita-se senti-la. Você pode compartilhar esses sentimentos dolorosos com seu grupo de apoio.

Vergonha (Culpa Falsa) – Projeto 3

Além de entender a diferença entre vergonha (culpa falsa) e culpa verdadeira, e reconhecer seus próprios sentimentos de vergonha e as “mensagens” que geraram esses sentimentos, é necessário identificar áreas de responsabilidade que você carrega a respeito do abuso.

1. O que é que eu tenho dito a mim mesmo (a) a respeito de minha responsabilidade pelo abuso?
2. Quais são as responsabilidades do abusador a respeito do que ele fez?
3. Diante de Deus, quais são as minhas responsabilidades?
4. Diante de Deus, quais são as responsabilidades do abusador?
5. De que maneiras tenho assumido responsabilidades que, na verdade, não são minhas?
6. O que me atrapalha quanto a “soltar” estes sentimentos de responsabilidade pelo abuso acontecido?

Vergonha (Culpa Falsa) – Projeto 4: Identificando Vergonha Sexual

Use quantas folhas de papel forem necessárias para completar as seguintes tabelas. Deixe espaço suficiente entre as perguntas para poder acrescentar qualquer detalhe.

Mensagens da infância	Eu	Meu cônjuge/outra pessoa
Quais as mensagens que você		

recebeu na infância a respeito do seu corpo?		
Quais foram as atitudes de seus pais quanto a nudez/modéstia?		
O que aprendeu na infância; quem lhe contou, e como você se sentia a respeito de: - gravidez? - nascimento? - relação sexual? - masturbação? - homossexualismo? - doenças sexualmente transmissíveis?		
Histórico de abuso sexual/Infância	Eu	Meu cônjuge/outra pessoa
Atividades sexuais com pessoas mais velhas: - idade quando aconteceu - idade da outra pessoa		
Que tipo de atividade sexual foi? - apenas olhar - insinuações verbais - toques genitais - penetração vaginal - contato anal - outro		
Você na infância viu seus pais ou outros no ato sexual? Ouviu? Descreva seus sentimentos.		
Adolescência/ Idade Adulta	Eu	Meu cônjuge/outra pessoa
Masturbação: - idade em que começou - castigo sofrido - frequência - feito por si mesmo ou por outros (método) - fantasias acompanhantes - contou para o cônjuge?		
“Ficar”: - idade em que começou - frequência - número de parceiros - tipos de atividades		
Relações Sexuais: - frequência - número de parceiros - sexo do parceiro (igual ou		

oposto) - tipos de parceiros (cônjuge, noivo, namorado, prostituta, outro) Sentimentos a respeito de relações sexuais extraconjugais		
Uso de pornografia: - frequência - tipos - lugares		
PARA HOMENS	Eu	Minha esposa/ outra pessoa
Você se sente masculino?		
Você se sente aceito na sua turma?		
Você se sente de alguma forma afeminado?		
Quais são seus sentimentos a respeito de: - tamanho de seu corpo (peso, altura)? - sua aparência (formosura, virilidade)? - sua voz? - distribuição de cabelos? - seus órgãos genitais?		
PARA MULHERES	EU	Meu marido/ outra pessoa
Você se sente feminina?		
Você se sente aceita na turma?		
Você se sente sexualmente adequada?		
Você se sente considerada por outras pessoas como “masculina”?		
Como você se sente a respeito de: - tamanho de seu corpo (altura, peso)? - sua aparência (beleza)? - tamanho dos seios, quadris, genitais? - seu funcionamento sexual		
TODOS: Sentimentos a respeito de:	Eu	Meu cônjuge/ outra pessoa
Namoro / noivado: - atividade sexual		

- beijos - “ficar” - “transar” - número de parceiros		
Casamento: - relações sexuais antes do casamento - a lua de mel (gostosa / aborrecida)? Cônjuge cuidadoso? Complicações (dor, frigidez, impotência)?		
Sexo no casamento: - satisfação de um modo geral - perspectiva da satisfação do cônjuge de modo geral - sexo extraconjugal?		

Agora, escreva a respeito de outras mensagens que você tenha recebido quanto à sexualidade, tanto verbais (explícitas) quanto não-verbais (implícitas). Quais são as coisas que se fala a respeito de sexo, no meio em que você vive (por exemplo: “sexo é sujo”, ou “sexo faz bem à saúde”, etc.)? Você de alguma forma chegou a pensar dessa forma? Como você avalia essas “crenças populares” agora?

Uma advertência importante sobre o que você deve compartilhar acerca disso tudo no grupo de apoio: O valor da maior parte deste exercício talvez seja orientá-lo a avaliar sua experiência sexual e chegar a conclusões que o ajudem. Estas conclusões talvez sejam apropriadas para compartilhar no grupo, mas não o conteúdo todo. Antes de divulgar informações detalhadas quanto às suas experiências, leve seriamente em consideração os traumas/sensibilidades/feridas dos outros componentes de seu grupo. Se você sentir necessidade, será melhor procurar uma conversa à parte com alguém fora do grupo, e/ou com seu cônjuge, lembrando sempre que o propósito não é o de escandalizar ou traumatizar, e muito menos divertir alguém, mas sim, encontrar perdão e libertação de atitudes e atos pervertidos, sejam estes responsabilidade sua ou de outra pessoa. **De forma nenhuma queremos entrar numa “brincadeira” de comparação de experiências sexuais com os outros membros do grupo.**

Passo 4 : Descobrendo Minha Própria Identidade: Minha identidade verdadeira está em Deus e em Sua Palavra. Estou ativamente procurando minha identidade como uma pessoa amada, que tem valor.

“Só Deus tem a autoridade de dizer definitivamente que eu tenho valor, e isso devido a dois fatores: Ele é meu Criador e Ele é meu Salvador. Ele demonstrou Seu amor por mim ao morrer na cruz para me redimir. Já fui traído pelas pessoas que mais deveriam ter me amado. Só Deus é absolutamente confiável. A graça dEle é a única fonte de cura verdadeira. Eu era vítima. Agora, sou filho(a) amado(a). Reconheço, pouco a pouco, a diferença que isto faz em cada área da minha vida”.

1. Como defino “identidade própria”?
2. Quais os termos eu uso para me definir ou descrever?
3. Se tivesse o poder de fazê-lo, o que gostaria de mudar em mim?
4. Quais as coisas de que eu gosto em mim?

5. Com quais pessoas me sinto amado (a) e valioso (a)? Como é que eles conseguem fazer com que eu me sinta assim?
6. Com quais pessoas me sinto defeituoso/a, inadequado/a, sentindo que nunca vou ser “bom/boa o suficiente”? Como é que eles conseguem fazer que eu me sinta assim?
7. O que eu faço para conquistar outras pessoas, a fim de que elas me encarem como pessoa valiosa?
8. Como é que eu me protejo para que outros não saibam como realmente me sinto a meu respeito?
9. Até que ponto meu comportamento ou minha autoproteção tem me ajudado a desenvolver uma autoimagem saudável?
10. Conforme Efésios, capítulos 1 a 3:
 - a. O que Deus diz que eu sou?
 - b. O que eu digo que sou?
11. Imagine um copo de vidro com água suja e escura pela metade. Usando só um conta-gotas, você precisa encher esse copo com água limpa e cristalina até que a água do copo não pareça mais sombria. Depois das primeiras gotas você vê pouca diferença. Não desista! Pouco a pouco, gota a gota, continue a acrescentar água limpa. Logo você começará a ver a diferença. A água do copo parecerá um pouco menos suja. À medida que você for colocando suas gotas de água limpa, mais clareza verá no copo. Mesmo que ali tenha havido resíduos de sujeira por muito tempo, a situação irá melhorar bastante. De forma parecida, conforme incorporarmos em nossas mentes a Palavra de Deus, os conceitos falsos colocados lá pelo inimigo começarão a se dissipar, até que possamos nos avaliar de modo equilibrado e verdadeiro.

Passo 5: Compartilhando Sentimentos (Raiva, Tristeza, Luto, Medo, Ansiedade, Fobias): Estou honestamente compartilhando meus sentimentos com Deus e com pelo menos outra pessoa, para identificar as áreas que requerem purificação e cura.

“Estou descobrindo que meus sentimentos são válidos. Sentir raiva, mágoa, ressentimento, tristeza e medo não significa que sou má pessoa. Deus criou as emoções. Elas têm propósito. Começo a identificar estes sentimentos e o porquê deles. Não os deixo girar em mim, mas começo a falar deles, mesmo do sentimento de vergonha. Começo a expressá-los por vários meios: por escrito, em desenhos, em poesias, em teatro, em artesanato... aquilo que melhor funciona para mim. Pouco a pouco me abro para sentir minhas emoções, em vez de rejeitá-las ou negá-las”.

Compartilhar sentimentos é uma parte importante na recuperação do sobrevivente de abuso sexual. Será necessário um forte apoio e encorajamento, pois muitos sentimentos foram negados e reprimidos por um longo tempo. Muitos têm medo de saber “o que está lá dentro”, pois temem não aguentar ou até perder o controle. A essa altura, talvez seja importante procurar ajuda de um terapeuta profissional. Ninguém deve tentar isso sozinho, sem apoio confiável.

Você talvez queira se expressar por meio da poesia, ou então uma história “fictícia”, ou uma carta (por exemplo, escrita para você mesmo (a), como criança, da perspectiva adulta). Mas há várias formas pelas quais as pessoas podem se

expressar, não só verbalmente, mas por escrito. Se verbalmente for difícil, comece de outra forma.

O que importa aqui não é o talento artístico, e sim o sucesso no identificar e expressar sentimentos. O desenho pode ser uma ajuda para que o sobrevivente consiga se expressar ao grupo de apoio, descrevendo o que está acontecendo no desenho, como resposta à seguinte pergunta: “Como isso fez você se sentir?”

Os desenhos podem ser bem simples, fazendo uso de “figuras-pau” ou então de símbolos para representar pessoas e eventos.

Um exercício que às vezes ajuda é desenhar a planta da casa onde aconteceu o abuso, identificar o(s) lugar (es) específico(s) e então descrever o que acontecia lá e como se sentiu a respeito.

Desenhe a planta da casa

Escultura familiar

No encontro do grupo de apoio, um dos membros cria uma cena representando seu sistema familiar, usando os outros do grupo para representar membros de sua família. O “escultor” coloca as pessoas em posturas e arranja-as no espaço físico para expressar relacionamentos e assuntos tais como poder, controle, passividade, impotência, intimidade ou distância emocional, etc. O “escultor” então explica a cena, quem é quem e como eles se relacionam um com o outro e com ele mesmo, e como ele se sente a respeito.

A cena pode ser utilizada então para um tipo de DRAMATIZAÇÃO, em que o “escultor” fala com cada membro da “família” como se sente a respeito dele(a). Pode modificar a cena para mostrar como o escultor gostaria que sua família se relacionasse, ou indicar ações que um ou outro poderia ter feito.

De novo, sentimentos profundos e amargos podem ser despertados através desta atividade. O grupo tem de estar pronto para oferecer apoio e compreensão dos sentimentos do “escultor” (e até de membros do grupo, pois a cena e sua descrição podem testificar dos sentimentos de outros também). Se possível, alguém experiente deve participar do grupo para prevenir uma situação que o grupo não saiba contornar.

Este passo pode demorar várias semanas, dando assim oportunidade a cada membro de se expressar conforme queira. Não force nem pressione. Se alguém não estiver pronto para este passo agora, deixe aberta a opção dele (a) voltar a este passo num encontro futuro, quando ele(a) se achar pronto(a).

Passo 6: Aceitando Responsabilidades (Identificando Mecanismos de Defesa): Aceito responsabilidade pelas minhas reações diante do incesto.

“Começo a reconhecer mecanismos de defesa que tenho usado para lidar com os efeitos do abuso sexual. Estas defesas serviram como meio de sobrevivência enquanto eu era criança, mas agora elas interferem na minha vida. Agora eu posso estabelecer metas para os meus relacionamentos, e decidir que tipo de comportamento mais vai me ajudar a atingir o tipo de relacionamentos que quero. Começo a me preocupar mais com minhas próprias atitudes e comportamento do que com a tentativa de controlar as atitudes e os comportamentos de outras pessoas. Já que não sou mais vítima, posso assumir responsabilidade por mim mesmo (a)”.

1. Como defino “responsabilidade”?
2. Por quais pessoas ou coisas eu sou responsável?

3. Quem é responsável pelo abuso que sofri? Essa pessoa é responsável especificamente pelo quê?
4. Quanta responsabilidade tenho assumido pelo abuso que sofri?
5. Em geral, acho que sou:
 - a. Responsável demais (assumindo responsabilidades de outras pessoas)? ou
 - b. Irresponsável demais (fugindo de responsabilidades que são minhas)?
 - c. Em quais áreas da vida eu demonstro cada uma dessas atitudes?
6. Na lista a seguir, coloque um círculo em cada palavra que expresse uma reação sua diante de seu abuso:

Vergonha Medo Ira Raiva Amargura Ódio de si
Desconfiança Depressão Manipulação Desonestidade
Negação Uso de drogas ou álcool Promiscuidade Ódio de
homens Ódio de mulheres Bulimia Anorexia Glotonaria
Pensamentos/tentativas de suicídio Abuso de outros

7. Algumas destas reações foram certas e saudáveis? Quais me serviram bem, enquanto criança?
8. Essas reações continuam sendo boas para mim, como adulto? Quais as reações que eu gostaria de modificar? Estou em paz com estas tendências na minha vida?
9. O que me impede de modificar as tendências que eu gostaria de mudar? O que poderia me ajudar?
10. Qual é a responsabilidade de Deus no meu crescimento como pessoa?

Escudos de Autodefesa

Estude o seguinte material sobre mecanismo de defesa e “escudos de autodefesa”. Depois, responda às perguntas no final:

Mecanismos de defesa comumente utilizados:

- Racionalização: o convencimento de que a situação não é o que parece ser.
- Supressão: tentativa de esquecer ou ignorar as coisas que são difíceis de contornar
- Repressão: bloqueio de lembranças dolorosas da memória consciente
- Negação: recusa de admitir/aceitar a realidade
- Deslocamento: trocar o objeto de uma reação emocional (em vez de chutar o chefe, chutar o gato)
- Formação de reação: substituir uma emoção exagerada, mas aceitável, por um sentimento oposto inaceitável
- Projeção: atribuição de seus próprios sentimentos e atitudes aos outros

Todos empregam mecanismos de defesa, uma vez ou outra, mas quando estes se tornam hábitos, passam a ser doentios e disfuncionais. A criança indefesa teve de fazer uso destes (ou de outros) mecanismos para sobreviver. Mas, eis que chega a hora em que eles são barreiras, prevenindo nossa maturação e atuação apropriadas como pessoas adultas.

“**Escudos de autodefesa**” são padrões de comportamentos desenvolvidos da mesma forma que os mecanismos de defesa: para sobreviver numa situação intolerável. Também podem ter sido aprendidos através dos comportamentos de outras pessoas, especialmente dentro da família, enquanto éramos crianças. Assim

como no caso dos mecanismos de defesa, esses comportamentos são disfuncionais na vida adulta, prejudicando nosso desenvolvimento e nossa cura. Alguns mecanismos de defesa muito comuns:

- O Pacificador: *paz a qualquer custo* – Protege a pessoa da desaprovação de outros. Ela se conforma sempre com os desejos/preferências dos outros, evitando qualquer conflito que possa ameaçar seu sentido de aprovação pelos outros. O custo deste tipo de “paz” realmente é alto: a pessoa se anula, massacrando sua própria personalidade. Muitos sobreviventes acham que só podem sentir-se felizes se forem sempre aprovados e “amados”, e nunca criticados. Esse escudo protege o sobrevivente de sentir-se ameaçado pela possível desaprovação/rejeição de outros.
- O Debatedor: *eu ganho/você perde* – Cria situações em que possa sair “por cima” de outras pessoas, tentando assim mostrar seu valor e capacidade. A pessoa não se acha valiosa, então precisa estar sempre provando que está certa, que conhece mais, que é mais habilitada do que os outros. Ao mesmo tempo, usando o intelecto, protege-se de sentir ou expressar sentimentos. A pessoa não aceita fraqueza em si mesma, mas vive temendo que outra pessoa descubra como no íntimo se sente: fraca e sem valor. Infelizmente, em vez de resultar em aprovação duradoura, o uso deste escudo acaba afastando as pessoas.
- O Dominador: *eu estou no controle, de mim mesmo e dos outros*. A pessoa acha que deve poder controlar os seus próprios sentimentos, mas isto é tão difícil que ela tenta controlar tudo e todos ao redor, para se proteger de eventuais perdas de controle.
- O Egoísta: *relacionado ao dominador*, a pessoa controla outras por meio de sempre manter o foco de atenção virado para si. Diz John Powell, “É quase uma lei universal que o grau de egoísmo de uma pessoa é proporcional ao grau de dor que ela carrega”.
- A Eterna Vítima: *desconfia dos outros e os culpa por sua infelicidade*. Tem percepções de si muito distorcidas. Acha-se mártir, e facilmente acusa outros de atitudes de desprezo, falta de preocupação com suas necessidades, etc. Recua frente a aceitar responsabilidade por si mesma por causa de seu histórico trágico. É passiva e dependente dos outros. Recusa desfrutar da vida porque não “merece” felicidade. Se acha impotente, e assim se comporta. Acredita que felicidade ou falta dela é produto das circunstâncias que não pode controlar. Tende a escolher situações e relacionamentos que reforcem sua crença de que só merece sofrimento. Pode criar relacionamentos dependentes difíceis de quebrar.
- O Consertador: *preciso que você precise de mim*. Não admite sua própria carência, pois a esconde atrás da atitude de estar sempre consertando as vidas dos outros. É mais fácil tratar dos problemas dos outros, do que encarar seus próprios problemas. A análise de seus relacionamentos revela poucas amizades saudáveis. Ele se encontra sempre no meio de pessoas problemáticas – perfil que se adéqua perfeitamente às suas necessidades de ser o “salvador do mundo” –, e através dessas pessoas problemáticas encontra satisfação em criar relacionamentos dependentes, pois não quer tomar responsabilidade por si mesmo. Por trás deste escudo, encontra-se uma pessoa insegura, perfeccionista, com complexo de inferioridade, achando-se pouco amada por pessoas “normais”.

Perguntas a serem respondidas:

1. Quais desses mecanismos de defesa ou “escudos” refletem meus comportamentos e atitudes?
2. O que isso revela quanto a quem eu sou?
3. Como eles afetam meus relacionamentos com as pessoas ao meu redor? E com Deus?
4. O que eu poderia fazer para mudar o quadro?
5. Quais são as barreiras que podem interferir nesta mudança que quero efetivar?
6. Considere a seguinte afirmação: “A vítima é alguém que não estava no controle, não era responsável pelo que aconteceu e continua sendo ‘vítima’. O ‘sobrevivente’ supera o que passou e consegue assumir controle e responsabilidade por seus atos”. Em sua vida atual, você se encaixa mais como “vítima” ou como “sobrevivente”?
7. Que fatores em minha vida confirmam minha resposta à pergunta 6?

Passo 7: Perdoando: Aceito a ajuda de Deus no processo de chegar a me perdoar e a perdoar aos que têm me ofendido e machucado.

“Reconheço que não consigo perdoar sem a ajuda de Deus. Perdoar não é um ato superficial, servindo só para negar, diminuir ou espiritualizar a dor do abuso. Ele não implica necessariamente na restauração do relacionamento com o abusador. Perdoar é uma escolha da minha vontade, não de minhas emoções. Escolho liberar a pessoa – tudo o que ela é e fez – para Deus. Abro mão do direito de me vingar. Deixo isso com Deus. Reconheço que o ato de perdoar me liberta para ser curado(a), mas que a cura é um processo, algo que não acontece instantaneamente. Perdoar a mim mesmo é aceitar o fato de que sou uma pessoa normal, uma pessoa falha. Eu me perdo por atos específicos pelos quais eu tenho me machucado e machucado a outros. Reconheço meus sentimentos a respeito de Deus: raiva, desapontamento, ódio, desconfiança...”

1. Para mim, o que significa a palavra “perdão”?
2. Qual o papel de perdoar no meu processo de cura?
3. Faça uma lista de todas as pessoas que lhe tenham magoado, ofendido, tratado de forma injusta ou violando seus direitos. Como você se sente ao olhar para essa lista?
4. O que posso fazer com esses sentimentos?
5. Como me sinto a respeito de perdoar os que me tenham ofendido, abusado ou rejeitado?
6. Quais são algumas das necessidades fundamentais das crianças? Quais delas não foram atendidas na minha infância?
7. Quem era responsável por atender às necessidades, mas não atendeu?
8. Como me sinto a respeito dessas pessoas?
9. Devo considerar a possibilidade de perdoar essas pessoas?
10. O que me ensinaram a respeito do perdão aos que me ofenderam?
11. Já tentei fazer isso? Funcionou?
12. Como me sinto a respeito da frase “perdoar é esquecer”?

Perdoando a mim mesmo

1. Quais ações minhas têm prejudicado outras pessoas?
2. Quais escolhas tenho feito que exigem que eu assuma a responsabilidade de perdoar?

3. Em quais áreas não consigo me perdoar? O que é que me impede de receber o perdão de Deus?

A imagem que faço de meu corpo

1. Que partes de meu corpo eu tenho dificuldades em aceitar?
2. Quais as pessoas que me maltrataram ou falaram mal de meu corpo? De que maneira fizeram isso?
3. Sinto raiva, medo, tristeza, repugnância ou outras emoções a respeito de certas partes de meu corpo?
4. Se pudesse conversar com estas partes de meu corpo, o que eu diria? Como elas responderiam?
5. Como imagino que Deus se sente quanto a essas partes de meu corpo?
6. O que me ajudaria a “perdoar” as partes de meu corpo que me tenham causado vergonha ou dor?

Meu relacionamento com Deus

1. Escreva seus sentimentos a respeito de Deus.
2. Que assuntos em sua vida cristã preocupam em relação a estes sentimentos?
3. Escreva uma carta a Deus expressando seus sentimentos atuais (adultos) a respeito dEle.
4. Escreva uma carta a Deus expressando seus sentimentos do passado (de sua infância) a respeito dEle.
5. O que você acha que Deus lhe responderia?
6. O que atrapalha sua tentativa de aproximar-se de Deus?
7. O que ajudaria você a aproximar-se de Deus?

Passo 8: Amadurecendo em Relação a Deus e aos Outros: Quero amadurecer meu relacionamento com Deus e com outras pessoas.

“Quero conhecer a Deus do jeito que Ele realmente é. Vou mergulhar na Palavra de Deus, tomar um “banho” de Verdade. Pouco a pouco vou substituir as imagens distorcidas que tenho dEle por imagens bíblicas verdadeiras. Estou aprendendo a me respeitar e a respeitar aos outros. Meus relacionamentos começam a fluir com base no respeito mútuo e na honestidade. Sei que posso estabelecer limites nos meus relacionamentos com os outros, para meu bem e para o bem deles. Não vou tentar controlá-los, nem deixar que eles me controlem. Eu sou responsável por mim”.

Relacionamentos saudáveis dependem em grande parte da habilidade de ser **honesto** e **respeitoso** consigo e com os outros. Padrões de comportamento que desviam destes dois princípios criam relacionamentos doentios.

Passividade viola o princípio de honestidade, pois comunica mensagens mentirosas a respeito de si mesmo, do tipo “Eu não me importo; você pode se aproveitar de mim”, ou “Meus sentimentos não têm valor; façamos o que você quiser” ou “Não sou nada, você é superior a mim”.

Agressividade viola o princípio de respeito dos direitos dos outros. A pessoa agressiva também usa deste comportamento para evitar confronto direto com seus próprios sentimentos verdadeiros, e culpa os outros pelas suas próprias ansiedades.

Agressividade passiva comunica hostilidade indiretamente. É desonesta, pois tenta manipular ou até seduzir a outra pessoa sem ela perceber. Ferramentas nas mãos

da pessoa agressiva-passiva podem ser atitudes de negatividade ou falta de interesse no outro, procrastinação ou mau humor. Pode ser que a outra pessoa nem perceba a raiva por trás desses comportamentos, pois o relacionamento é indireto. Relacionamentos maduros podem crescer e ser nutridos por meio de respeito e honestidade. Envolvem afirmação de pensamentos, sentimentos e crenças de maneira direta, honesta e apropriada, que não viole os direitos da outra pessoa e nem demonstre falta de respeito.

Aprender a relacionar-se de maneira sadia pode ser um processo longo e difícil para o sobrevivente de abuso sexual. Ele pode ser agressivo em certos relacionamentos, passivo em outros e agressivo-passivo em outros. Muitos não sabem usar a palavra “não”; não sabem afirmar limites para si.

Exercícios para usar no encontro do grupo de apoio: Aprendendo a dizer “não”:

1. Dividam-se em pares, cada pessoa com um parceiro. Um tenta “vender” um produto ao parceiro. Este tem que recusar em comprar o produto, sem perder a calma, sem argumentar e sem ficar com raiva. Ele pode repetir calmamente, “Não, obrigada(o), não estou interessada(o)”. Depois de uns minutos, eles devem trocar os papéis de vendedor e comprador.

Depois de ter treinado assim no grupo, os membros devem procurar oportunidades durante a semana para aplicar essa habilidade de dizer “Não, obrigada(o)” calma e persistentemente, numa situação real da vida. No próximo encontro poderão contar suas experiências.

2. Dividam-se em pares novamente. Desta vez, o “vendedor” tenta manipular o “comprador” com críticas negativas. O “comprador”, em vez de dizer simplesmente “não”, deverá admitir a veracidade das críticas, mas mesmo assim manter sua postura de recusar a compra, sem perder a calma. Por exemplo, ela/e pode dizer: “É claro, eu vejo que minha casa tem grande necessidade de ser pintada. No entanto, não estou interessada(o) em comprar sua tinta”. O alvo deste exercício é aprender a expressar honestidade e respeito por si mesmo(a), recusando o que não quer, mesmo diante de pressão por parte da outra pessoa. Essa habilidade também capacita a pessoa a expressar respeito pelo outro por não permitir-lhe controlar o que não lhe é devido.

Mais uma vez, os membros do grupo devem procurar situações do dia-a-dia em que possam treinar o que aprenderam sobre resistência às situações de pressão.

Perguntas a serem respondidas:

1. Qual a diferença entre relacionamentos baseados em honestidade e respeito e aqueles baseados em agressividade?
2. O que significa um comportamento agressivo-passivo? Dê um exemplo real.
3. Cite algumas razões pelas quais pessoas podem recusar compartilhar seus pensamentos, crenças ou sentimentos com outras. Quais as razões por que isto é difícil pra você?
4. Em quais relacionamentos eu assumo uma postura de : Passividade? Agressividade? Agressividade-passiva?
5. Estou envolvida(o) em vários relacionamentos: cônjuge, amigos, colegas de trabalho, pais, filhos, chefe, vizinhos, membros do grupo de apoio... Em quais desses relacionamentos me sinto *mais* à vontade para:

- a. Pedir ajuda?
 - b. Recusar um pedido?
 - c. Expressar meus sentimentos a respeito de algo importante para mim?
6. Em quais desses relacionamentos me sinto *menos* à vontade para fazer essas coisas?

Estabelecendo limites pessoais

Pessoas que experimentaram abuso sexual tiveram seus limites pessoais violados. Mesmo como adultos, muitas vezes não percebem limites pessoais apropriados. Exemplo de limite é não permitir expressões de afeição que não deseje. O toque pode ser muito valioso, mas a pessoa mantém o direito de dizer “sim” ou “não” a ele. O sobrevivente pode ir a um extremo ou a outro: permitindo qualquer toque (até de repetidos abusos) porque não sabe que tem o direito de dizer “não”, ou então recusando qualquer toque por medo de ser abusado. Avalie seus limites pessoais, completando estas frases:

1. Recentemente meus limites pessoais foram violados por _____
Eu _____ me _____ senti _____
Eu _____ fiz _____
Na _____ próxima _____ vez, _____ poderei _____
2. Recentemente, eu violei os limites pessoais de _____
Eu _____ não _____ percebia _____ que _____
Eu _____ me _____ senti _____
Ele(a) _____ se _____ sentiu _____
Na _____ próxima _____ vez _____ poderei _____

Relacionamentos:

1. Descreva seu relacionamento com Deus. O que gostaria de mudar?
2. Descreva os relacionamentos atuais mais importantes de sua vida.
3. Como tenho amadurecido nestes relacionamentos até aqui no meu processo de cura?
4. Estou envolvido(a) em relacionamentos doentios? O que eu poderia mudar?

Avaliando minha habilidade de ser honesto e de respeitar a mim e aos outros:

Em cada item, coloque o número que mais descreve você, conforme esta escala: 0=não, nunca; 1=um pouco, às vezes; 2=normal; 3=muito e 4=quase sempre. Anote os itens que demonstrem que você tem dificuldade em manter um comportamento honesto e respeitoso.

- | | |
|---|--|
| 1. Quando alguém é altamente injusto, chamo a sua | |
|---|--|

atenção.	
2. Acho difícil tomar decisões.	
3. Sou abertamente crítico (a) às idéias, opiniões e comportamentos de outros.	
4. Eu reclamo em voz alta quando alguém toma meu lugar na fila.	
5. Eu evito pessoas ou situações por medo de ser envergonhado/a.	
6. Tenho confiança no meu próprio juízo.	
7. Insisto que meu cônjuge/companheiro de quarto cumpra com sua parte do serviço de casa.	
8. Tenho tendência a perder a calma.	
9. Quando um vendedor se esforça, tenho dificuldade em dizer "não", mesmo quando o produto não seja o que quero.	
10. Quando alguém que chega depois de mim é servido primeiro, chamo atenção à situação.	
11. Não gosto de afirmar minha opinião numa discussão ou debate.	
12. Se alguém demora em devolver dinheiro ou alguma coisa que tomou emprestado, chamo sua atenção ao fato.	
13. Continuo a argumentar meu ponto de vista, mesmo quando a outra pessoa não quer discutir mais.	
14. Geralmente expresso o que sinto.	
15. Fico irritado se alguém me observa trabalhando.	
16. Se alguém persiste em bater ou chutar meu assento no cinema, peço que ele pare.	
Acho difícil encarar quando converso com alguém.	
17. Em um bom restaurante, quando a refeição não é bem preparada ou servida, peço que o garçom corrija a situação.	
18. Quando descubro que algo que comprei é defeituoso, devolvo a mercadoria.	
19. Demonstro minha raiva com palavrões ou xingando.	
20. Numa festa, tento fazer parte da parede ou dos móveis.	
21. Insisto que o mecânico, técnico de aparelhos elétricos, etc. cumpram com suas responsabilidades.	
22. Eu assumo responsabilidade pelas decisões de outros.	
23. Posso abertamente expressar amor e afeição.	
24. Posso pedir aos meus amigos favores e ajuda.	
25. Sinto que sempre tenho a resposta certa.	
26. Quando divirjo de alguém a quem respeito, consigo afirmar minha perspectiva.	
27. Consigo recusar pedidos pouco razoáveis de amigos e membros de minha família.	
28. Tenho dificuldade em elogiar a outros.	
29. Quando me sinto irritado(a) por alguém que esteja fumando perto de mim, consigo afirmar isso.	

30. Eu grito ou uso de intimidação para conseguir o que quero dos outros.	
31. Numa conversa, quando alguém começa uma frase, eu a termino.	
32. Chego a lutar fisicamente com outras pessoas, até com estranhos.	
33. Nas refeições familiares, eu controlo as conversas.	
34. Quando conheço alguém pela primeira vez, sou eu quem toma a iniciativa na conversa.	

Passo 9: Ministrando a Outras Pessoas: Quero ser usado(a) por Deus como instrumento de cura e restauração na vida de outros

“Reconheço a diferença entre o ‘dar’ motivado pelo desejo de receber e o dar por amor. Reconheço que minha aceitação por Deus não depende de minha ajuda a outros. Não vou ‘ganhar pontos’ com Deus ministrando a outros. Ajudar outras pessoas não vai me curar: Deus é quem me cura. Eu não vou curar ninguém: Deus é quem os cura. Servir como vínculo da graça de Deus na vida de alguém é um privilégio que Ele pode me dar, dentro de minha comunhão com Ele”.

1. Quem tem sido instrumento de restauração na minha vida?
2. Quais as áreas da minha vida onde vejo cura (comportamentos, caráter, reações, pensamentos, interação com os outros, etc.)?
3. Quais as áreas que ainda precisam passar pela experiência de cura?
4. Como podem minhas experiências capacitar-me para encorajar, aceitar e servir como instrumento de restauração na vida de outra pessoa?
5. Tenho vontade de ser usado (a) como instrumento de cura na vida de outras pessoas?

ANEXO 3 – A ESCADA DA VIDA – UM EXERCÍCIO DE IMAGINAÇÃO PELA FÉ -
Uma maneira de orar pela cura de recordações dolorosas do passado.¹²⁰ (Não exige qualquer resposta ou reação. Se a pessoa quiser, poderá responder a ela).

“Senhor, tu és parte de cada uma das nossas vidas; conheces todos os momentos que vivemos, tanto os bons como os maus. Assim sendo, Jesus, junto-me a Ti e visualizo cada uma de nossas vidas como uma escada estreita. Uma escada que está subindo e é iluminada por uma luz intensa. Jesus, Tu és o caminho, a verdade e luz; Tu és a vida. Sabemos que cada passo representa um ano de progresso nas nossas vidas.

Jesus, quando Tu estás de pé na base do degrau, nós nos vemos como um bebezinho. Estamos no fundo da escada. Pega ao colo o bebezinho que nós somos. Enquanto nos seguramos, enquanto acalenta o bebezinho, agradecemos-Te pelo fato de o Teu amor, que tudo cura, começar a penetrar em nosso coração. Todas as recordações daquele tempo que passamos no ventre de nossa mãe – todos os sofrimentos e as emoções negativas que nos vieram de fora – pedimos-Te que nos cures. Agradecemos-Te, Senhor, por estar a Tua luz limpando, purificando e transformando toda escuridão em luz. E agora, Jesus, sobe conosco a escada da vida.

À medida que fores subindo, deixa que a Tua luz restauradora remova todas as trevas de todos os momentos que já vivemos. Agradecemos-Te por tomares ao colo o bebezinho que somos e subir conosco o seguinte degrau da vida. Obrigado (a), Jesus, por esse primeiro passo e pela cura. Agora, quando pisamos o segundo degrau, vemos-Te colocar a criancinha, que agora já pode andar, no degrau, segurá-la pela mão e, enquanto subimos a escada, agradecemos-Te por estarmos subindo contigo.

Juntos passamos para o terceiro degrau. E para o quarto, para o quinto, para o sexto. No sexto ano, ao começarmos a perceber a diferença entre meninos e meninas, novas confusões e novas mudanças traumáticas acontecem... Agradecemos-Te Jesus, por curares tudo. Guiados pela Tua luz, subimos para o sétimo degrau, para o oitavo. Agradeço-Te Jesus, por não termos que recordar nada, pois sabemos que estás cuidando das coisas que necessitam de cura. Passamos para o nono degrau, sempre de mãos dadas; juntos subimos para o décimo, o décimo primeiro degrau...e assim por diante. Amém.

¹²⁰ Extraído de STAPLETON, 1976, p. 45